

REVISTA DA SEMANA



N.º 46

Cr\$ 3,00 em todo o Brasil 13-11-48



NO TEXTO:
SUPLEMENTO FEMININO
NO PRÓXIMO NÚMERO:
MODELOS PARA NOIVAS

É um Prazer voar pela *PAA*

...E EIS AQUI 6.600 RAZÕES !

6.600 é o número de empregados atenciosos, bem treinados e *experientes* que a PAA põe ao seu dispor, para servi-lo: a tripulação de vôo... o agente que faz sua reserva... o pessoal de terra que mantém os Clippers em forma, dentro dos horários e atendem a múltiplos outros detalhes indispensáveis ao seu conforto, seja na agência, no aeroporto ou no ar.

É por isso que, desde o instante em que V. S. embarca num possante e luxuoso Clipper da PAA, até sua chegada ao destino, pode ficar descansado... e gozar realmente todas as fases de sua viagem. Porque V. S. sabe que está voando nas azas da *experiência*... do momento da partida ao momento da chegada.

E pode compreender também porque afirmamos com justificado orgulho...

Viaje pela PAA ... melhor maneira não há !

PAN AMERICAN WORLD AIRWAYS

A Rede dos Clippers Voadores



Profanação de um altar

"A vida desafia o homem, e na arena em que se trava a luta o destino se vinga dos inertes".

Esta sentença que, por si só, tem o valor de um tratado de estímulos e energias, foi escrita por um sociólogo brasileiro, Antônio Viana, e está em seu livro, "Emancipação do Brasil".

Correm por todo esse mundo inúmeras edições de obras literárias e filosóficas contendo ensinamentos dirigidos àqueles que sentem fraquejar nos recessos da alma combatida o instinto de viver.

Elick Morn, Purington, Wagner e outros são lidos em todos os idiomas civilizados e, em suas páginas, encontramos farta colheita de conselhos vigorosos, de exemplos construtivos, que poderiam ser explicados nas escolas, nas fábricas, nos lares nos escritórios, enfim, em todos os lugares em que o homem sofresse na luta pela vida.

No seu livro, "Se queres viver, desperta e luta", E. Morn semeia pela humanidade milhões de salva-vidas, de luzeiros, de casis, de faróis, capazes de reanimar os que já estão sob o domínio esmagador dos pessimismos homicidas. Já houve mesmo um caso em que, certa pessoa prestes a afogar-se, lembrando num reflexo de associação de idéias, um capítulo desse livro, reagiu com tanto ímpeto que conseguiu salvar-se.

A literatura cultivada nessa direção subministra ensinamentos tão belos e úteis à humanidade, que é capaz de produzir milagres. Os governos deviam proporcionar ao povo, especialmente àqueles que trabalham e vivem corroídos pela morfeia do pessimismo e da detração, a leitura de obras literárias em cujas páginas fossem encontrados os elementos para a ressurreição de vidas às portas do aniquilamento diante da debilidade moral.

As grandes capitais como o Rio, com suas zonas diferenciadas por populações que se apresentam como marcos de várias etapas sociais, são como laboratórios permanentes de tragédias e dramas emocionantes provocados e nutridos pela falta de educação moral.

Faz poucos dias se realizou na Capital Federal um congresso de médicos especialistas em moléstias nervosas, tendo-se discutido teses que estudavam as causas desse estado mental de alarmante depressão em que vivem milhares de indivíduos, quase sempre vítimas de suicídio ou levados à prática de crimes, que os levam à condenação de um cárcere.

A Capital Federal, de algum tempo a esta parte, passou a forjar psicopatas, paranoicos, conturbados mentais, homens que andam pelas ruas a falar sozinho, a gesticular, amalucados, obcecados, como se conduzissem dentro da alma todos os problemas do mundo, episódios de aflição em casa, na rua, na praia, no trabalho, mundos de angústias, de recalques, de más leituras, de maus exemplos, de pessimismos aniquiladores.

Os médicos neurológicos analisam as causas e os efeitos. Indicam os meios. Aconselham. Descobrem as chagas sociais e advertem os incautos. Mas falta um sistema de combate a tão grande e solerte inimigo de nossa pátria. Somente um plano de educação nacional poderia evadir a desgraça que tantas vítimas causa, especialmente nos grandes centros brasileiros.

Diariamente estão cheios os jornais de notícias funestas, sobressaindo-se uma delas: o hábito do suicídio como solução para o irremediável.

Recorrem os desesperados a tóxicos, às chamas, às precipitações das culminâncias de nossas montanhas. Qual é a causa dessa onda de insanidade? Aperturas financeiras, amores contrariados, desolação na saudade, saudade dos que se foram. Os códigos de Deus e dos homens condenam a eliminação da própria vida, como ato que não encontra defesa. E é tão grave essa atitude, que o nosso Código Civil estende a pena aos próprios beneficiários de um suicida, quando este deixou pecúlio inscrito numa "apólice" de seguro, sendo nula a cláusula.

O mal que praticou é tão grave que são os inocentes órfãos ou a viúva sacrificada, os que têm que pagar pela loucura do instituidor.

Mas, deixando-se de lado essa questão de direito, encaremos o suicídio do ponto de vista moral e da estética de nossa terra.

Deu-nos a Natureza, dentre outros presentes, o contraforte do Corcovado, em cujas alturas colocou a população carioca a majestosa estátua de Cristo.

A noite, quando do sul descem as brumas sobre a Tijuca, sopradas suavemente pelas aragens do mar, quem está na orla da Guanabara, tem a impressão emocionante de que Jesus baixa à Terra emergindo das nuvens.

Vale a pena viver um dia para admirar tão empolgante espetáculo. É a "suprema visão" a que poderá aspirar um mortal. Entre lampejos que parecem irromper de seus pés, a imagem do Redentor se destaca no fundo escuro dos céus sem luar, suspensa sobre as nuvens como no dia da Ressurreição.

Pois é naquele Altar que muitos desesperados vão profanar o nome do Criador dos Mundos, cometendo o mais detestável dos crimes: a eliminação de sua própria vida.

O Corcovado já não é mais vulgar trecho da serra da Tijuca. Faz parte do patrimônio sagrado do povo carioca. Em seu vértice foi erigido um Altar, para cuja construção contribuíram brasileiros de todos os quadrantes de nossa pátria. Se a estátua que ali se ergueu não pode receber oferendas nem votos de promessas, também não representa um simples símbolo de fé. É, na sua majestosa beleza, o prototipo da Caridade, a emanção divina de um ser que mudou os destinos do mundo com a maravilhosa inspiração de sua palavra e de seu exemplo de humildade e resignação aos designios de Deus.

Que os infelizes e aflitos subam o Corcovado e ali meditem, por um instante, na vida daquele que estatueamos depois de dois mil anos. Vejam-lhe a atitude de piedade e perdão. A serenidade de seu rosto, os braços em cruz, como num convite aos que saírem para que aceitem confiantes a dor que o destino lhes impôs.

Não profanemos o Corcovado, maculando o seu Altar, com o extermínio da própria vida. Esse sacrifício louco só se admite nos alienados. Aos que sobem a montanha, atravessam suas encostas ensombradas de arvoredo e de lá se despenham para dar fim às torturas morais, não há justificativa. Profanaram um lugar santificado pela fé, bendito pela presença de Deus.

RUY SAULO

(Especial para "REVISTA DA SEMANA")

Sumário :

LITERATURA

Livros Novos (João Luso) 10

BIOGRAFIA

A vida de Alexandre Dumas, Pai
(Henry Thomas e Danna Lee Thomas) 20

MÚSICA E RÁDIO

Broadcast (Armando Migueis) 28
Música (Roberto Lyra Filho) 51

CINEMA

Piedade homicida 30/31

TEATRO

Lady Godiva 14/15

REPORTAGENS

A morte de Virgílio de Melo Fran-
co 4/7 e 12/13
As voltas que o mundo dá 55/58

CONTOS

As jóias roubadas (João Luso) 19
Aconteceu no garimpo (T. Negrais) 42

ARTES PLÁSTICAS

O boliviano Gil Coimbra (Angelus Ra-
vel) 11

AVIAÇÃO

Pelas estradas do céu (André Max) 46

TURISMO

Bilhetes do meio do mundo (D. G.
Coimbra) 47

CARICATURA

Bom humor 18

SEÇÕES PERMANENTES

Profanação de um altar (Ruy Saulo) 3
A Semana em Revista 8
Personalidade da semana 8
O mundo marcha 9
A saúde do bebê (Dr. Sabóia Ribeiro) 50

SUPLEMENTO DA MULHER

Nos bastidores femininos 21
Gala 22/23
Novos modelos 24/25
Detalhes e novidades 26/27
Mães e filhos 29
Sugestões para a praia 32/33
Penteie-se de acordo com o seu tipo 34
"Week-end" 35
Interiores 36
Emagrecer 37
Modelos para o verão 38/39
Sol 40/41
Blusas 43

FOLHETIM

Drago 53/54

ILUSTRAÇÕES

Luis Canabrava
Orlando Matos

NOSSA CAPA

Ilustra hoje a capa da
REVISTA DA SEMANA
a cativante "estrêla" da
Warner Bros., Janis Pai-
ge, uma das figurinhas
mais promissoras de
Hollywood. A "estrêla"
de "Um homem inesque-
cível", "Um sonho, uma
canção" e "Wallflower"
é uma das mais bonitas
de Hollywood e uma das
preferidas dos fotogra-
fos da Meca do Cinema.



NO dia 29 de outubro, justamente quando se registrava a passagem de mais um aniversário da Revolução de 1945, a cidade foi abalada pela notícia contristadora e inesperada do assassinio do sr. Virgílio de Melo Franco, uma das figuras mais destacadas da vida pública brasileira e presidente da União Democrática Nacional, seção de Minas Gerais.

A vida do sr. Virgílio de Melo Franco foi toda ela um livro aberto de luta, esforço e abnegação em prol da democracia. Batalhador incansável, foi um dos principais inspiradores do famoso "Manifesto Mineiro" que, lançado em 1944, representou o primeiro passo para a grande marcha democrática que culminaria com o movimento revolucionário de 29 de outubro de 1945, com a queda da ditadura e a volta à legalidade republicana. Na campanha eleitoral que se seguiu, ocupando o sr. Virgílio de Melo Franco o posto de secretário geral da U.D.N., despendeu todos os seus esforços para a eleição do brigadeiro Eduardo Gomes, naquela memorável campanha que Gilberto Freyre considerou "mais nobre que a da Abolição".

Modesto e retraído, contudo, não aceitou cargos nem posições públicas. Era desses homens francos e leais que lutam por amor à causa da liberdade.

Dai o choque brutal, na crueldade do imprevisto, que sentiu toda a nação logo que foi divulgada a infausta notícia do assassinio do grande político mineiro.

A TRAGÉDIA

Tudo começou na noite do dia 28 para a madrugada do dia 29 de outubro. O sr. Virgílio de Melo Franco dormia tranquilamente em sua residência, à rua Maria Angélica, 664, quando, subitamente, foi despertado por rumores suspeitos que vinham do interior de sua casa. Sem perder a calma e já suspeitando tratar-se de algum larápio ou outro qualquer malfeitor, munuiu-se de seu revólver "Schmidt and Wesson", calibre 38, e rumou em direção ao local donde vinham os rumores. Foi então quando deu de frente com um indivíduo que, oculto na penumbra, escalava a escada. O sr. Virgílio de Melo Franco disparou sua arma contra o assaltante que, vendo-se descoberto, tentou fugir pela escada de serviço. A perseguição, então, prosseguiu. Novos tiros foram disparados. O assaltante ergueu a espingarda à altura da viseira e calcou o gatilho. Um forte estampido fez-se ouvir. Um segundo depois o sr. Virgílio de Melo Franco, atingido mortalmente no abdome, deixava cair a arma, sentindo que a vida lhe fugia, enquanto o assaltante tentava a fuga. O presidente da U.D.N. mineira deu alguns passos em direção à alcova, onde sua esposa acordava, assustada, não conseguindo.

O brigadeiro Eduardo Gomes lançando pétalas de rosas no túmulo do sr. Virgílio de Melo Franco, num último adeus ao leal companheiro da memorável campanha de 1945, e seu amigo pessoal



nente
passa-
rsário
le foi
ora e
Vir-
figu-
ública
o De-
Minas

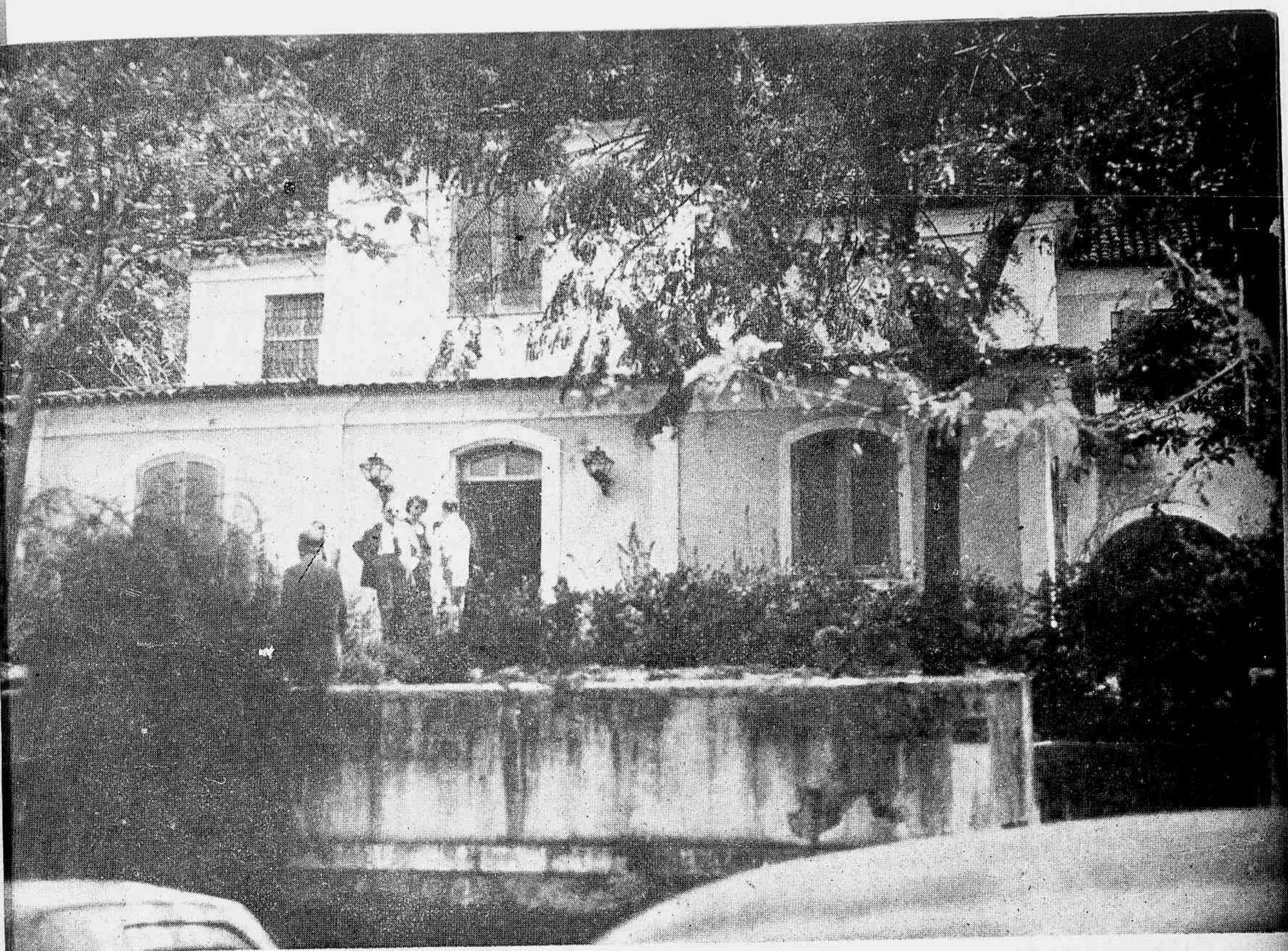
Melo
aberto
n prol
cansá-
pirado-
ineiro"
ntou o
mar-
a com
29 de
da da
e repu-
al que
gílio de
retário
todos
ção do
naquela
Gilberto
re que

lo, não
públi-
ncos e
causa

rueldade
a a na-
infausta
nde po-

dia 28
de ou-
Franco
ua resi-
ca, 664,
spertado
vinham
n perder
tar-se de
uer mal-
er "Schi-
8, e ru-
onde vi-
o quando
íduo que,
va a es-
o Franco
o assal-
erto, ten-
erviço. A
iu. Novos
assaltante
ra da vi-
Um forte
segundo
o Franco,
ome, dei-
o que a
assaltante
dente da
ns passos
ua espôsa
nseguindo,

s lançando
o sr. Virgi-
timo adeus
rável cam-
o pessoal



A MORTE DE VIRGILIO DE MELO FRANCO

contudo, sobreviver, caindo ao largo, metade do corpo apenas para dentro do quarto.

O ALARME

Os disparos trocados entre o assaltante e o ilustre político brasileiro acordaram toda a vizinhança e a criadagem da casa. Num instante tudo ficou em polvorosa. Em meio à confusão reinante, o bandido tentara ainda alvejar mais uma vez o sr. Virgílio de Melo Franco, malgrado já vê-lo estendido no solo, morto, ao que foi impedido pelo empregado Antônio Ferreira Alves Filho, que, num violento safanão, lhe arrancou a espingarda da mão, com ela vibrando-lhe fortes golpes no crânio.

IDENTIFICADO O CRIMINOSO

A polícia foi imediatamente chamada ao local para tomar as necessárias providências. No interrogatório esclarecedor que se seguiu, foram elucidados todos os detalhes que culminaram com o assassinio brutal do prestigioso homem público: Pedro Santiago, com 22 anos, mineiro de nascimento, morava no Rio há algum tempo, exercendo a profissão de garção em pensões desta cidade. Ao tempo em que exercia as suas funções normais, portava-se sempre bem, e os depoimentos de diversas pessoas

revelam que era prestimoso e cheio de atenções. Contudo, logo que deixava a casa onde era empregado, Pedro Santiago ali voltava para roubar, o que aconteceu na Pensão Santa Teresinha e na Pensão São José, onde o larápio efetuou vários furtos. Um dia ofereceu-se como empregado na casa do sr. Virgílio de Melo Franco. Como havia necessidade de um copeiro, a sra. Dulce de Melo Franco admitiu-o. E ele vinha se desincumbindo de suas obrigações satisfatoriamente até quando começou a fazer a corte à doméstica Maria Amélia. A princípio, esclareceu ela, aceitava a corte do companheiro de trabalho. No entanto, logo Pedro revelou-se um indivíduo de mal caráter, pelo que foi repellido pela namorada. Não satisfeito com a recusa, voltou a carga várias vezes, sendo sempre repellido, até que, de certa feita, esbofetou-a. Maria Amélia, então, queixou-se à sra. Dulce de Melo Franco, que, diante da atitude desrespeitadora do criado, despediu-o.

Dai nasceu o ódio cego de Pedro Santiago contra todos daquela casa. E muitas vezes Maria Amélia, assim como os demais empregados, tomou-se de pavor por notar que o homem rondava a casa, lançando olhares odiosos contra todos.

Em seu depoimento prestado à po-



AO ALTO: A casa da rua Maria Angélica, teatro dos infaustos acontecimentos que abalaram toda a nação. A DIREITA: O sr. Virgílio de Melo Franco, em 1934, quando representante do povo de Minas Gerais na Câmara Federal Constituinte

GÉNÉRAL BARON GOURGAUD

JOURNAL DE SAINTE-HÉLÈNE

1815-1818

ÉDITION AUGMENTÉE
D'APRÈS LE TEXTE ORIGINAL

PRÉFACE ET NOTES PAR
OCTAVE AUBRY
DE L'ACADÉMIE FRANÇAISE

I

LES GRANDS MÉMOIRES

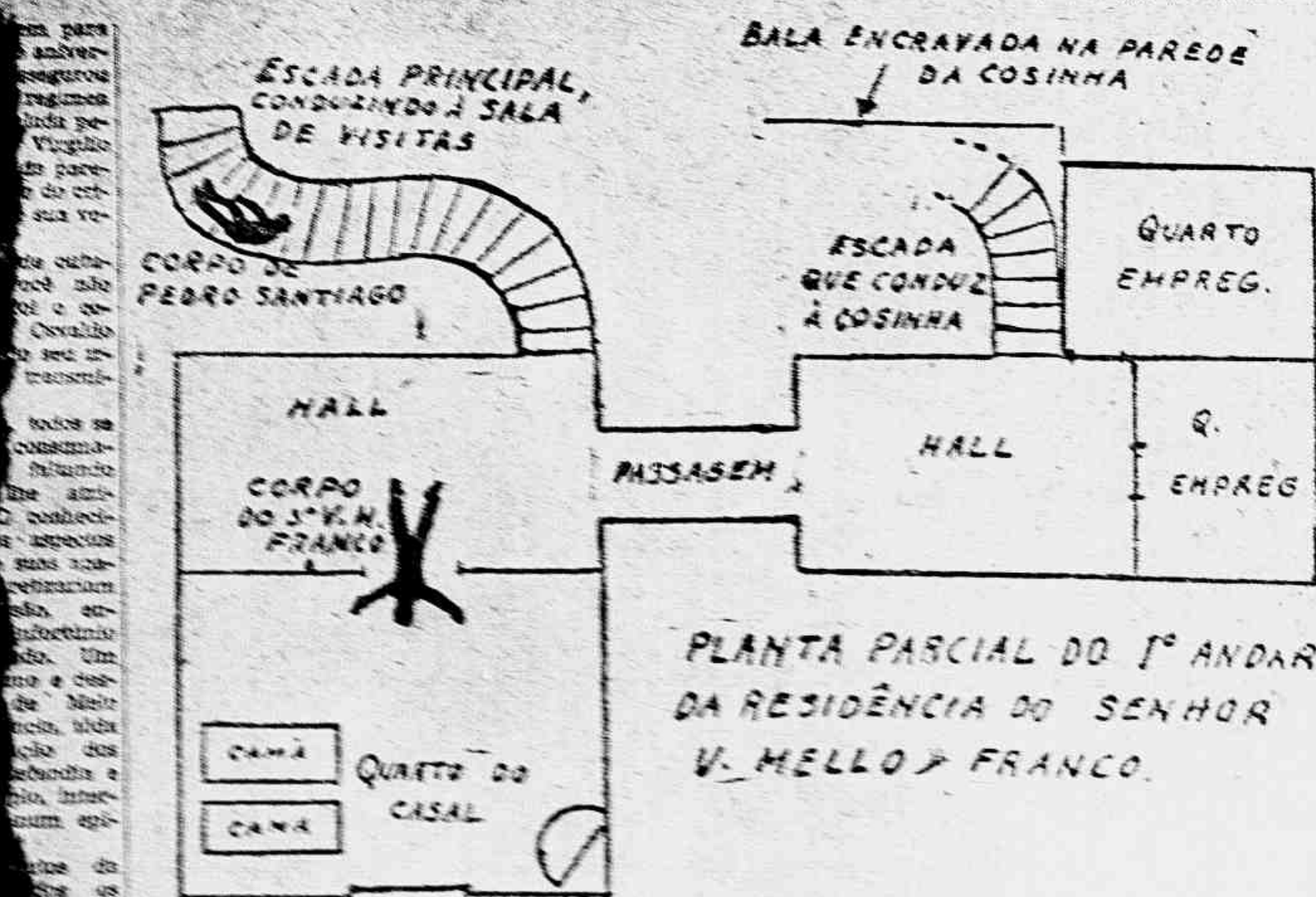
FLAMMARION

As L. Major Adauto
Esmeraldo - tolda de
ele próprio - curial.
mente oferece estas
memórias de um
toldado de outros
tempos o seu dedi-
cado e grat. patri-
cin

Virgílio de Mello
Rio 25/10/48.

"Fac-simile" do livro "Journal de Sainte-Hélène", do general Baron Gourgaud, oferecido ao major Adauto Esmeraldo e a dedicatória do sr. Virgílio de Mello Franco traçada dias antes da tragédia

eriam ocorrido o assalto e a agressão ao secretário-geral da U.D.N.



Posição em que foram encontrados os cadáveres pela polícia

Essa diagrama indica uma vez que os corpos foram encontrados na posição em que foram encontrados os cadáveres pela polícia.

que lh
comen
cusou
rém,
telefo
ria de
Assim
porém
rou o
atue
própri
gem.

NO

No
drug
resid
constr
midade
não e
postos

Naq
tinada
Antoni
grosse
escor
de p
tou-lh
queria
tinha
o sa
go. N
tas de
que re
gistrada

licia e à imprensa, a doméstica es- nas pro
clareceu que Pedro ameaçara-a de cumento
morte, logo após ter recebido a ordem de uma
de deixar a casa do casal Melo Franco. seu revól
Por isso todos ali viviam aterroriza- ex-empres
dos, esperando a qualquer instante a diheiro,
prática de algum mal por parte do bre o as
desordeiro.

Até que, na noite de 28 para a
madrugada de 29 de outubro, Pedro
penetrou na casa do sr. Virgílio de
Melo Franco, abriu as torneiras de
gás, pelo que se supõe que desejava
sufocar todos que ali habitavam, e,
apossando-se de uma espingarda na
sala de armas, dirigiu-se para a al-
cova do casal a fim de realizar seus
tenebrosos planos de ódio e vingança.

Eis em linhas gerais, a tragédia
que abalou a família Melo Franco,
com constrição geral para todo o
País

RECUSARA OS GUARDIAES

Na confusão do momento, logo que
a notícia do estúpido assassinio foi
divulgada, alguns jornais afirmaram
que houvera negligência por parte da
polícia, que mesmo depois de haver
recebido ordem do sr. Virgílio de
Melo Franco sobre o seu ex-empres-
gado não tomara quaisquer providên-

Exibido da polícia em que foram encon-
trados os cadáveres, a reconstrução
publicada pelo "Jornal da Manhã"



O copeiro Antônio Ferreira de Assis Filho que tentou contra a própria vida ao ver-se apontado como possível cúmplice na tragédia

...ia a fim de evitar ocorrências desagradáveis.

Contudo, agora que tudo serenou, vem de ser revelado que a polícia não negara agir para resguardar a segurança do lar do casal Melo Franco, mas sim o ilustre político mineiro recusara qualquer ajuda policial, por não ter visto motivos para tal.

Foi o major Adaute Esmeraldo, diretor da Divisão de Polícia Política, quem revelou isto à imprensa.

O sr. Virgílio de Melo Franco apenas procurara saber quais os documentos necessários para a compra de uma nova arma, uma vez que o seu revólver havia sido roubado pelo ex-empregado, juntamente com algum dinheiro, dias antes. Conversando sobre o assunto, o major Adaute Esme-

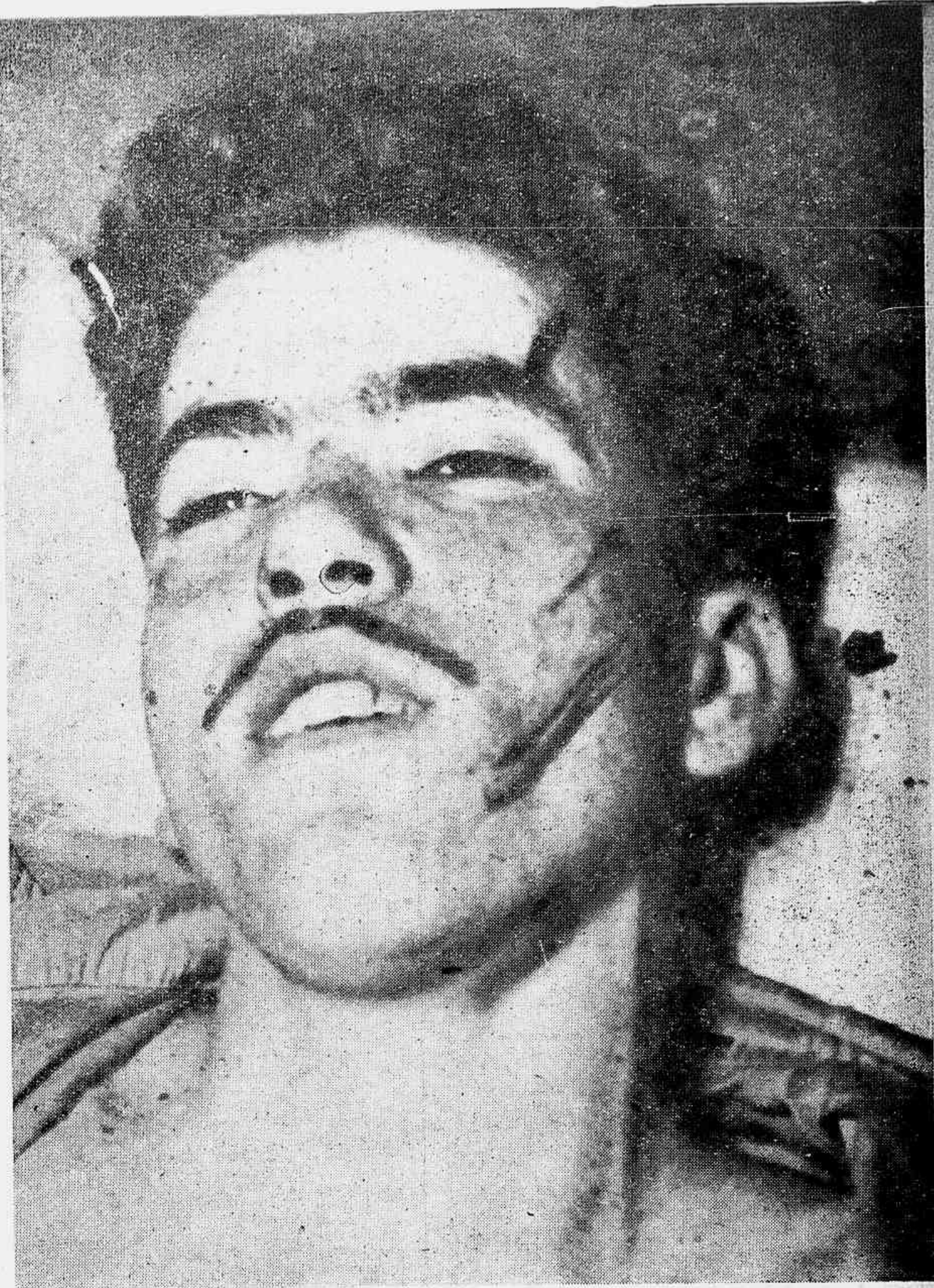
raldo pôs à disposição do líder udonista dois policiais para proteger sua residência, ao que recusou o sr. Virgílio de Melo Franco, pelo menos enquanto estivesse aqui no Rio.

Então, o major ofereceu-lhe o seu revólver emprestado, até que o presidente da U.D.N. de Minas Gerais adquirisse uma arma para seu uso particular. Dias depois, o conhecido político brasileiro voltava ao gabinete do major Esmeraldo para devolver-lhe a arma, juntamente com o livro "Journal de Sainte-Hélène", do general Baron Gourgaud, cujo fac-símile vai estampado nesta reportagem.

DEMONSTRAÇÕES DE PESAR

O general Eurico Dutra, presidente da República, encontrava-se numa ce-
(Continua na página 12)

Nos interrogatórios, todos os detalhes foram rebuscados pela polícia. Maria da Glória Santos, a cozinheira, presta o seu depoimento



EM CIMA: O assassino Pedro Santiago, fotografado antes de ser enviado ao necrotério.
EM BAIXO — Maria Amélia, a quem alguns apontam como a causadora inconsciente de toda a trágica história



28 para a
...bro, Pedro
Virgílio de
...neiras de
...que desejava
...bitavam, e,
...ingarda na
...para a al-
...realizar seus
...e vingança.
...a tragédia
...elo Franco,
...para todo o

ARDIAES

...to, logo que
...assassinio foi
...afirmaram
...por parte da
...de haver
...Virgílio de
...ex-empres-
...providên-

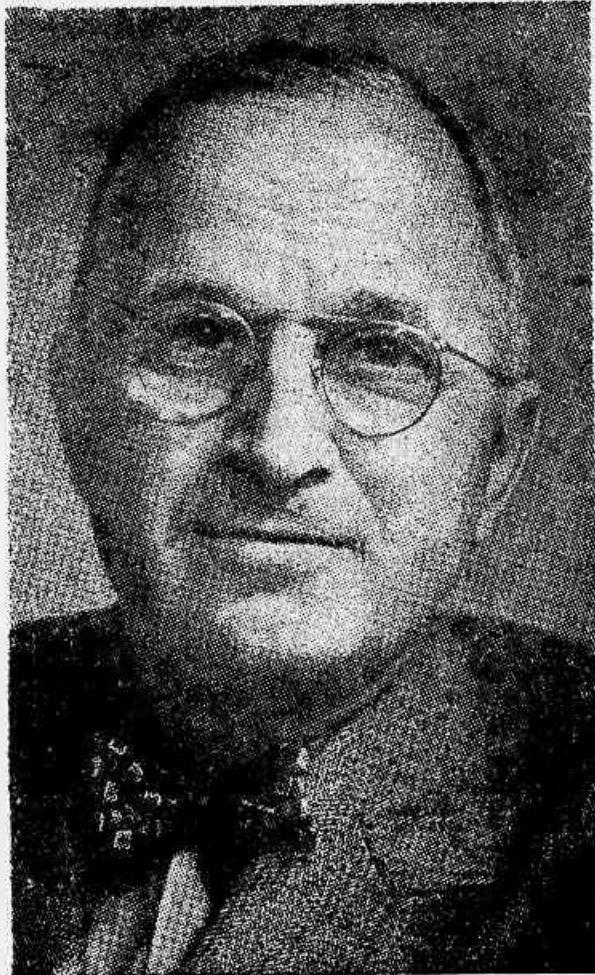
...eram encon-
...reconstituição
...a Manhã"

A PERSONALIDADE DA SEMANA

Harry Truman nasceu no ano de 1884, no Estado de Missouri, provindo de pacata família de homens do campo. Teve uma vida normal, logo rapaz abandonando o campo e empregando-se no comércio. Revelando pendor comercial, cedo estava como chefe de uma casa de negócios.

Ei-lo, porém, tempos depois, a estudar Direito, chegando a juiz-presidente do Condado de Jackson. Nesse alto posto o povo foi buscá-lo para elegê-lo senador da República. Naquela alta casa de Congresso, Truman soube se salientar, com uma atividade fecunda, tendo, mesmo, a iniciativa de criação da Junta de Investigações sobre a Defesa Nacional, entidade que desempenhou papel da maior importância durante o período da guerra.

Havendo sido eleito vice-presidente na chapa democrática de Roosevelt, teve, desde então, o seu nome não



somente conhecido em todos os recantos do país, mas em todo o mundo. E naquele ano de luto, em que o grande estadista norte-americano faleceu, Truman substituiu-o na presidência. Vale notar que foi este um dos períodos mais agitados da vida pública yankee com o fim da guerra e o princípio da época de desmobilização de todas as forças armadas, quando os países geralmente se vêem a braços com um problema dos mais angustiantes, qual seja o dos milhares de desempregados.

No entanto, como a sentença das urnas vem de declarar, Harry Truman, soube desincumbir-se das suas altas atribuições, conquistando a confiança da nação.

Rompendo com o preconceito racial, que parecia ainda tão arraigado entre os norte-americanos, dir-se-ia que Truman sacrificara a sua vida política. E era, decerto, por essas e outras razões que a eleição de Dewey, o grande adversário de Truman, se apresentava como coisa perfeitamente admissível, consoante as informações mais autorizadas. Surgiu, porém, das urnas livres a vitória do atual governante dos Estados Unidos.

Quanto ao povo brasileiro, era de um modo geral indiferente a vitória de um e de outro, tão sólidos e duradouros se apresentam os laços de amizade e a conjugação de interesses entre os dois povos — o do Brasil e o da Norte-América.

Mas, força é reconhecer, Harry Truman, sob certo aspecto, já é uma figura nossa, conhecida dos brasileiros, cujo coração conquistou com sua simpatia e simplicidade quando, no ano passado, nos deu a honra de sua visita. E, realmente, todos nós guardamos a imagem de sua figura simpática acenando para o Brasil com um sorriso de otimismo e de fé.

Good lucky, Mr. Truman. Que bons ventos o levem no seu grande barco.

O DIÁRIO DE EVA BRAUN

Grande surpresa para aqueles que foram iludidos em sua boa fé, quando começaram a ler, sofregamente, o diário da mulher de Hitler. Está provado que essa famosa senhora nunca deixou diários nem memórias... Tudo não passou de astúcia de um sr. Luis Trenker. O "Diário de Eva Braun" nada mais é do que mistificação. Muitos órgãos da imprensa da Europa e da América do Sul aceitaram a falsidade e lhe deram curso com todo o sensacionalismo. Mas é de surpreender esta particularidade: a imprensa dos Estados Unidos não quis tomar o bonde errado e rejeitou a reportagem! Coisa verdadeiramente espantosa, pois se sabe que não há imprensa mais adepta das "manchetes" sensacionalistas e dos fatos emocionantes do que a dos norte-americanos. Agora veio tudo à luz do dia e o embuste foi descoberto. O austríaco Luis Trenker, que também é cineasta, foi o autor da farsa. Seu plano era muito bem feito e de repercussão no mundo. Publicaria o "Diário de Eva Braun" e depois rodaria um filme baseado nos mesmos originais, sendo de prever o enorme resultado financeiro dessa película, em face da propaganda pelos países onde fora divulgada a vida íntima da companheira de Hitler. Quem não desejaria ver um filme desses? Trenker esfregava as mãos de contentamento. Impingiu a muitos jornais a mentira do "Diário" e já estava sendo preparado o "script" do filme, quando foi desmascarado. Já com alguns milhões no bolso, provenientes da venda do "Diário" à imprensa que caiu no "conto" da Eva Braun, fugiu de Bolzano para lugar ignorado. Mas como em todas as tragédias há sempre o lado cômico, um jornal de Munique, forçado pelas autoridades judiciárias a acabar com a mentirosa publicação, contornou a dificuldade e passou a publicá-la com este novo nome: "O Falso Diário de Eva Braun"... Sabidinho, hein?...

JÓGO DO BICHO

"Qual! Não há jeito, meus amigos!", dizia uma autoridade policial, faz pouco tempo, ao surpreender um cidadão descarregando dinheiro grosso no milhar do decreto que extinguiu o jogo no País... E, por estranho que pareça, o homem ganhou! A instituição do jogo do bicho em nosso país é um mal tão vasto e inextirpável dos hábitos populares, como o vício do álcool por esse mundão de meu Deus. Lembra-se da severidade da famosa e inútil "Dry Law" nos Estados Unidos? Foi durante os anos de sua vigência policializadíssima que mais se bebeu naquele país. Os recursos de contravenção atingiram perfeições geniais. Vieram os cachimbos alcoólicos, as bengalas com depósitos secretos para o "gin", as "médias" de "brandy", e até casos de profanação houve, como o daquele inveterado bebedor que, fingindo beijar os altares, sugava manhosamente o filete de cachaca... Quando um vício chega a esse estado de degradação, só mesmo um século de reeducação exequível na alma das gerações novas poderá vencer. A lei, por si mesma, de nada vale. No Brasil há esta invencível cachaca pelo jogo, especialmente pelo chamado do "bicho". Já não se trata de simples vício; o fenômeno é visivelmente econômico. Nação pobre, onde os meios de arranjar dinheiro estão sempre abaixo das mais imediatas necessidades do sustento da família, o povo recorre à "fezinha" e procura sonhar de noite e de dia. A polícia se mobiliza e dá caça aos contraventores; mas é tudo inútil. Vejam o que sucedeu, faz alguns dias, com um bicheiro em Niterói. Foi preso e levado à delegacia, havendo em seus bolsos "apenas" mil e oitocentas listas de jogo de bicho... de casas do interior! Não somos defensores de jogos de azar; mas é lógico que se procure um meio exequível de riscar do espírito do povo essa morte moral. Polícia e lei não resolvem.

TESTES DE DEMOCRACIA

Todos que lêem jornal conhecem, ao menos de nome, o presidente do Comitê de Atividades Anti-Americanas da Câmara de Representantes dos Estados Unidos, Mr. J. Parnell Thomas, figura eminente do mundo político, financeiro e industrial da grande nação. Qualquer pessoa, pois, que chegasse a tão elevadas culminâncias de poderio e de mando, em qualquer país, estaria isenta de certos vexames a que só estão sujeitas as criaturas sem prestígio e sem recursos. Mas nos Estados Unidos o magnata da política ou de Wall Street também está subordinado a todos os artigos que as leis inscrevem em seus códigos. Mr. Parnell acaba de ser acusado de certas liberalidades condenadas em lei. O Departamento de Justiça do país convidou-o a comparecer perante o Júri Federal, que está procedendo a completas investigações acerca da denúncia do jornalista Drew Pearson, tendo Mr. Parnell aceito a intimação. Qual o delito praticado pelo deputado e presidente do Comitê de Atividades Anti-Americanas? Segundo a notícia, é uma das coisas mais triviais nestes lados do Atlântico: dar empregos a parentes, sem que os "funcionários" prestem qualquer serviço em suas repartições, preocupando-se exclusivamente com o dia do pagamento... Vejam os leitores se isso poderia ser denunciado em muitos países de nossa fraternidade latina. Nos Estados Unidos um homem de imensas responsabilidades, como esse Parnell Thomas, fica sujeito a ir até para a cadeia, se for provado o escândalo que para nós é algo estranho, uma vez que executar tais programas com os parentes e protegidos é coisa tão "vulgar e defensiva" que a gente fica sem compreender... Mesmo com a agravante de um "quanto eu levo nisso"...

SANGUE DE JUDEUS

Miguel Servet era um espanhol do Arago, de Vilanova, nascido aí pelo nono ano de existência do Brasil. Depois de firmar-se como grande teólogo, tornou-se panteísta e sustentou com as maiores autoridades da filosofia e da ciência de então polêmicas que ficaram imortalizadas na França, na Alemanha, na Itália. Suas obras causaram revolução na Europa e provocaram violentas discussões. Cansado de terçar armas no terreno da filosofia, Servet regressa a Paris e passa a dedicar-se exclusivamente ao ramo da medicina. Como era dotado de espírito investigador e de incrível curiosidade mental, fez nos seus laboratórios experiências avançadas e temíveis. Foi aí que descobriu esta coisa espantosa para aqueles tempos: a circulação do sangue nas veias! Como já estava sendo classificado como herege em face de obras de comentários teológicos e análises do sistema de Ptolomeu, começou a ser hostilizado por todos os lados. Mudou-se para outras cidades, fixando-se em Viena, de onde fugiu e procurou entrar na Itália. Porém foi reconhecido ao chegar a Gênova e preso, irremediavelmente. Calvino o condenou com tanta severidade que o grande Miguel Servet pagou a audácia de tantas descobertas científicas, sacrificando a vida numa fogueira. Apesar de tudo, sua teoria da circulação do sangue se confirmou e hoje ninguém terá mais dúvida nenhuma. Mas a história tem suas surpresas, e agora procuram tirar a glória de Servet dizendo-se que, antes dele, já no século XIII, um sábio árabe, de nome Ibn An Afis, havia descoberto que o sangue circulava nas veias. A glória de Servet não deve ser assim desprestigiada. Era-lhe muito fácil retratar-se e dizer que a idéia não era sua, e sim de um árabe. Mas morreu queimado vivo sustentando a descoberta. E se dissesse que só o sangue dos judeus corria, teria sido estatuído vivo.

PIEIDADE FELINA

Notícias da capital baiana nos dão conta do novo processo de qual, quer mortal livrar-se de seus gatos. Aqui no Rio costuma-se aplicar o gaticídio em massa, isto é, logo que a meiga mãe dos bichaninhos os dá à luz do céu carioca, há sempre uma pessoa mais corajosa da família que os ajunta numa vasilha e lhes dá no tanque mais próximo um mergulho total, suficiente para matá-los por asfixia. Na Bahia não se está fazendo isso. Deixa-se que a gataria cresça, habituando-se a pegar alguns ratos mais negligentes, roube o toucinho da panela e beba o leite do bebê. Ai, então, já ninguém suporta mais o gato, especialmente se anda, com outros e outras, altas madrugadas a fazer duetos de "Tosca" pelos telhados. E à hora de desfazer-se de gatos insuportáveis e comilões. Agarra-se o condenado pelo tribunal do místico e, mesmo que as moçinhas choram a sorte do bichano, um cidadão o embrulha cuidadosamente como se fosse um "depacho", amarra-lhe uma fitinha denunciando coisa para presente e toma um bonde aí por Itapagipe ou Canelas e deixa o degradado sobre o banco. Quando o gato é de gente mais folgada tem o direito de ser exilado num ônibus, que já é um consolo e grande honra para a família. Dizem notícias do Salvador que o hábito está de tal maneira espalhado e tão intensamente conhecido que quando uma pessoa vê um embrulhinho bem feito "esquecido" num bonde ou num ônibus, nem mais tem a curiosidade de abri-lo para ver se é um corte de casemira ou um "fô" aos espíritos protetores ou agressivos de algum "orixá". Ali está, na certa, um gato. E para que levar mais gatos para casa, se também lá se procura deixar gatos no bonde? Enfim, esse processo da Bahia é mais piedoso, e criou uma nova modalidade na vida dos gatos: — os enjeitados.

MACONHA

No norte do Brasil há uma planta selvagem que produz estados de torpor como o ópio. E' a maconha. Quando transformada em fumaça produz sonhos irreais, estados de enlevada embriaguez, dando aos seus viciados alguns momentos de ilusória felicidade. A polícia do mundo inteiro persegue os maconheiros e seus adeptos. Em dias desta semana a polícia do Rio deitou a mão em três dos mais conhecidos traficantes de maconha. A repressão é constante mas infelizmente, os resultados não conseguem diminuir o comércio clandestino entre os condenados ao envenenamento moroso e certo desse alcalóide. Mas ainda estamos muito "infantis" diante do que há entre o México e os Estados Unidos. Enquanto no Brasil os fumadores de maconha e liamba se contam nos dedos naquelas duas repúblicas do norte a coisa é alarmante. Não há entre nós, plantadores de maconha. Os traficantes colhem o fruto, em estado selvagem, as folhas da erva e as vendem com um precatório. No México a situação já chegou a este apogeu: na região elevada da Sierra de Puebla existem plantações tratadas com o mesmo carinho com que se cultiva algodão... Mas houve quem desconfiasse da região, e as autoridades se posaram em campo. Sabia-se que a maior parte da maconha que se fuma nos Estados Unidos procede daquele Estado mexicano. De pista em pista, apreendeu a polícia mexicana vultosos carregamentos de maconha num valor acima de duzentos mil cruzeiros, dissimulada em embalagem como se fosse ferragem. De em diante tudo foi fácil para a polícia, e toda a rede de plantações e comércio foi cair nas mãos da autoridade, tendo o próprio exército auxiliado, arrasando-se a fogo as plantações de "Don Juanita", como é conhecida no México a erva maldita.

ANO XLVII

REVISTA DA SEMANA

N.º 46 — 13-11-1948

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA — Diretor-presidente: GRATULIANO BRITO

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Premios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de São Paulo em 1933

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMERICAS

Porte simples — Um ano	Cr\$ 140,00	Sets meses	Cr\$ 70,00
Registrada — Um ano	Cr\$ 170,00	Sets meses	Cr\$ 85,00
Registrada — Um ano	Cr\$ 270,00	Sets meses	Cr\$ 140,00

O número avulso custa Cr\$ 3,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr\$ 3,50

Visconde de Maranguape, 15 ★ Endereço telegráfico "REVISTA" — Rio de Janeiro

Tel.: - Gerência: 22-2550; Secretaria: 22-4447; Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602

Corresp.: - Na Bahia: J. Machado Cunha, Av. Sete de Setembro, 149, Cid. do Salvador, Bahia. Em São Paulo: Vendas na Capital a cargo da "Agência Zambardino", à rua Cap. Salomão, 67 - Tel.: 4-1569 ★ Publicidade a cargo de Jarbas Galvão

à rua Brigadeiro Tobias, 615-2.º andar, sala 217 - Tel.: 6-6718

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

Representantes — Nos Estados Unidos da América do Norte: Agular Merlonça, 19 West Street, New York City, N. Y. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos - Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, Av. Fontes Pereira de Melo, 34, dt. Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia. - Constituintes 1746, Montevideu. Na Argentina: "Inter-

prensa" - Florida, 299 - Tel.: 32, Av. 9109, Buenos Aires.

O corpo de colaboradores da "REVISTA DA SEMANA" está organizado. Só publicamos colaboração solicitada pela redação

Não nos responsabilizamos pela devolução de originais, mesmo quando não publicados

Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

ESTE NUMERO CONTA DE 60 PAGINAS

O MUNDO MARCHA



Nova revolta no manicômio judiciário de São Paulo, com muitas vítimas pelos choques entre guardas e internos. Encerrado o V Congresso Eucarístico, que se realizou em Porto Alegre. Tem início o recolhimento com desconto de cédulas de mil réis e um conto, que, dentro do prazo de um ano, não terão mais valor. Discutem-se, em Tóquio, as possibilidades de abdicação do imperador Hirohito. Os Estados Unidos enviam socorros às tropas legalistas de Chiang-Kai-Shek. Em todos os inquéritos realizados nos Estados Unidos, ficou patente que o sr. Thomas Dewey seria o presidente eleito da grande nação norte-americana. Violento choque de bondes, na cidade do Salvador, com mais de trinta pessoas feridas. O cidadão Charles Martins manteve-se em jejum absoluto durante sete dias, sentado numa poltrona da sala de imprensa da O.N.U., a fim de conseguir daquele organismo internacional um território onde reuniria crianças de todo o mundo, na eventualidade de uma nova guerra. O sr. Manuel Odria, presidente provisório do Peru, declara que "a República inteira é feliz com os resultados da revolução". Em uma localidade da Pensilvânia, nos Estados Unidos, uma névoa mortífera, inesperada e inexplicável, causa a morte de 19 pessoas no vale de Monongalola. Assume a Argentina a presidência da Organização das Nações Unidas. A pequena Tonina Chamorro, de nove anos de idade, residente em Paraná, na Argentina, afirma que Deus lhe aparece todos os dias na hora das suas orações. Vítima de um atentado a artista do cinema argentino Amanda Ledesma, por um fã que dizia querer "demonstrar sua admiração de maneira original". Eleições nos Estados Unidos e em Porto Rico. Assassinado o líder comunista indonésio. Prêso e acusado de conspirata, em Santiago, o ex-presidente Carlos Ibañez. Segundo os despachos telegráficos, reina a paz no Paraguai. Expõe em Washington, na União Pan-Americana, a pintora brasileira Olga Marm. Num pleito renhido, de resultados inesperados, é eleito presidente dos Estados Unidos o sr. Harry S. Truman. Concedido o Prêmio Nobel de Literatura ao famoso poeta norte-americano, radicado na Inglaterra, T. S. Elliot. A respeito dos rumores de que o seu governo se prolongaria um ano além do prazo prefixado pelo Congresso, o presidente Eurico Dutra declarou que o seu mandato não irá além da data fixada. O copeiro do sr. Virgílio de Melo Franco tenta suicidar-se, ao ver-se apontado como possível cúmplice do assassinio do prestigioso líder mineiro. O presidente Truman regressa a Washington, sendo entusiasticamente aclamado por uma multidão calculada em 500.000 pessoas. O Serviço Secreto Norte-Americano tem recebido várias denúncias de que os russos têm enviado armamentos e munições aos israelitas, na guerra da Palestina, pelo que vêm utilizando a rota aérea soviética da Tchecoslováquia à Palestina. Em Londres, numa entrevista realizada no Ministério do Exterior, o sr. Bramuglia, representante argentino, rejeitou, em nome do seu país, o plano de internacionalização da Antártida Argentina, proposto pelo sr. Ernest Bevin. Restabelecendo o fio da amizade italo-francesa de antes da guerra, esses dois países assinam um tratado de amizade. O professor Picard desistiu de prosseguir nas suas pesquisas no fundo do mar. Reassume a pasta da Fazenda o ministro Correia e Castro. O comandante em chefe das forças norte-americanas no Pacífico declarou que era possível o envio de grupos de fuzileiros navais yankees para Shangai a fim de evitar distúrbios naquela cidade chinesa. No Ceará, ocorre mais um caso de xifopagia. Pôsto em liberdade, pelo tribunal de guerra americano, o marechal alemão von Weichs. O rei Leopoldo, segundo as notícias procedentes de Bruxelas, afirmou que não abdicará ao trono. Anuncia-se que congressistas norte-americanos visitarão a América do Sul, a fim de serem estudadas as possibilidades de "um pequeno Plano Marshall para a América Latina". Noticiam graves irregularidades no ensino primário do Estado bandeirante. Iniciado um programa de conferências sobre combate ao câncer. De 12 a 16 de novembro corrente realizar-se-á a II Convenção Nacional dos Ex-Combatentes, em S. Paulo, a fim de serem discutidos assuntos de grande interesse para os ex-pracinhas. Chega ao Rio, para uma temporada num dos nossos teatros, a Companhia Espanhola de Zarzuelas. Informam do Estado de Massachusetts, Estados Unidos, que os engenheiros da General Electric conseguiram recolher a eletricidade gerada no cabelo da mulher, cada vez que passa o pente; essa energia é de 8.000 volts, suficiente para disparar uma lâmpada de fotógrafo. O Brasil recebe 6 "Catalina" para a sua força aérea.

Os Nervos Pegando Fogo



Em muitos dias as mulheres amanhecem tristes, tão nervosas e desanimadas, tão aborrecidas, inquietas e irritadas que parece que todos os nervos estão pegando fogo!

Estes sofrimentos intoleráveis dos nervos, e outras alterações mais graves da saúde, podem ser causados por perturbações dos importantes órgãos útero-ovarianos.

Para tratar isto, use **Regulador Gesteira** sem demora.

Regulador Gesteira trata os padecimentos nervosos produzidos pelas moléstias do útero, pêso, dores e cólicas no ventre durante o período menstrual, as perturbações da menstruação, debilidade, palidez e tendência a hemorragia, provocadas pelos sofrimentos do útero, fraqueza geral e desânimo, tristezas súbitas, palpitações, tonturas, pêso, calor e dores de cabeça, enjôos, dores nas cadeiras, falta de ânimo para fazer qualquer trabalho, cansaços e todas as perigosas alterações da saúde causadas pelas congestões e inflamações do útero.

Regulador Gesteira trata estas congestões e inflamações internas e as complicações provenientes dessas inflamações.

Comece hoje mesmo
a usar **Regulador Gesteira**

Cartas à redação

Foz do Iguaçu, 28-10-1948

REVISTA DA SEMANA:

Em minhas mãos um número dessa ótima revista, em cujas páginas tive minha atenção atraída para uma reportagem de Milton Pedrosa sobre a cidade de Ozanan, que me cortou o coração ao ler como pode haver tanta miséria debaixo deste céu brasileiro. E assim é que estou tratando de angariar alguns brinquedos, mesmo usados, para remeter a esses pobrezinhos órfãos que não tiveram a dita de nascerem ricos ou mesmo remediados. Desejo saber se esses brinquedos e talvez algumas roupas podem ser remetidos por intermédio dessa revista. Aqui eu arranjo para ir sem gasto algum com o transporte militar. Será que al alguém providenciará? Ainda desejo fazer um festival para angariar algum dinheiro e assim esses pobrezinhos terão um natal com doces e castanhas.

Peço enviarem a resposta para o seguinte endereço: Maria Aparecida Agner — Foz do Iguaçu — Estado do Paraná — Via Presidente Epitácio ou mesmo com a Panair.

Sem mais, muito grata subscrevo-me — Maria Aparecida Agner.

RESPOSTA — O endereço do sr. Milton Pedrosa é: Rua Fernandes Tourinho, 1.067, Belo Horizonte, Minas Gerais.

Ilmo. Sr. Diretor da REVISTA DA SEMANA

Rio de Janeiro, 3 de novembro de 1948

Prezado Senhor — A brilhante reportagem feita por essa simpática e prestigiosa revista, a respeito da srta. Maria Trisuzzi, candidata ao título de Miss Brasil, contém duas afirmativas que, por se afastarem um tanto da realidade dos fatos, merecem pronta retificação.

E são elas as seguintes: Nem a srta. Trisuzzi é uma moça pobre, nem sou eu um milionário.

No convívio que tive a honra de manter com a digna família dessa jovem e sem ter sido necessário recorrer a indagações, pude verificar que vivem todos, desfogadamente e dentro da mais perfeita ordem econômica. Não tem, também, fundamento a lenda sobre a minha "fortuna". Teve ela origem nas minhas constantes viagens aéreas, aliás, quase sempre a serviço da firma em que trabalho.

Além disso, embora existindo, de fato, entre ambos, um princípio de romance sentimental, iniciado de forma um tanto novelesca, como bem salientou essa revista, não somos ainda noivos. Não que deixe de ser esse o meu desejo. Mas, apenas, por julgar a srta. Maria Trisuzzi e sua exma. família, que os três meses que nos conhecemos não constituem prazo suficiente para que se estabeleça um compromisso dessa natureza.

Era isso o que eu desejava fosse esclarecido a bem da verdade. Quanto ao mais, a srta. Trisuzzi está encantada com o destaque e o relevo especial que deram à publicação de suas fotografias, pois, ela bem compreende o que representa para sua candidatura, uma propaganda desse molde, feita nas páginas de um semanário do extraordinário prestígio da REVISTA DA SEMANA e, por isso, nos confessamos sumamente agradecidos a V. S. Queira receber os protestos de minha elevada consideração

Atenciosamente

Mário Pasi Filho

LIVROS NOVOES

JOÃO LUSO

AFINIDADES ELECTIVAS, DE GOETHE

Tradução de CONCEIÇÃO G. SOTTO MAIOR

Irmãos Pongetti, Editores
Rio de Janeiro
1948

Para poder gozar, em todos os sentidos de beleza, elevação e nuances, as obras dos grandes cultores das Letras Inglesas e Alemãs, longamente e com devotado afinho a sra. Conceição Sotto Maior se entregou ao estudo das duas línguas. Queria conhecê-las não como o geral das pessoas, para as necessidades da conversação corrente e da leitura vulgar, mas de maneira a possuí-las, surpreendendo-lhes particularidades e sutilezas, penetrando-as em toda eloquência, fosse explícita, velada, indireta ou intencional. Para isso, tomou lições dos mestres mais reputados — e, sem dúvida, mais competentes no idioma que ensinavam do que naquele em que ensinavam; manuseou devotadamente compêndios, tratados e dicionários; mas de certo os seus melhores mestres foram os próprios livros de História e de Filosofia, os romances e os poemas, altas criações de pensamento e de estilo, que gradualmente a haviam de educar e cada vez mais a haviam de encantar. Por fim, a admiração por aquelas inteligências excelsas e toda aquela arte elevada a levou ao desejo da tradução que, bem sucedida e acolhida com aplauso, viria completar o júbilo da leitora.

Não se tratava, portanto, neste caso, de obras de ficção superficial, se não de fãncaria pura, como tantas da predileção de certa indústria livreira; tinha que ser alguma coisa correspondente ao mérito e à glória da forma original, de acordo com as virtudes de cada realização do gênio e o respeito que ela impusera ao mundo. O primeiro empreendimento da escritora que, confiando no seu preparo e no seu esforço, a tanto se abalancava, foi a tradução — em prosa, como fizera Chateaubriand — do poema de Milton O paraíso perdido. Todos os titulares das seções de crítica, todos os competentes que se pronunciaram sobre esse trabalho, foram acordes em lhe louvar os elementos de erudição e o meticuloso cuidado. O mesmo certamente sucederá agora a propósito do romance de Goethe, tão profundo de exame psicológico e de conceitos morais, e em cuja interpretação, como daquela primeira vez ou melhor, se assinalaram os dotes e recursos da tradutora.

VAGALUME

Versos de MAURO CARMO

Editora "A Noite"
Rio de Janeiro
1947

Um livro de vigor, ardor, mocidade, plena vida... A poesia do sr. Mauro Carmo canta a beleza contemplada, admirada e ou desejada ou gozada; a beleza sentida no sangue, nos nervos, dentro do coração e por toda a pele, nos arrebatamentos passionais. Poucas são, neste livro, as páginas de serenidade e reflexão relativamente ao número daquelas em que o espírito puro cede o lugar aos transportes do temperamento ou estes chegam a entrar com aquele em singular harmonia. Pode parecer estranho tal consórcio, mas o rimador de Vagalume o efetua, sem nos dar, a nós, leitores bem intencionados, a impressão de incoerência ou arbitrariedade. Os conceitos e as rimas se sucedem bem relacionados, bem casados perante a lei da estética e com o beneplácito da emotividade. O sr. Mauro Carmo tem a sua maneira de entender o amor. Sem dúvida o respeito e está sempre disposto a acolhê-lo, mas reservando-se o privilégio de, nos seus versos, o afeiçoar, tanto quanto possível, quer às suas aspirações de sempre quer às suas exigências de momento. Louva-o porque o venera, mas, ao mesmo tempo, faz dele o que quer. Para isso tem imaginação e engenho. Para isso é poeta.

Uma das mais cativantes composições reunidas no presente volume vem a ser, para nós, a que se intitula Elegia. Transcreveremos apenas algumas quadras, porque o espaço destinado a estas notícias nos não permite reproduzi-la inteiramente:

Afinal, por quem és, não te maldigo,
Sigamos, camaradas, brago a brago.
Eu sou agora o teu melhor amigo
Pela justiça que te faço!

Do perdão o esplendor para que o veja,
Ensina-me a grandeza incompreendida:
— Não maldizer a quem nos apedreja,
Mas que de flores nos encheu a vida

Suave lirismo dos desiludidos!...
Fazer brotar das lágrimas choradas,
Em vez de açúcares cardos denegridos.
Um punhado de rosas perfumadas!

Nasceste gêmea ao meu destino... Vamos!
Dor de minh'alma! Oh! minha terna irmã!
Como dois camaradas prossigamos
Para o imenso mistério do amanhã

APRENDA A SER ESPÓSA E MÃE

Instruções e conselhos de GILDA HELENA

Irmãos Pongetti, Editores
Rio de Janeiro
1948

Para a organização do presente livro partiu a sra. Gilda Helena de um conceito próprio que poderia ser atribuído a um dos dois fidalgos de brason e de pensamento: o duque de La Rochefoucauld, príncipe de Marillac, ou o marquês de Maricá. "Dois inimigos — escreve ela, dirigindo-se à jovem dona de casa — de que você nem suspeita: espreitam sua felicidade: o tempo e a criadagem". Tende, portanto, esta obra a ensinar às recém-casadas — porque às outras não será preciso ou já não valerá a pena — o melhor sistema de defender, prolongar a sua mocidade com todos os encantos que a adornem, e só confiar à criadagem aquilo que elas não possam fazer por suas mãos. Mais adiante, aconselha-as também a ter sempre em mente as palavras de Santa Mônica: "O contrato matrimonial é para as mulheres uma lei pública que as torna escravas". Santa Mônica, mãe de Santo Agostinho, viveu no século IV da nossa era. De então para cá muito têm mudado as leis, as mulheres — e os homens também. Em todo caso, bom será que as esposas de hoje saibam daquela sentença e a observem... até onde possível.

Os conselhos da autora principiam pela maneira como a dona de casa deve tratar do seu vestuário próprio bem como da roupa de cama, de mesa, etc. Tudo o que se possa imaginar ali é atendido, desde o jeito de arrumar as gavetas até ao processo de tirar quaisquer nódoas. Passa depois ao arranjo da mobília, dos tapetes, dos objetos de arte, elegância e conforto do lar. — As esposas pobres não são para aqui chamadas. — Nos capítulos referentes à alimentação discorre sobre a higiene culinária, a escolha dos gêneros mais saudáveis e substanciais; dá as receitas dos acepipes que lhe parecem mais desejáveis; e, conciliando aqueles cuidados salutaros com o uso do álcool, recomenda, não apenas os cocktails que modernamente se formam do suco de frutas e legumes, mas também os que levam gin, vermouth, whiskey, curacao, cognac, parati e outros líquidos pelos próprios apreciadores risonhamente qualificados de "venenos". Vem sucessivamente as páginas que dizem respeito à economia, aos acidentes caseiros, às viagens, à vida simples, à maternidade. E, submetida ao título geral Alma de mulher, encerra o livro uma série de pensamentos ou observações de pensadores insignes, de Plutarco e Séneca aos nossos contemporâneos Félix Pacheco e Tomás Lopes.

ROTEIRO DE ARACAJU

"Guia sentimental da cidade", por MÁRIO CABRAL

1948

não ter havido, da parte do autor, nenhuma pretensão ou esperança de originalidade. Realmente ele fez o guia da sua terra natal como outros escritores haviam feito os de Recife, Bahia, Ouro Preto. Não deixou, porém, de dar à obra certo cunho próprio, certa nota pessoal. E essa condição, estimável acima de todas as que o livro oferece, vem a ser uma sentida e constante poesia.

Não se limita o sr. Mário Cabral a indicar, como numa espécie de Baedeker ou de Guide Bleu, exclusivamente de Aracaju, ruas e praças, monumentos e edifícios, hotéis e meios de condução, curiosidades. No meio de tudo isso, dominam as suas impressões ou emoções individuais. Fala de numerosas pessoas como se, para as considerar notáveis, bastava merecerem a sua amizade. Frequentemente diz "a minha cidade" o sente-se naquela possessivo um eternocimento perene. Refere-se a indivíduos, coisas e aspectos pelo bem que lhes quer. E em todas as descrições transparece a sua intimidade cordial. Algumas páginas têm

um caráter tão particular e restrito que só pode ser verdadeiramente apreciada ou compreendida por gente da terra. No capítulo dos Bairros, fala do Bonde dos Namorados, isto é, dos rapazes que transitam, para visitar com os olhos as respectivas eleitas e os quais, às vezes, porque o condutor camarada, ficam devendo a passagem. E vem lista daqueles passageiros, como se a todos os possíveis leitores do livro os seus nomes fossem familiares: Fulano, Sicrano, Beltrano... "eu próprio e mais meia dúzia de namorados". Pormenores destes parecem bem supérfluos, bem dispensáveis. E outro cuidado a desor vantajosamente a segunda edição da obra — já outras do autor legeram esse êxito — seria o da remodelação da linguagem no que respeita à sua divisão gramatical. Como certos escritores que ganham por linha ou que, por qualquer outro motivo, cuidam, segundo a expressão popular, de encher lingueta sempre o sr. Cabral destaca as orações em linha separadas. Ora, o caso não pode estar sujeito vontade ou capricho de qualquer de nós; a pontuação tem o seu sistema soberano, a sua regra sagrada que vai da vírgula ao parágrafo.

Mas o livro, no seu conjunto, inspira real simpatia. O sr. Mário Cabral compreende e define as virtudes naturais, a grandeza e a graça panorâmicas de Aracaju, proclamando-a a mais bela melhor cidade do mundo. E cada um, a respeito da sua terra, deve sentir e fazer a mesma coisa.

Enriquecem o volume, que vai a trezentas páginas em amplo formato, interessantes desenhos do sr. Álvaro Santos.

VIAGENS MARAVILHOSAS DE MARCO POLO

Reconstituição de LÚCIA MACHADO DE ALMEIDA

Edição Melhoramentos
São Paulo
1948

Histórico, passando pelo Romance, a Ópera Cômica e a Poesia, até à Comédia e à Farsa, que na figura do imortal veneziano se têm inspirado, ou dele com maior ou menor desrespeito à exatidão dos fatos, têm abusado. A imagem forte e arrojada em tantos lances heróica, que esplendeu no último quartel do século XIII e perdurou no primeiro do século XIX, continua a exercer e sempre, sem dúvida, exercerá, o seu prestígio, meio real meio imaginado, que os Pastos consagraram e a que a Lenda emprestou as suas galas tão preciosas como a Verdade. Para lhe prestar também a sua homenagem, compôs a sra. Lúcia Machado de Almeida com páginas de clara, desvelta e sempre amena narrativa. Nelas entram, além da documentação das enciclopédias, pormenores e impressões material variadamente preciosos, vindo quer do trabalho de pesquisa quer das obras de ficção e até particularidades colhidas no próprio Livro de Marco Polo, por ele escrito, quando prisioneiro de guerra, em Gênova, ao seu irmão de cativo Russo, Luciano de Pisa. E todos estes capítulos, que a autora destinou especialmente às crianças, em verdade devem interessar e agradar a toda a gente. Enriquecem o volume dois mapas pitorescos e outros desenhos artísticos do sr. Oswaldo Storm.

ENTRE DOIS VENTOS

Páginas de poesia de NORA D'ARC

Irmãos Pongetti, Editores
Rio de Janeiro
1948

Um livro que desperta imediata e alta simpatia. A sra. Nora D'Arc deve ser muito moço. Em todas as obras — mais de cem — que compõem o presente volume se sente a vibração, o ímpeto, a aspiração ardorosa e a desmedida ilusão da juventude. Às vezes, diríamos até da adolescência. Por isso mesmo, por se tratar de uma quase criança, não se lhe devem exigir conceitos muito profundos nem rigorosas condições de técnica. O que nos cumpre, sim, é não deixar de notar as imagens audaciosas mas verdadeiras brilhantes; as frases esquisitas no primeiro momento mas depois intensamente expressivas; as intuições que as palavras não definiam por completo mas merecem ser adivinhadas. Coisas realmente belas e auspiciosas não faltam no livro. A poetisa promete muito e cumprirá.

Artes PLASTICAS

Por ANGELUS RAVEL

O BOLIVIANO GIL COIMBRA

"A arte boliviana é essencialmente decorativa" — declarou Gil Coimbra a um repórter, quando de sua exposição realizada na semana passada, no Palace Hotel, com uma esplêndida mostra de trabalhos sobre os mais variados temas da Bolívia e do norte do Brasil.

Atentando na afirmação do artista da Bolívia, percorremos detidamente a sua exposição, quando os seus quadros de magníficos contornos plásticos nos deram uma extraordinária impressão de vida, mas de uma vida milenar e esquisita que não conhecemos, que fica para lá da fronteira.

Em verdade, a arte de Gil Coimbra nos fala de um mundo diferente. E nas suas vigorosas concepções pictóricas sobre a gente, costumes e coisas da terra boliviana, vislumbramos uma imensa ternura do artista pela sua pátria, sentimento este que se comunica ao apreciador dos seus quadros, num grande desejo de ir à Bolívia para apreciar de perto essa rica e variada vida de um povo pejado de tradições.

Já se disse que não é possível a um povo sem tradições possuir uma arte consumada. A mostra de Gil Coimbra veio provar esta afirmativa. Apesar de a Bolívia ser um país aparentemente tão jovem como o nosso, com a exposição de Coimbra, nos aparece aos olhos como uma terra milenar de tradições mil. E isto tudo devido à herança dos antepassados índios, doadores aos bolivianos de hoje de um inesgotável manancial pictórico e escultural, patrimônio dos mais apreciáveis, agora que constatamos como vêm sendo magnificamente aproveitados os seus temas.

Gil Coimbra percorreu quase todo o Brasil, toda a região norte. De lá é que

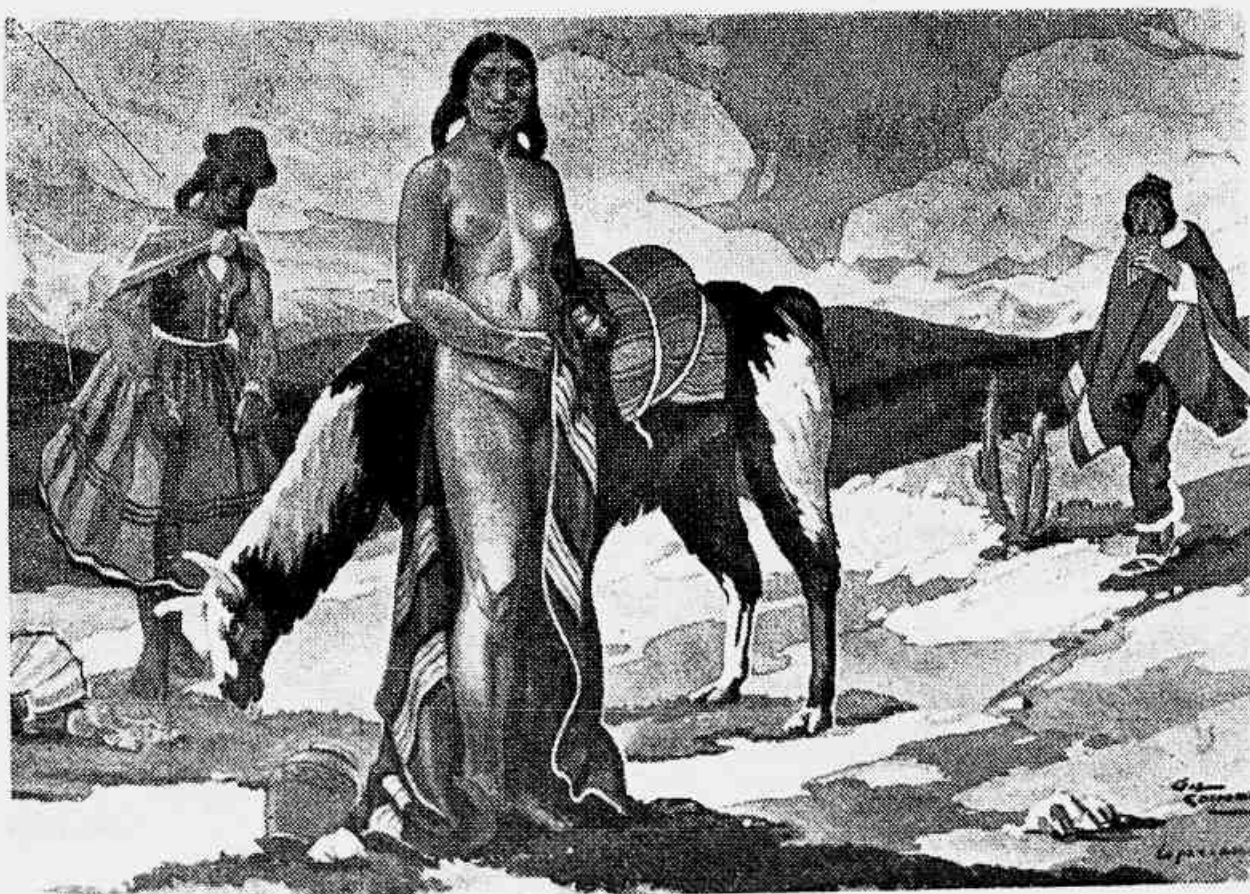


Gil Coimbra

nos traz, com seu traço personalíssimo, ótimas composições, como, para citar um exemplo, o "Fin", onde o artista procura fixar, num tom meio simbólico, o tão explorado e sempre novo tema das secas no Nordeste.



"Esponsales"



"Madre Tierra"

PICASSO,

CERAMISTA

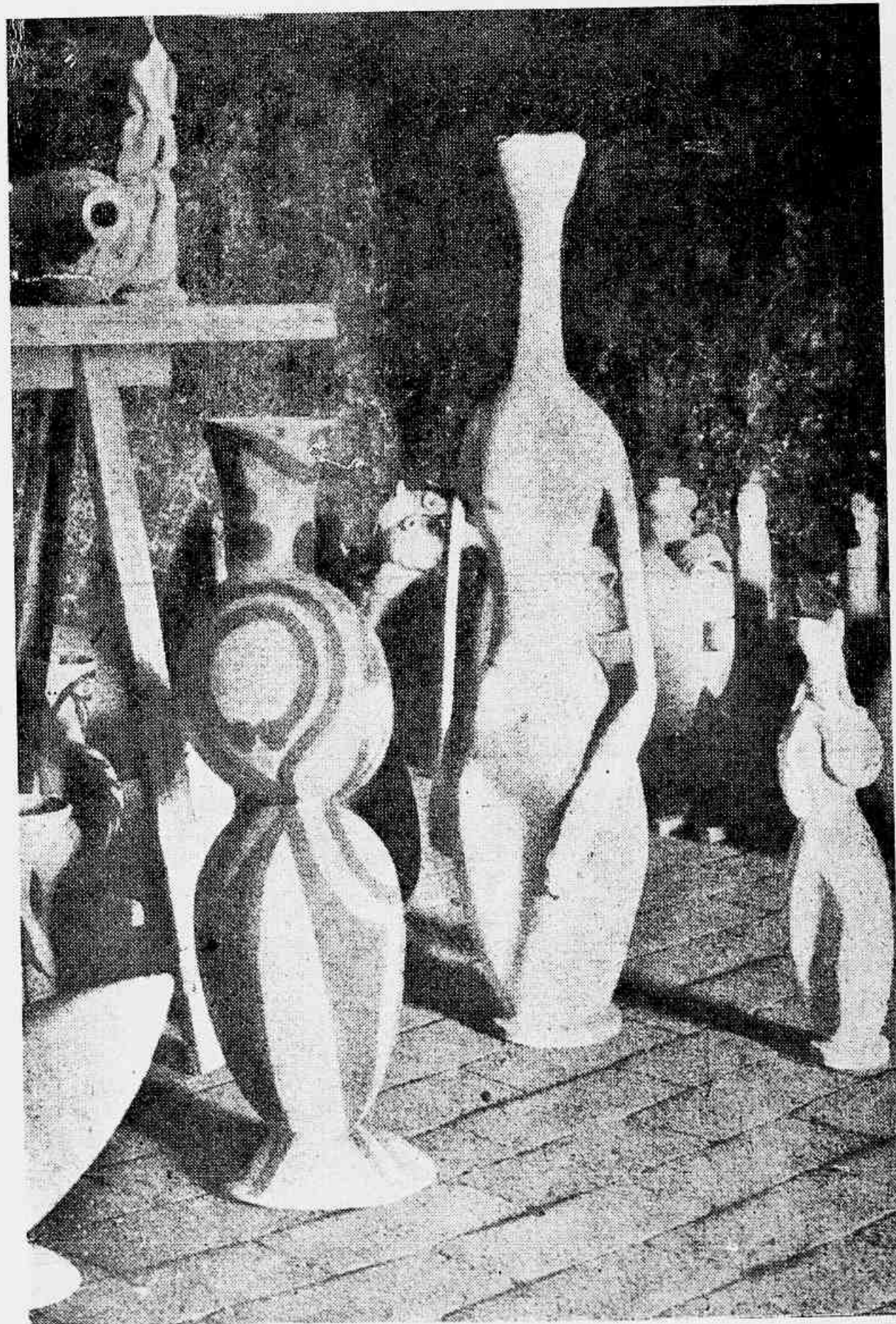
Pablo Picasso, o modernista espanhol, acaba de voltar seu talento artístico para uma modalidade de arte ainda nova para ele — a cerâmica. Aqui estão as primeiras produções de seu trabalho em barro publicadas nos Estados Unidos.

Todas as tardes Picasso, que tem agora 67 anos, vai no seu modesto e velho "Renault" à Riviera Francesa, subindo a frequentada cidadezinha de Golfe-Juan, onde atualmente reside, e se dirige para sua cerâmica, nas proximidades de Vallauris. Ali então ele modela, coloriza e prepara a fogo as peças de arte desenhada por ele mesmo.

Tem Picasso já cerca de mil peças, mas se recusou a exhibir qualquer uma delas. Autoridades no material acham essas obras espantosamente originais e bem feitas, e menos "moder-

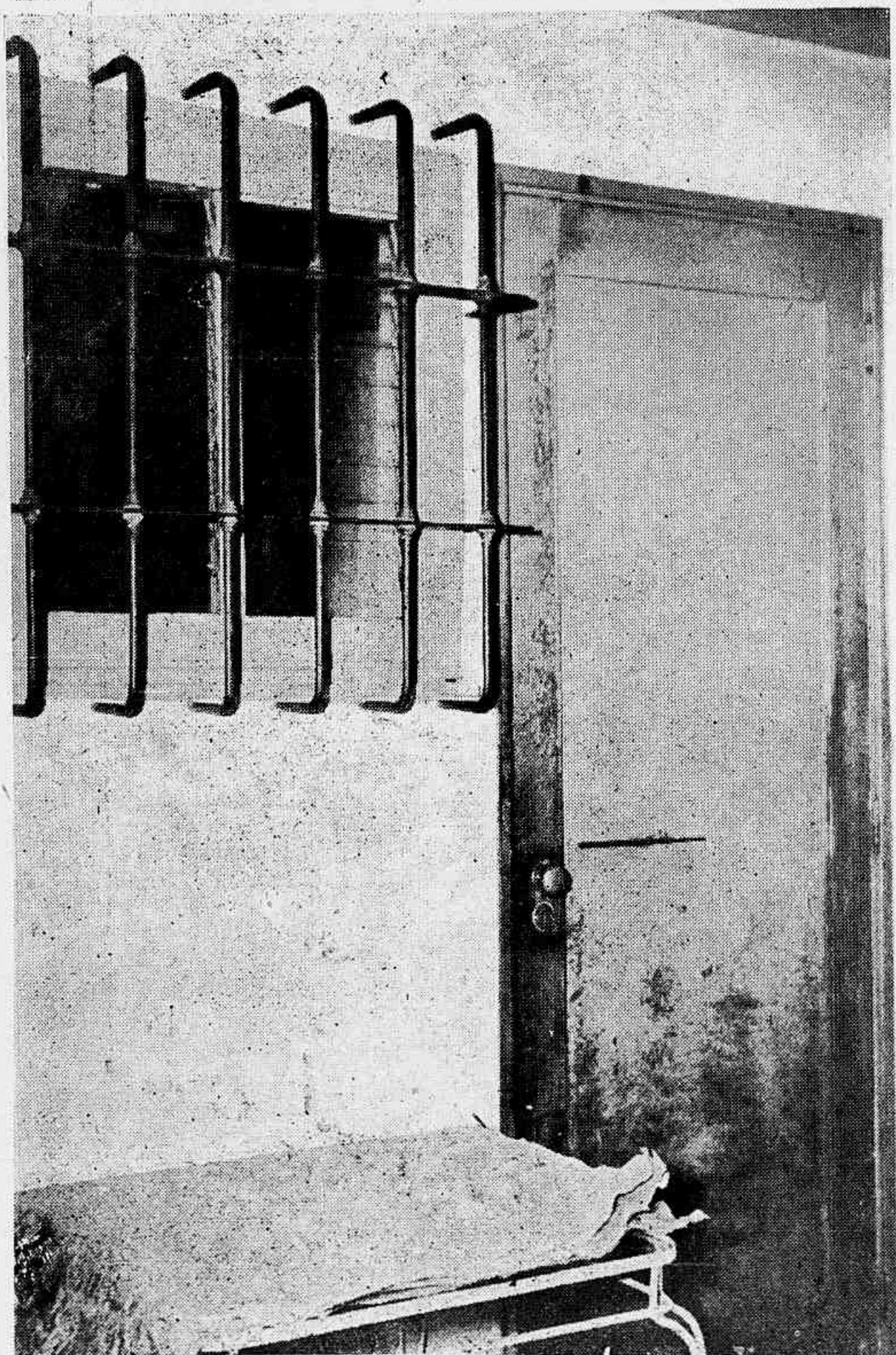


nas" do que muitas das suas pinturas. Parecem possuir traços entre o estilo espanhol e o pre-clássico grego. Mas também podem significar, talvez, a primeira manifestação de Picasso nessa nova carreira na arte da cerâmica.



A MORTE DE VIRGÍLIO DE MELLO FRANCO

(Continuação da página 7)



UMA FOTO HISTÓRICA — O caixão do sr. Virgílio de Mello Franco quando era transportado para a sua última viagem

rimônia pública quando teve notícia, por intermédio do engenheiro Newton Salgado, do infausto e brutal acontecimento, demonstrando grande pesar pelo sucedido.

Também em pouco tempo a notícia chegava até Minas Gerais, terra à qual o sr. Virgílio de Melo Franco dera a maior de suas energias, tendo o governador Milton Campos ficado profundamente emocionado. Na impossibilidade de vir ao Rio pessoalmente, devido a negócios da maior importância que o prendem ao Estado mineiro, o sr. Milton Campos designou secretários de Estado para representarem Minas Gerais nos funerais do pranteado extinto.

O ENTERRO

As 17,30 horas do mesmo dia saiu o féretro da rua Maria Angélica, 664, acompanhado de centenas de automóveis, onde estavam o representante do presidente da República, ministros de Estado, parlamentares, jornalistas, escritores e demais figuras representativas da Capital do País.

A beira da sepultura falaram diversos oradores, discorrendo sobre a inestimável perda que sofrem os homens públicos do Brasil e especialmente de Minas Gerais. O deputado Prado Kelly, presidente da U.D.N., em substancial alocução, rememorou toda a vasta fôlha de serviços prestados pelo sr. Virgílio de Melo Franco ao Brasil, salientando a relevância do papel desempenhado por ele em prol das liberdades públicas do povo brasileiro, chamando-o de "General da Resistência Democrática" pela sua ação desassombrada e leal nos momentos mais angustiosos para a democracia brasileira. Salientou, ainda, o papel desempenhado pelo inesquecível morto na Revolução de 1930.

TRAÇOS BIOGRÁFICOS

Era o sr. Virgílio de Melo Franco ligado a duas tradicionais famílias de Minas Gerais: Melo Franco, pelo lado paterno, e Cesário Alvim, pelo lado materno. Nasceu o ilustre homem público na cidade de Ouro Preto, a 10 de junho de 1897, filho do embaixador Afrânio de Melo Franco e sra. Silvia Cesário Alvim de Melo Franco. No Colégio Pedro II, desta capital, fizera o curso de humanidades, bacharelando-se em direito, em 1918, pela Faculdade Livre de Direito do Rio de Janeiro. A seguir, estabeleceu banca de advogado no Rio e em Minas, dedicando-se, igualmente, à política e à imprensa, onde revelou-se primoroso cronista. Em 1922 foi eleito representante do povo mineiro na Câmara Estadual, pelo Partido Republicano Mineiro, sendo reeleito, sucessivamente, até 1930. Em 1931 publicou o livro "Outubro de 1930", sobre a marcha da revolução em que teve tanto destaque. Em 1934 foi eleito para a Assembléia Nacional Constituinte, pelo Partido Progressista de Minas, sendo escolhido para líder da sua bancada. Em 1937, por ocasião da implantação da ditadura, rompeu com os detentores do poder, colocando-se na oposição, onde ficou até os dias memoráveis da campanha de 1945, onde tomou parte das mais ativas, como já assinalamos, como secretário geral da U.D.N. Ultimamente exercia as funções de presidente da seção udenista mineira.

INEXPLICÁVEL TENTATIVA DE SUICÍDIO

Alguns dias depois de ocorrido o trágico fato com que nos vimos ocupando, Antônio Ferreira de Assis Filho, o copeiro do sr. Virgílio de Melo Franco, que esmagara a cabeça do assassino com violentas pancadas desferidas com a espingarda que o

assaltante conduzia, tentou suicidar-se, logo após deixar o distrito onde se encontrava detido para interrogatório.

O ato tresloucado do empregado da família Melo Franco veio abrir uma nova questão no caso, havendo mesmo a suposição de que Antônio, vendo-se apontado como possível cúmplice do hediondo crime, haja assim atentado contra a própria vida, procurando fugir às suspeitas.

Contudo, ouvido pela reportagem de um matutino local, o comissário Miller, de serviço na delegacia da Gávea, declarou que isto não queria dizer que Antônio fosse cúmplice. Revelava, sim, o seu ato desesperado e estado de nervos em que se encontra, cercado de suspeitas, apontado como possível cúmplice numa história em que ele, bravamente, foi em socorro do seu patrão, ainda que tenha sido vão o seu esforço para impedir a ação assassina de Pedro Santiago.

A SÉTIMA BALA

Investigações mais minuciosas efetuadas pelo dr. Jair Fortes da Silva, delegado de polícia em Barbacena, revelaram o aparecimento de uma sétima bala, o que vem perturbar a versão geralmente aceita do crime, isto é, a exposta nesta reportagem. A sétima bala não foi disparada nem pelo assassino nem pela vítima! Quem teria sido o autor do tiro?

Este detalhe, contudo, pode ser de um momento para outro esclarecido, uma vez que bem poderia ser um projétil alojado ali há muitos anos, esquecido de todos, tanto assim que nas investigações iniciais o técnico Timbaúba Filho, da polícia, declarou que vira o orifício, mas não lhe dera maior importância.

AS HOMENAGENS DO CONGRESSO

No Senado e na Câmara realizaram-se significativas homenagens à memória do sr. Virgílio de Melo Franco, em longas sessões onde os oradores esqueceram por um instante as pugnas partidárias e se irmanaram na reverência ao vulto de um ilustre patricio brutalmente roubado à vida.

Naquela alta casa de representação usaram da palavra os senadores José Américo, Ferreira de Souza, Artur Santos, Ivo d'Aquino, Durval Cruz e Evandro Viana. Em seguida, por requerimento do sr. Ferreira de Souza, foi suspensa a sessão em homenagem ao pranteado morto.

Na Câmara dos Deputados foi, inicialmente, consignado em ato um voto de pesar pelo desaparecimento do sr. Virgílio de Melo Franco. A seguir, falaram sobre a personalidade do ilustre político morto os deputados Gabriel Passos, Benedito Valadares, Tristão da Cunha, Carlos Luz, Rui Santos, Hermes Lima, Luis Silveira, Crépori Franco, Segadas Viana, Raul Pila, Antônio Maria Correia, Campos Vergal, Mario Brant, Altamirando Requião e Flores da Cunha. Como acontecera no Senado, a sessão foi suspensa em homenagem póstuma ao sr. Virgílio de Melo Franco, logo que se pronunciaram os oradores enumerados.

Por esta porta, na calada da noite, o matador penetrou na residência do seu ex-patrão para assassiná-lo, juntamente com todos os da sua casa



EM CIMA: Flagrante apanhado na casa do sr. Virgílio de Mello Franco, vendo-se, entre outros, os srs. José Américo, Prado Kelly, Pedro Aleixo, Osvaldo Aranha, Vitor do Espírito Santo e Raul Lima. EM BAIXO: O que resta do drama: o revólver do saudoso líder udenista, a espingarda do assassino, as chaves de que este se serviu e alguns cartuchos disparados



LADY GODIVA

ELENCO

Maria ALMA FLORA
 Arnaldo RODOLFO ARENA
 Henrique PROCOPIO FERREIRA

Três atos de Guilherme Figueiredo, no TEATRO SERRADOR

Companhia Procópio Ferreira

Direção cênica de RUGGERO JACOBBI



Arnaldo era um marido confiante. Ao deparar Henrique beijando a esposa, exclama: "Vocês são duas crianças"

GUILHERME FIGUEIREDO é outra figura de nossa literatura a quem o teatro seduziu. E o autor de *Rondinela*, vem preparado para ficar; a sua peça, embora rica de valores literários, não se perde na literatice de outras obras teatrais de neófitos. Com três personagens, não poderia o autor escapar a certos trechos burilados. Nada disso, entretanto, corta ao seu original as possibilidades de revelá-lo como um autêntico teatrólogo, pois os elementos com que maneja sua ação, os imprevistos que coloca aqui e ali no seu diálogo, são de categoria suficientemente teatral. O diálogo de "Lady Godiva" é como uma cadeia interminável de palavras de mãos dadas: quando se pensa que a ação vai parar, uma nova palavra surge, agarrando-se à anterior e trazendo atrás de si uma legião de outras irmãs. Um jogo literário, dirão alguns. Literário e teatral, pois se há literatura em "Lady Godiva" — e nunca literatice — já que serve a uma idéia inteligente e que necessitava dela para seu completo desdobramento — isso não mata o teatro que há na curiosa história de uma mulher em experiências de fidelidade.

"Lady Godiva" é a história do triângulo eterno, esse triângulo que mesmo ausente é sempre uma possibilidade. Uma mulher, um homem e... um eterno outro homem capaz de surgir na vida de um casal... A eterna possibilidade de uma terceira pessoa na vida de duas outras, a menos ou a mais desejável, segundo as circunstâncias...

A vida traça as coisas de maneira diferente, mas tudo é mais interessante na vida dos personagens de Guilherme Figueiredo. Maria, Arnaldo e Henrique conseguem ser alguma coisa mais do que simples seres humanos: cristalizam-se em símbolos. Arnaldo é o marido confiante que, durante um ato consegue, com as palavras do autor, defender o seu ponto de vista, isto é, a sua masculina e egoística certeza na fidelidade da esposa. Henrique, homem brilhante, um "bon-vivant", através uma conversa inteligente nos leva, a nós, público dessa trama e até mesmo a inexpugnável Maria a crer no seu direito de conquistá-la. O segundo ato é seu. Mas no terceiro ato afinal chega a vez de Maria, Lady Godiva dos tempos modernos... Ela em poucas palavras xinga todos os homens, isto é, todos os Arnaldos e Henriques do mundo, de nomes bonitos... Depois continua irônica, indecifrando-se cada vez mais, cada vez mais Lady Godiva, cada vez mais mulher. Por isso, com todas as possibilidades de ser muito fiel... ou muito infiel.

SÉRGIO BRITTO

MARIA e Arnaldo preparam-se para esperar Henrique, o amigo a quem não viam há muito tempo. "Henrique é um amigo que a gente recebe de pijama e vai mandando entrar", reclama Arnaldo, dentro de seu colarinho duro. "Mas, Arnaldo, ele mesmo disse pelo telefone: Passarei por aí! Vamos dançar!"

— "Será possível que Henrique chegue de Paris com vontade de dançar? Nove anos de dança!"

A expectativa pela chegada de Henrique era justa. Entretanto era uma mansira diferente de esperar. Pressentimentos estranhos moravam na cabeça de Arnaldo. Maria curiosamente interrogou: "Quando você me espera não sente assim também?"

— Não. Quando eu espero você, tenho uma certeza, a do seu aparecimento, como se fosse um milagre que eu pudesse prever. E no momento em que você surge, é como se de repente as luzes ficassem mais claras, o ar mais fino, as coisas todas difusas, através de um holo trêmulo...

Mas afinal chegou Henrique para interrompê-los em seus carinhos e em sua eterna lua de mel.

Chegou o mesmo de sempre, alegre, brincalhão e agora cheio de cabelos brancos. Serviram-lhe um "whisky" bem gelado e pediram-lhe que contasse tudo.

— "É uma infâmia contar o que fiz diante desses 'anjos'. Podia ser mesmo uma infâmia, mas tanto insistiram que ele contou. O homenzinho viera cheio de experiências... francesas e cada vez mais descrente do casamento. 'Paris é um antídoto para o homem conjugal, o predisposto. Assim como se vai para Campos de Jordão quando se está fraco, deve-se ir a Paris, quando se está inclinado a casar'. Henrique conseguiu escandalizar os amigos: 'Tenho para mim que não há mulheres honestas ou desonestas'. Arnaldo defende as esposas fiéis e, para defendê-las, conta a lenda de Lady Godiva.

Godiva era esposa de Leofrico, um monstro ciumento, um verdadeiro tirano, que sobrecarregava de impostos seus súditos. Godiva intercedeu por eles e Leofrico respondeu que só a atenderia se ela atravessasse as ruas de Conventry completamente nua. Godiva fez anunciar a todos os habitantes a imposição. E quando saiu do castelo, cavalcando um belíssimo cavalo, todas as portas, todas as janelas estavam trancadas".

Maria gostou, como era claro, da lenda que Arnaldo contou. Henrique protestou, dizendo ser falsa a versão de Arnaldo, pois Tom, um rapaz da aldeia, vira Lady Godiva no seu estranho passeio. Insinuante, Henrique detalha sua versão da mesma lenda: "Lady Godiva podia ter a certeza de que nenhum olhar a contemplava extasiado. Mas só com isto, pensou nesse olhar. E em imaginação o olhar que ela desejou, percorreu a pele de Lady Godiva, como a melhor das carícias que Leofrico jamais lhe soube dar".

Arnaldo protestou por sua vez, afirmando que Henrique e o tal Tom não eram "gentlemen". — "É possível — respondeu Henrique — mas justamente os homens que não são 'gentlemen' é que conseguem vitórias sobre as mais inexpugnáveis ladies".

— "Faço uma aposta — replicou Arnaldo. — Aposto que não é capaz de conquistar uma mulher perfeitamente honesta".

— "Que mulher?"

— "A minha".

— "Conquistar Maria? Você diz..."

— "Mas é uma brincadeira de mau gosto... Vocês então..."

Embora uma brincadeira de mau gosto, Arnaldo insistiu e Henrique acabou por aceitar a aposta.

— "Vou ler os jornais. Ai tem minha esposa. Boa noite".

Maria assustada: — "Você vai nos deixar?"

— "Vou, é claro. Não se sente orgulhosa?" — e, com estas palavras, Arnaldo retirou-se. As coisas poderiam ter parado aí.

Mas Henrique possuía todas as características de um conquistador profissional. E logo que se viu com uma oportunidade pela frente, começou a agir. Maria achava nobre a atitude de Arnaldo, confiando nela assim.

— "Mas não houve nobreza alguma da parte de Arnaldo. Apenas vaidade, e uma vaidade que te ofende minha amiga" — eis o primeiro motivo de Henrique

Maria replicou com amor sincero que lhe devotava Arnaldo, mas os argumentos foram surgindo impiedosos, maus, certos:

— "Não cre que você seja suficientemente mulher para ser cobiçada".

— "Você é dêle, pertence a ele, não pelas suas qualidades de esposa, mas pelas dêle, de marido".

— "Logo que cheguei descobri nos seus olhos um cansaço..."

— "Um cansaço?" — tentou Maria.

— "Sim... um cansaço de felicidade conjugal" — responderia o quase vitorioso Henrique.

Maria já começa a duvidar. E o hábil, o insinuante Henrique consegue mais: fá-la temer pela certeza do amor de Arnaldo, a sua exagerada tranquilidade... Ela então lhe pede um auxílio: "Finja que me ama e assustaremos Arnaldo".

Henrique fingir, m...
 Os dois dançariam...
 No dia seguinte...
 assustada...
 ele sorria...
 da estrada...
 cassino...
 convidado...
 sai mais...
 Afinal...
 começa...
 então q...
 o único...
 respond...
 interess...
 muito...
 dizendo...

Ninguém apanha...
 do outro...
 beijado...
 que ele...
 que se...
 mais a...
 rápido...
 do em...

toda a...
 por um...
 e tudo...
 eu am...
 ainda...
 tes de...
 Maria...
 dois...
 aban...
 traído...
 tercei...
 sózin...
 pede...
 devol...
 Arnal...
 de vo...
 mulhe...
 most...
 Ficar...
 egois...
 visita...
 exper...
 An...
 Lady...



EXPOSIÇÃO DE INDÚSTRIA E COMÉRCIO

A foto acima é um aspecto do novo "Stand" da conceituada firma A. S. Macedo, desta praça, na Exposição Internacional de Indústria e Comércio, vendo-se, da esquerda para a direita, as seguintes pessoas que, no momento, estavam em visita ao mostruário dos famosos vinhos de Portugal: drs Mendes da Fonseca e José Soares Franco; sr. Antônio Calem, da firma Adriano Ramos Pinto & Irmãos Ltda.; Mme. Soares Franco; Maria de Lourdes, encarregada do "Stand"; Mme. A. S. Macedo; sr. A. S. Macedo, representante dos vinhos Ramos Pinto; Orlando Gonçalves, auxiliar da firma A. S. Macedo, e 2.º tenente Mendes da Fonseca, sentado



HOMENAGEM — Aspectos do banquete oferecido pelo sr. Antônio de Oliveira Calem, sócio-chefe da tradicional firma portuguesa Adriano Ramos Pinto & Irmãos Ltda., em homenagem aos seus numerosos amigos e clientes da praça do Rio de Janeiro. Dentre os presentes ao banquete que se realizou no salão nobre do Clube Ginástico Português, notavam-se o homenageante, que é também presidente da Associação Comercial do Porto, o sr. dr. Soares Franco, industrial português, o sr. A. S. Macedo e outros conceituados comerciantes desta praça, jornalistas e pessoas de destaque social, tendo reinado muita cordialidade durante a festa, que teve um cunho marcante de confraternização

Um brinde especialmente dedicado às noivas do Brasil



Na próxima edição da
"REVISTA DA SEMANA"
o Suplemento Feminino, será
dedicado às noivas.

COMO VAI FAZER A VIAGEM DE NUPCIAS?
DE AVIÃO? DE TREM? DE AUTO? DE NAVIO?
DE ÔNIBUS?

**MODELOS
SUGESTÕES
DETALHES
IDEIAS**

INTERIORES DO QUARTO NUPCIAL
PARA TODOS OS GOSTOS, DO MAIS SIMPLES
AO MAIS EXIGENTE

CONSELHOS ÀS FUTURAS MÃES

Modelos inspirados nas últimas sugestões, nas criações mais recentes para as noivas e suas acompanhantes.



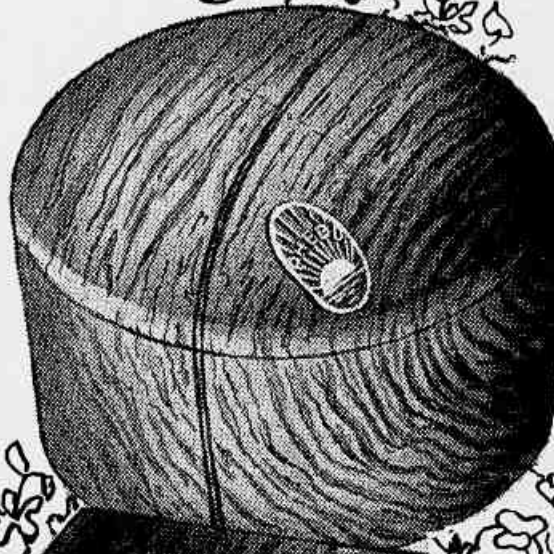
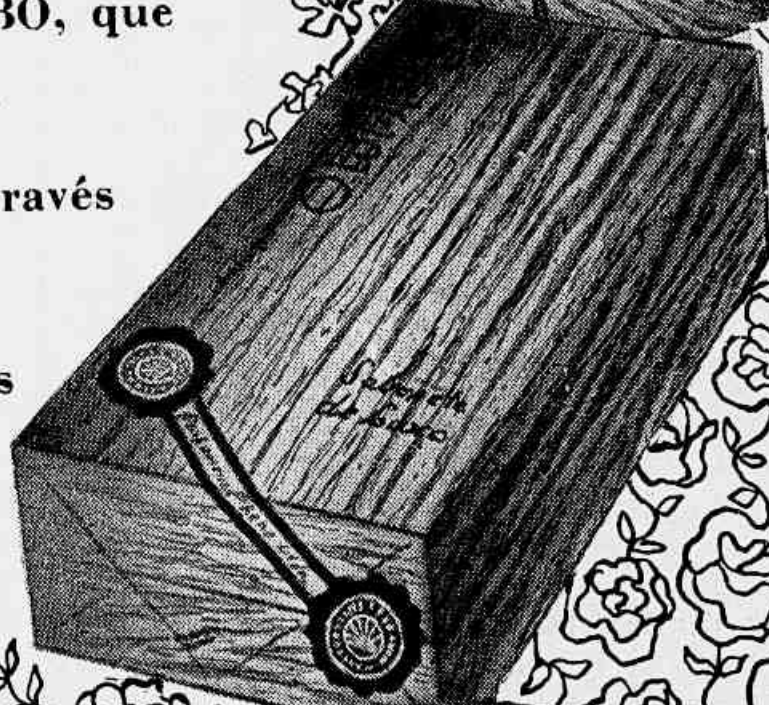
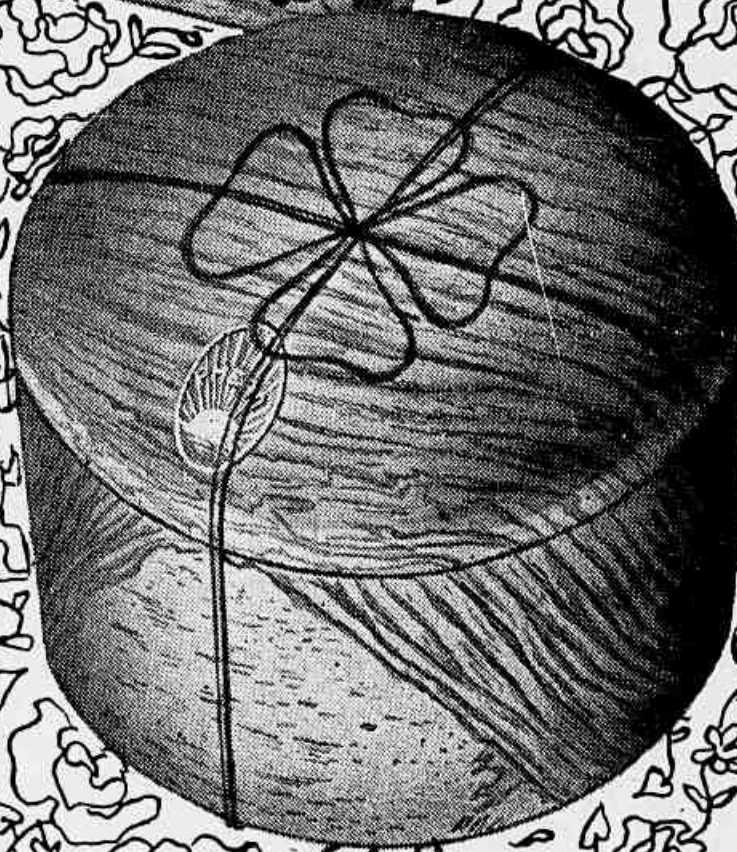
Vejam na "Revista da Semana" do
dia 20 do corrente.

UMA COLEÇÃO PERFUMADA

Sempre desejada

A "EQUIPE" PHEBO

Com o sempre desejado Odor de Rosas, PHEBO, que nasceu no sabonete n.º 1 do Brasil, ampliou o seu domínio, aparecendo agora através o seu perfume, que vive mais intenso ainda, no pó de arroz e talco, em lindas embalagens de madeira. Adquirá para si esta preciosa coleção, e, sempre que tiver um presente a oferecer, dê uma caixa de luxo com 3 sabonetes PHEBO.

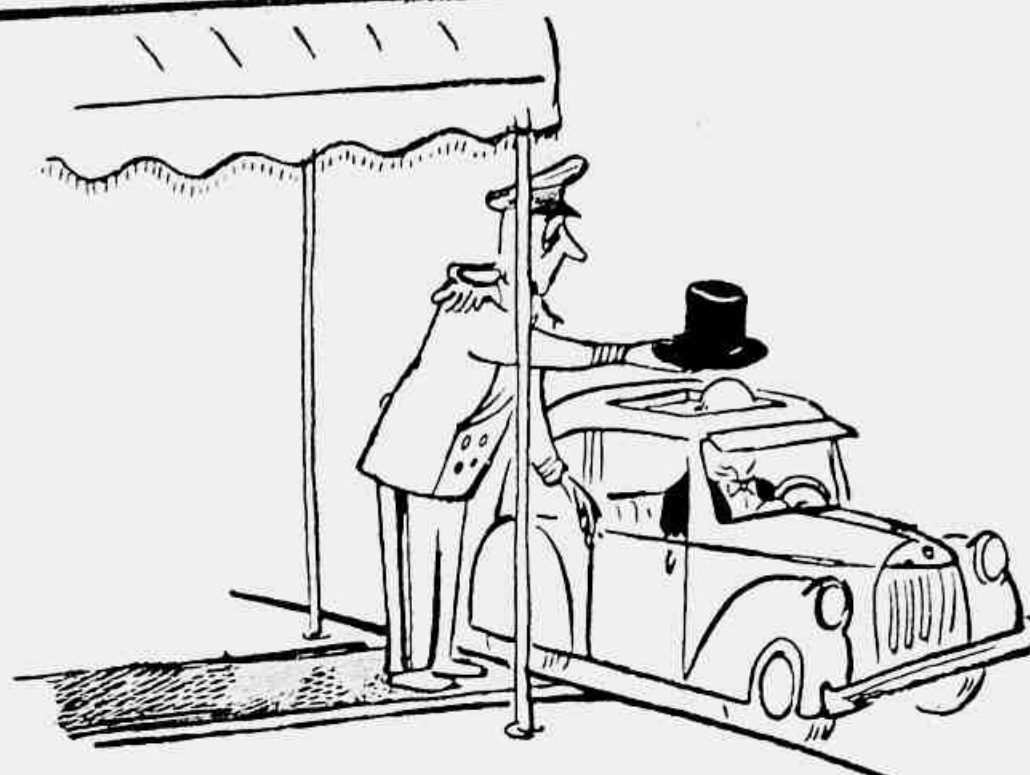
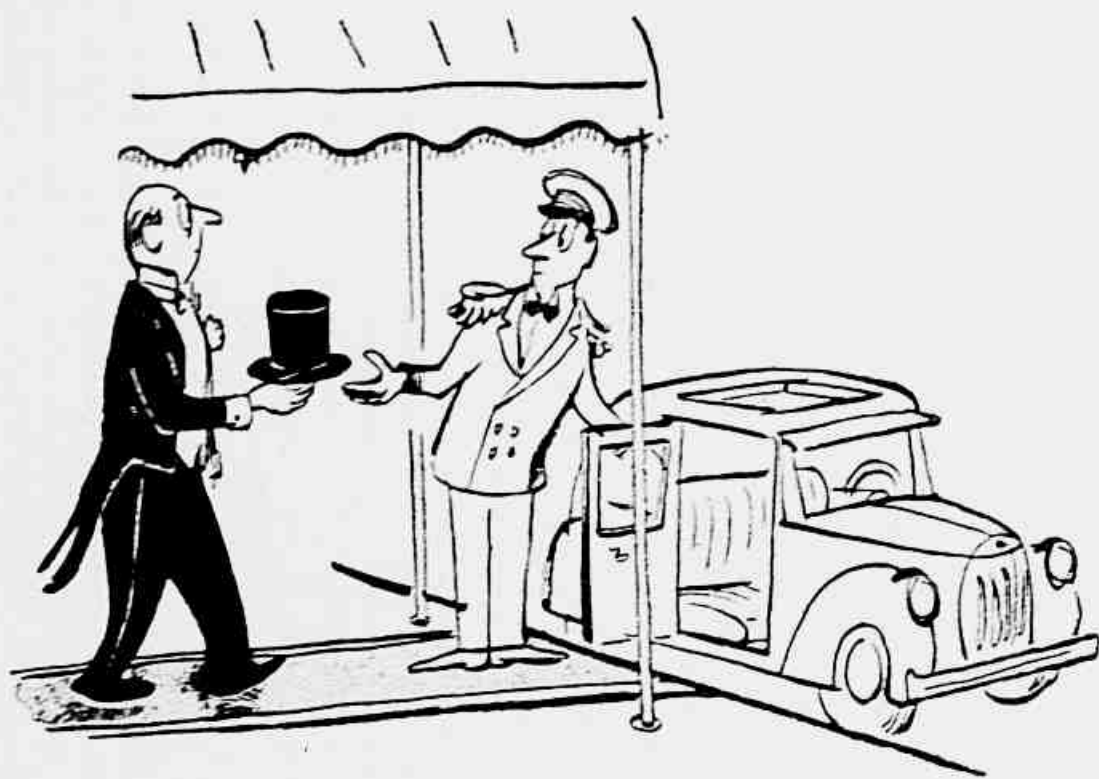


Criações

PHEBO

PERFUMARIAS PHEBO





colman

ACHADOS e PERDIDOS

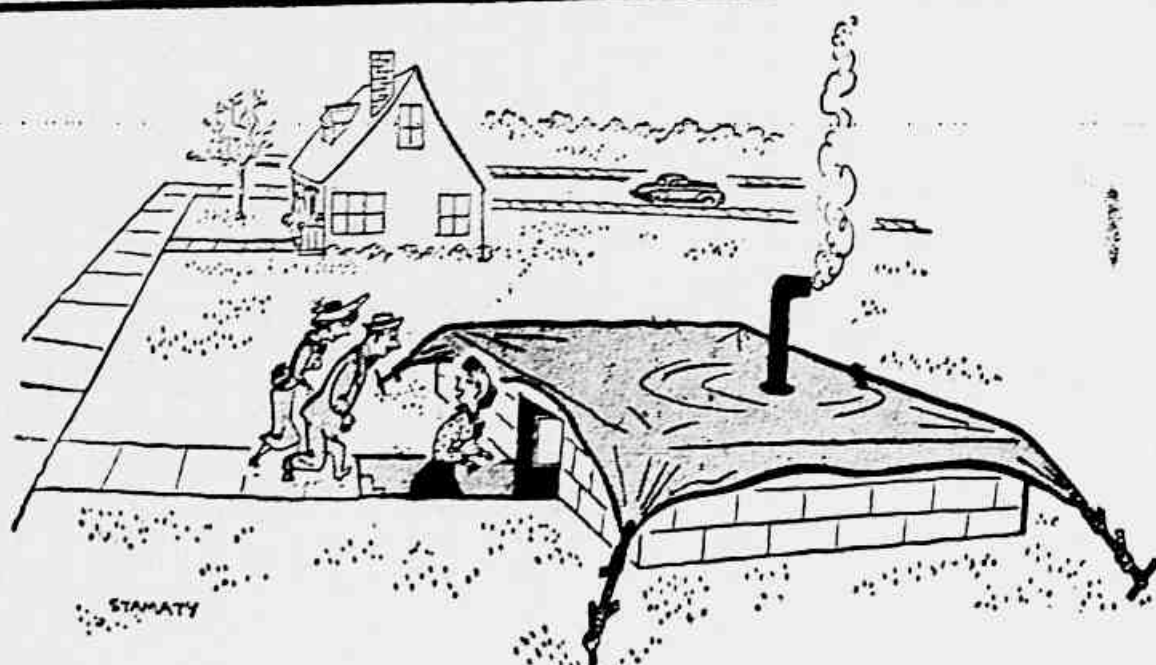


— O senhor sabe se alguém achou minha mãe?



— Eu não disse que ele estava com febre!

BOM HUMOR



— Meu marido pretende aumentar mais um andar na casa.



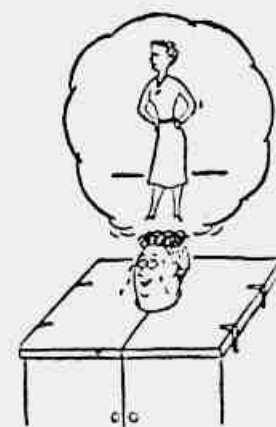
— O senhor precisa de um modelo?



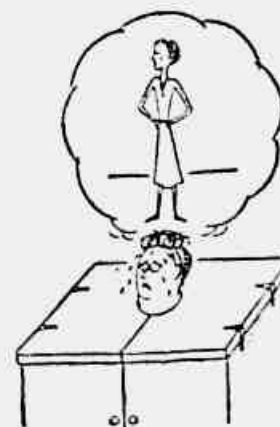
1



2



3



4



5



6

AS JÓIAS ROUBADAS

19

CONTO DIALOGADO DE JOÃO LUSO

Temos a satisfação de convidar os nossos leitores prezabilíssimos a assistir à representação das "Jóias Roubadas", drama policial em um ato, quatro cenas e — não se assustem — dez minutos, contados a relógio. Este drama não foi escrito por pessoa alguma; é uma peça simplesmente "acontecida", o que lhe não prejudica o interesse como técnica teatral, nem como estilo — muito pelo contrário.

A cena representa o gabinete do delegado do X Distrito Policial. Sete para sete e um quarto da noite. A digna autoridade, à sua mesa de trabalho e toda entregue aos afazeres da sua hora de permanência na sede distrital, lustra meticulosamente as unhas, pensando no próximo giro habitual pelos teatros. O prontidão assoma à porta do gabinete, perfila-se e anuncia ao nobre mantenedor da ordem e da moral públicas que uma dama lhe deseja falar. S. s. esconde o polidor e a caixinha da pomada, dá um jeito à gravata, puxa à frente as bandas do fraque, passa as mãos pelo cabelo — e manda entrar.

CENA PRIMEIRA

A ESTRÉLA, da porta, com o mais teatral dos sorrisos — O sr. doutor dá licença?

O DELEGADO que, ao reconhecer a "parte", se levanta, precipita — Oh, mas pois não! Com o maior prazer! Uma cadeira, tenha bondade!

ESTRÉLA — Sei que o tempo do doutor é precioso...

DELEGADO — Por mais que o fosse, não se me daria de o perder... com a senhora. (Insistindo com a cadeira.) Mas tenha a bondade. Por quem é!

ESTRÉLA, sentando-se — O doutor me confunde... Ora, é o seguinte: Eu sou...

DELEGADO — Oh, minha senhora! Quem não conhece a grande artista patriótica, a estréla mais refulgente dos nossos palcos populares!

ESTRÉLA, assestando-lhe o "face-à-main", com uma elegância absolutamente palco popular — E' muita gentileza de mais. O doutor me machuca!

DELEGADO — Não diga isso!

ESTRÉLA — O doutor já foi ver a nossa nova revista?

DELEGADO — Com certeza, já. Mas... espere aí... São tantas agora... A qual se refere?

ESTRÉLA — Sai daí, não seja besta!

DELEGADO — Como?!

ESTRÉLA — E' o título... O título da revista. Tem graça, não?

DELEGADO, ainda pálido e num terrível esforço para disfarçar — Ah! Pois não! pois não! Ultimamente os títulos dessas peças são todos muito engraçados: Quem tem rabo não se assenta, Você me está coioando, Eu dou nesta mulata, Tu não se enxerga, seu trouxa... Muito espírito, muito!

ESTRÉLA — Mas nenhuma como esta agora. Não é só negócio de fazer rir... E' arte, também!

DELEGADO — Acredito, acredito... (Nova manobra do "face-à-main".) E, decididamente, vou assistir outra vez!

ESTRÉLA, como se se dirigisse ao "compadre" — Meu Deus, quando?

DELEGADO — Mas hoje mesmo. A senhora não representa hoje?

ESTRÉLA — Ora si!

DELEGADO — Pois lá irei aplaudí-la do camarote da Polícia. Aplaudí-la, senão com as mãos — o que iria de encontro às praxes autoritárias — pelo menos... com o coração.

ESTRÉLA — Oh, o doutor me esfrangalha toda! (Outro tom) — Bom, e as minhas jóias?

DELEGADO, como quem recebeu um murro na boca do estômago — Já?!

ESTRÉLA — Já? Já o que?

DELEGADO — Quero dizer... E' absolutamente contra as praxes... Em todo o caso...

ESTRÉLA — Mas o doutor encontra-as mesmo? Posso ter esperança disso?

DELEGADO — Perdão... Creio que laboramos em equívoco... De que jóias se trata?

ESTRÉLA — Das minhas, que me foram roubadas de ontem para hoje! Mas... Agora reparo... Com a conversa, me esqueci do que vinha fazer. (Subitamente consternada, preparando o lenço para as lágrimas que não devem tardar.) Sim, doutor, me roubaram as minhas jóias. Todinhas! (E com efeito leva o lenço aos olhos.)

DELEGADO — Então... Não se aflija. Aparecem. Sossegue.

ESTRÉLA — O doutor garante?

DELEGADO — Está claro que garanto. Não viu as da Lucília Peres, como apareceram?

ESTRÉLA — Mas aqui a zona é outra...

DELEGADO — Não importa. Os delegados... são os mesmos. A senhora dá, aí fora, ao comissário, a relação exata das jóias que lhe faltam e não se incomode com o resto.

ESTRÉLA — Ah, doutor! O senhor vai ver só como eu sou agradecida!

DELEGADO, "avancando" numa frase de comédia — Para me compensar de tudo, bastará que me olhe outra vez assim!

ESTRÉLA, vendo que ele se dispõe a avançar em mais alguma coisa — Mas é tarde, não? Deixa-me ir. Se duvidar, já aquele desgraçado me pôs na tabela! (Sorriso de final de ato, apoteose.) Até já, doutor?

DELEGADO — Até já, formosura! (Mais alto, para ser ouvido na sala contígua.) Queira dar a relação das jóias ao sr. comissário!

CENA SEGUNDA

O DELEGADO, ao prontidão que, mal a estréla sai, lhe vem trazer um cartão de visita — Reinaldo Flores... Mau! Isto deve ser história de mulher! Enfim... (Ao prontidão) Manda entrar.

O GALÁ, entrando com perfeita naturalidade... cênica — Meu caro doutor, peço-lhe mil desculpas de o vir importunar, mas...

DELEGADO — Já sei.

GALÁ — Como, assim? Já teve denúncia? Mas, por quem, se eu ainda não contei a pessoa alguma?

DELEGADO — Quando digo que já sei, quero dizer que imagino. Uma nova loucura, não?

GALÁ — Mas...

DELEGADO — Diga, com franqueza. Conte tudo. Eu, hoje (esfregando regaladamente as mãos), estou disposto como nunca a ouvir essas histórias sentimentais.

GALÁ — Muito obrigado, meu caro doutor, porém...

DELEGADO — A criatura que o senhor acabava de abandonar, jurou vingar-se na sua nova apaixonada. (O galá faz um sinal negativo e quer tomar a palavra.) Espere. Tenciona então a mulherzinha vingar-se no senhor mesmo? Vitriolo? Revólver? Conversa! Quando elas o dizem, não o fazem nunca!

GALÁ — O meu caro doutor dá-me licença? A questão... é que se não trata de nada disso.

DELEGADO, desenhadíssimo — Ah, não?

GALÁ — Antes tratasse! Imagine o meu caro doutor... que me roubaram as minhas jóias.

DELEGADO — Quê! Ao senhor, também?

GALÁ — E' como lhe digo. Parece um ndaço, uma epidemia... teatral. Tinha-as no meu quarto, num cofre que especialmente comprei para isso... E quando, há pouco, vou a vestir-me para sair, dou com o cofre arrombado e as jóias... viste-las!

DELEGADO, pensativo, à Sherlock Holmes — A que horas, mais ou menos, se teria dado o roubo?

GALÁ — Homem, para eu não acordar, com certeza estava no primeiro sono. Quer dizer que devia ser meio-dia... uma hora... por aí assim!

DELEGADO — Está bem. Fez a lista completa das jóias?

GALÁ — Aqui está.

(Continua na página 11)



ILUSTRAÇÃO DE ORLANDO MATTOS

A VIDA DE ALEXANDRE DUMAS

(ALEXANDRE DUMAS, pai — 1802-1870)

Por HENRY THOMAS e DANA LEE THOMAS

(Direitos adquiridos com exclusividade pela REVISTA DA SEMANA com a Livraria do Globo, de Porto Alegre).

ALEXANDRE tinha quatro anos de idade quando seu pai morreu. Ao sair da câmara mortuária, a mãe viu o garotinho subindo a escada e arrastando atrás de si um pesado rifle.

— Onde vai, menino?

— Vou para o céu.

— Nossa Senhora! Para que?

— Vou brigar com Deus porque Ele matou meu pai.

Como seus Três Mosqueteiros, Alexandre foi, desde a mais tenra infância, um impetuoso lutador contra forças insuperáveis.

II

Descendia de aventureiros e lutadores. Seu avô, o aristocrata Davy de la Pailleterie, atendeu a voz do sangue e embarcou da Normandia para a ilha de São Domingos. Ali viveu como uma espécie de Imperador Jones, cercado por uma multidão de escravos negros. Com uma das escravas, Louise Dumas, teve um filho mulato a quem deu o nome de Tomas-Alexandre.

Este filho de Davy de la Pailleterie herdou a natureza irrequieta do pai. — Quero sentar praça no exército.

— Muito bem — disse-lhe o pai — mas debes usar o sobrenome materno. Se um soldado mulato usasse o nobre nome de Davy de la Pailleterie, seria uma desonra para mim.

E assim Thomas-Alexandre entrou para o exército francês (1793) com o sobrenome de Dumas e, em sete anos, ascendeu da caserna ao generalato. Um homem estranho, corajoso, delicado, pensativo, simpático e combativo — eis o que era esse aristocrata de pele escura e cabelos castanhos. Tomou de assalto posições fortificadas nos Pirineus, fez dois mil prisioneiros, defendeu sozinho uma ponte contra um regimento de austríacos, lutou sempre na primeira linha de sua divisão. Certa vez, após uma batalha, perdeu os sentidos. Quando abriu novamente os olhos, seu ajudante-de-ordens perguntou-lhe:

— Está ferido, general?

— Não, mas matei tantos... tantos...

Como ardoroso republicano lutou sob as ordens de Napoleão, e ardoroso republicano permaneceu quando Napoleão se tornou ditador. Caindo então no desfavor de Bonaparte, foi desligado do exército.

Nesse interim, casara-se e se tornara pai de um menino robusto: nove libras de peso e dezoito polegadas de altura. E "graças a Deus", exclamou a mãe, a criança nascera branca. Pele rosada, cabelos claros, olhos zuis. Os lábios um tanto espessos eram a única marca de sua origem mulata.

O menino recebeu o nome de Alexandre.

E desde a mais tenra infância cresceu forte de corpo, inteligência e espírito de rebeldia.

— Aquêlê homem perverso (Napoleão) levou meu pai à desonra. Lutarei toda a minha vida contra os homens perversos.

III

Sua mãe tentou fazer dele um homem culto; porém ele odiava o estudo. Então ela tentou torná-lo violinista; mas ele odiava a música. Por fim, tentou interessá-lo no sacerdócio; mas ele fugiu de casa e passou vários dias no mato. Desesperada, a mãe desistiu. "A única qualidade que ele tem é possuir uma boa letra. Mas isso qualquer idiota pode ter".

Alexandre, porém, nada tinha de idiota. Era dono de uma capacidade de observação muito grande, uma inteligência muito viva e um coração que abarcava o mundo todo. Embora avesso ao estudo, aprendia rapidamente a ler no caleidoscópio dos acontecimentos diários. E naqueles dias tumultuosos, sucediam fatos da maior importância. Em junho de 1815, Alexandre viu uma carruagem atravessando em disparada a rua principal de Villers-Cotterets. Vislumbrou, por trás da cortina, o perfil de um homem firme, teso, resoluto. "E" Napoleão, tocando a toda a pressa para Waterloo". Alguns dias depois, viu a mesma carruagem em disparada pela rua, na direção oposta à que levava antes. Atrás da cortina, a silhueta do mesmo homem: desanimado, largado sobre as almofadas, esmagado. "Napoleão, fugindo de Waterloo".

Após a derrota de Napoleão, a mãe de Alexandre tentou recuperar a fortuna e a posição perdidas. Propôs ao filho escolher entre o antigo sobrenome aristocrático de la Pailleterie e o obscuro e humilde Dumas.

— Continuarei sendo Alexandre Dumas — disse o jovem rebelde.

Mas que iria fazer Alexandre Dumas, o neto de uma escrava negra, para ganhar a vida? Sua bonita letra deu solução ao problema. Tornou-se escrevente do cartório de Maître Mennesson, notário liberal e amigo da família Dumas.

Nesse cartório o jovem de pernas compridas, que contava 16 anos, lia mais do que escrevia, o que contrariava bastante a seu patrão. Leu Voltaire e muitos outros escritores que haviam alimentado a chama da revolução.

Mas nesta época estava ele interessado numa chama de outra espécie. Descobriu repentinamente a sedução da sua figura alta e graciosa e do deslumbrante sorriso dos seus dentes alvos. Começou a seduzir Adèle Dalvin, uma jovem da cidade.

Como obtivesse junto à moça um êxito demasiado fácil, pôs-se a cultivar assiduamente seu novo talento. Tornou-se o Dom-João de Villers-Cotterets.

Então sentiu uma nova ambição. Se estava destinado a fazer uma bela figura no mundo, por que desperdiçar seus talentos numa cidadezinha provinciana? Por que não ir para Paris?

Mas como? Sua mãe era pobre de mais e o pouco que ele ganhava não era suficiente para lhe permitir o luxo de uma viagem a Paris.

Mas para Alexandre querer era poder. Em suas horas vagas ele se tornara um exímio jogador de bilhar. Uma noite, na taberna, desafiou todos os que ali estavam para uma prova de habilidade na mesa de bilhar... e partiu de casa levando nos bolsos os fundos necessários à viagem.

Em Paris dirigiu-se para o Théâtre Français e daí para o camarim do grande ator trágico Talma. Não havia como deter a esse relâmpago em forma de homem.

O velho ator ficou encantado com o espírito do jovem aventureiro:

— Meu amigo, qual é a sua profissão?

— Sou escrevente de um notário. Mas gostaria de ser escritor.

— E por que não? Como sabe, Corneille também começou como escrevente de um notário.

— Muito obrigado. E, por favor, não poderia o senhor tocar na minha testa para me dar sorte?

— Pois não — disse rindo-se o ator. E colocando a mão sobre a fronte de Alexandre:

— Batizo-te poeta em nome de Shakespeare, Corneille e Schiller.

O ator pronunciou estas palavras mais por graça que a sério. Mas para Alexandre o assunto não era brincadeira. Poeta em nome de Shakespeare, Corneille e Schiller! Parbleu, ele faria com que a profecia se realizasse!

— Hei de prová-lo a Talma e ao mundo inteiro. E será agora!

Foi para casa e pôs-se a dramatizar o romance de Scott, Ivanhoe.

IV

Não conseguiu empresário para Ivanhoe. Nem para sua segunda e terceira peças. Mas não desanimou, continuou com seus amóricos sem compromissos, continuou a ler filhos naturais, a escrever peças e histórias, tentando sempre inpor seus talentos a atenção de um mundo teimoso. Sempre que um empresário ou um editor recusava vê-lo, limitava-se a sorrir para a secretária do mesmo e a dizer:

— Obrigado, mademoiselle, eu não sou dos que desanimam facilmente. Voltarei.

Finalmente aquela persistência amável proporcionou-lhe a sua oportunidade. Uma das peças que escrevera. A rainha Cristina da Suécia, foi aceita para ser levada à cena no Théâtre Français. O elenco fora escolhido, os ensaios se sucediam e o jovem dramaturgo via-se definitivamente a caminho do triunfo quando, de repente, atirou fora a oportunidade que se lhe apresentara. Fê-lo movido por um impulso de generosidade. Outro dramaturgo — um velho que durante toda a vida tentara em vão alcançar as luzes da ribalta — acabara de escrever, como Dumas, uma peça sobre a rainha sueca. "Que o pobre diabo tenha a sua oportunidade", disse Dumas, "antes de deixá-lo este mundo". E cavalheirescamente retirou sua peça em favor do outro.

Começou então a escrever uma nova peça intitulada Henrique III. Encontrou um empresário e esperou ansiosamente pela estréia.

E' a noite de 11 de fevereiro de 1828. Dumas começa a vestir-se para o teatro. Tiro a antecipadamente do guarda-roupa toda a indumentária para aquela ocasião. — Depressa não devo chegar atrasado. Calça os sapatos, veste as calças e a camisa... e de repente descobre que esqueceu de comprar um colarinho. Pega uma tesoura e recorta um colarinho de papelão.

E assim o cavaleiro de papelão corre para o teatro e espia pelo buracinho do pano de boca. A casa está à cunha.

A estréia foi um triunfo. O tumulto dos aplausos ao cair do pano no último ato tornou-se um delírio de frenesi quando o autor apareceu em cena. "a cabeça tão levantada que sua cabeleira farta e em desalinho parecia querer pegar o fogo das "estrélas". O mulato de colarinho de papel tornara-se o novo rei dos palcos parisienses.

E Dumas penetrou em seu reino como se tivesse nascido para a púrpura. Distribuiu sorrisos, recebia homenagens e bebia o doce ar do triunfo como "um jovem que senta a aproximação da aurora". Novas peças, novos triunfos, novas amantes.

E uma nova aventura. O escritor tornou-se um lutador. Carlos X lançara um édito suspendendo a liberdade de imprensa. Os intelectuais parisienses revoltaram-se contra o édito, e Dumas uniu-se a eles.

Nesta rebelião Dumas deu mais tiradas do que tiros. Desempenhou na luta o papel da "môscã na roda do carro". Mas conseguiu que seu rosto surgisse coberto de suor e de pólvora e tomou para si a maior parte dos aplausos. "Monsieur Dumas", disse Lafayette, abraçando-o, "o senhor acaba de concluir com sucesso o melhor dos seus dramas".

Dumas agradeceu o cumprimento e ofereceu-lhe seus serviços para organizar os camponeses da França. Lafayette aceitou a oferta. Dumas ataviou-se num uniforme repulante (tinha uma fraqueza toda africana pelos ouropéis): botas envernizadas, calças azuis, túnica escarlate com dragões de praça, barretina ornada de plumas vermelhas esvoaçantes e uma roseta tricolor. Isto feito, pôs-se em campanha, com um ajudante-de-ordens — um falsário que ele salvara das galés — arengou aos camponeses, divertiu-os e falhou lamentavelmente na tentativa de organizá-los.

A revolução foi um fiasco. Os rebeldes tinham conseguido apenas substituir um rei por outro pior. Com relutância, Dumas afastou-se da política, onde tinha falhado.

(Continua na página 48)



ALEXANDRE DUMAS, PAI

PARA informar aqui vão colhidas as sintetizam o vez que assim e muitos desam ser evita

A primeira atenção, pre... Gosto quando uma data comento ou m... importa que de pouco v... que ele se... data e que é... a compra... dizer "não t... esta insigni... ferível que... eu poderia i... ra dias pe... haveria de... e dá tão bo... assim uma

Já a ou... esposo não... tro de casa... cio. "Que... cousa, mas... cousas triv... de política... que fale".

Uma ou... moca, gost... mais amig... de vez en... que repar... possível, é... eles lhe c...

Outra f... "Em gera... que gasta... não são... dizem qu... explicam... ção. Gos... mesada p... não gost... instante... dinheiro

E eis q... sair à n... ao prop... "como q... dizer "is... taria qu... taria q... trasse v... quando... como u... com u... ouvimos... "Meu... vestir-r... relo qu... estrear... to, pos... ele na... irritad... estou?... sanima... homem... casa, e... preocu... às esp... mais

E a... lhe s... se me...

PARA informações dos homens. aqui vão algumas opiniões colhidas entre amigas e sintetizam o título acima. Talvez que assim muitas lágrimas e muitos desentendimentos possam ser evitados.

A primeira disse: "Gosto de atenções, presentes e surpresas. Gosto quando ele não esquece uma data como a do nosso casamento ou meu aniversário. Não importa que o que me dê seja de pouco valor; importa sim, que ele se tenha lembrado da data e que ele próprio tenha feito a compra. Não gosto de ouvi-lo dizer "não tive tempo e coraprei esta insignificância". Seria preferível que se calasse, pois, assim eu poderia imaginar que ele levaria dias pensando no que me haveria de dar. Custa tão pouco e dá tão bons resultados manter assim uma ilusão!..."

Já a outra, desejaria que o esposo não se mantivesse, dentro de casa, em tão rigoroso silêncio. "Que me fale de qualquer coisa, mas que fale. Que conte coisas triviais, que fale de arte, de política ou de esporte, mas que fale".

Uma outra ainda, mãe extremosa, gostaria que o marido fôsse mais amigo dos filhos, que saísse de vez em quando com eles e que repartisse com ela, quando possível, é claro, o trabalho que eles lhe dão.

Outra falou-nos em dinheiro. "Em geral eles se queixam de que gastamos muito, no entanto, não são sinceros conosco, não dizem quanto ganham e não nos explicam claramente a sua situação. Gosto também de ter uma mesada para os "alfinetes", mas não gosto que ele indague a cada instante a maneira pela qual esse dinheiro é gasto".

E eis outra opinião: "Gosto de sair à noite, mas detesto quando ao propor-lhe isso, ele responde "como queiras", é o mesmo que dizer "isto é indiferente"... Gostaria que não fôsse assim. Gostaria que ele também demonstrasse vontade de sair e que quando o fizesse não se portasse como um marido que cumpre com um dever". Finalmente, ouvimos outra que nos disse: "Meu marido é "cego". Posso vestir-me de verde ou de amarelo que ele nunca percebe. Posso estrear um vestido ou um sapato, posso mudar penteado, que ele nada me dirá. E, quando já irritada pergunto: "que tal estou?" A resposta vem fria e desanimadora: "é, está bem..." Os homens deviam, ao chegar em casa, esquecer um pouco de suas preocupações e dar mais atenção às esposas... Assim nós seríamos mais felizes e eles também..."

E aí está!... Se a "carapuça" lhe serve, meu amigo, trate de se modificar.

O. B.

NOS BASTIDORES FEMININOS

Ann Sheridan, da RKO, apresenta este lindíssimo modelo de muita originalidade. É um modelo elegantíssimo que deverá ser confeccionado em renda branca e tulle, saia e mangas bem amplas



Novamente aqui apresentamos, nestas duas páginas, cinco maravilhosos e elegantes modelos para noite. São criações dos maiores e mais famosos figurinistas de Paris, como Lelong, Lafaurie, Fath, Marcelle Chaumont



AO ALTO, à esquerda: Jacques Fath foi buscar inspiração nos modelos de 1900 para este modelo de tafetá enfeitado com fitas de veludo

★

AO ALTO, à direita: De Jeanne Lafaurie, em tafetá branco, corpo justo, "basque" drapeada, babados irregulares

★

À ESQUERDA: Marcelle Chaumont apresenta um modelo "frente única", cintura ajustada por largo cinturão, saia muito ampla com babado mais curto na frente

★

Na página ao lado: De Lucien Lelong modelo de linhas retas, banda drapeada formando os ombros. Suntuoso modelo em "tulle" e tafetá, bordado a pérolas





"Tailleur" de "shantung" verde e bege. Incrustação plissada no casaco. Saia plissada



Modelo em seda marinho, amplo decote, drapeado. Saia de linhas retas

NOVOS



Modelos





Com uma saia de linho verde,
blusa de cambraia amarela com
plissé formando "V"

No canto esquerdo da página: —
Modêlo em sêda branca, todo
plissado, sem mangas

"Ensemble" em sêda preta com
"pois" brancos Blusão preto



Lindo modêlo em sêda estampa
da. Casaco lóngo, laço na cin-
tura, saia reta





AO ALTO: Lindíssimo este broche em pérolas e diamantes. Um elegante jogo de pulseira e anel em ouro e rubis



Um rico modelo em tafetá listado e "faillé". Original ramo de rosas brancas é colocado sobre o ombro esquerdo



Última palavra em sapatos para bailes. São dourados com pedras incrustadas



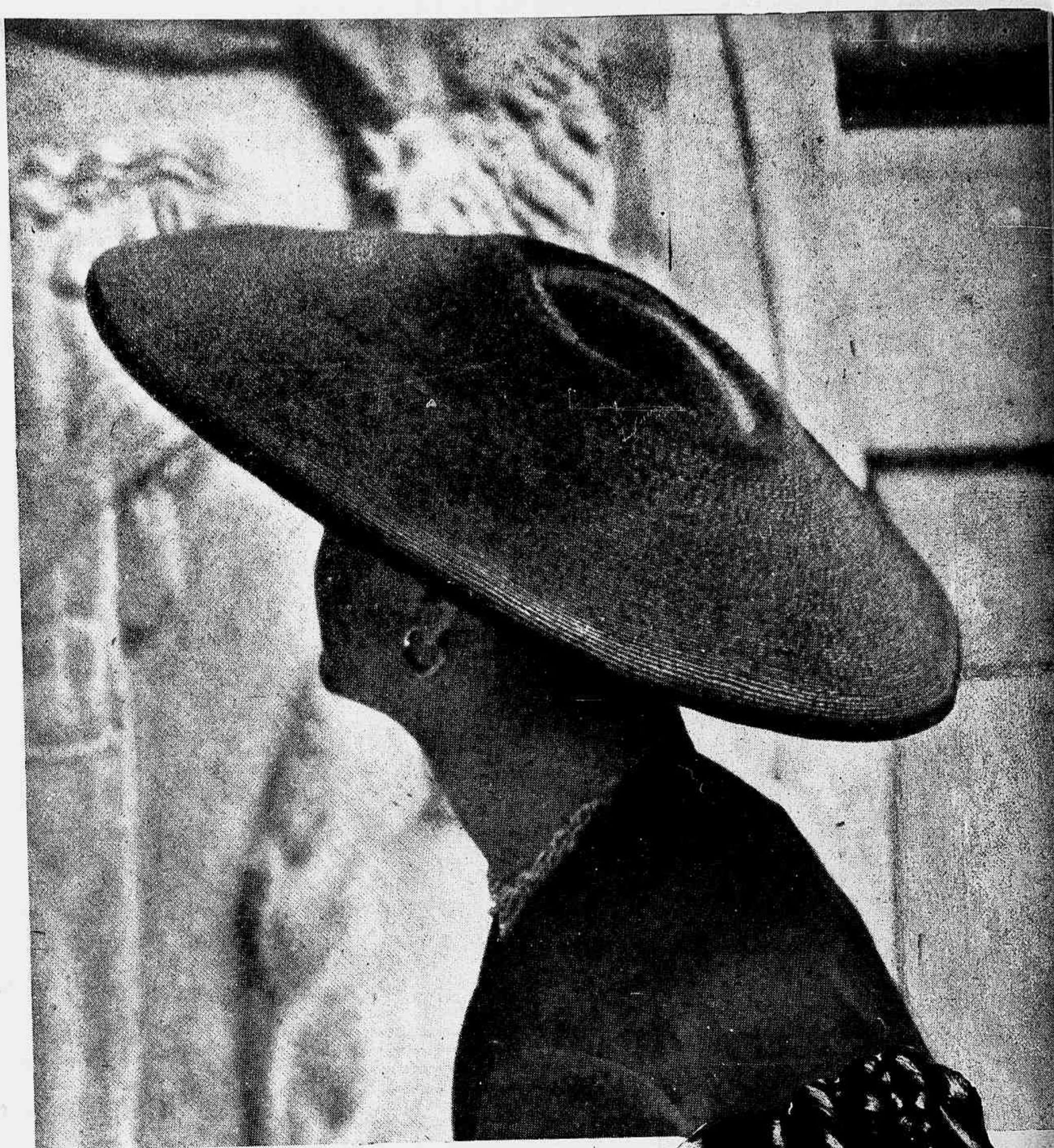
Aqui estão as últimas criações de André Ledoux para praia. São três elegantes modelos; o primeiro, um "maillet" de cetim lastex; o segundo, um "short" de linho branco, e o terceiro, um "duas-peças" em vermelho e branco

Se você sente calor nas pernas faça uma camisola curta para as noites de verão

DETALHES E NOVIDADES



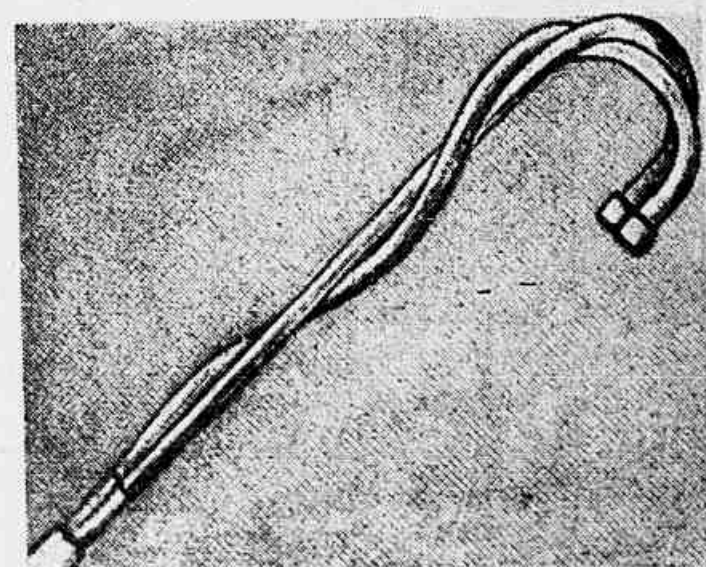
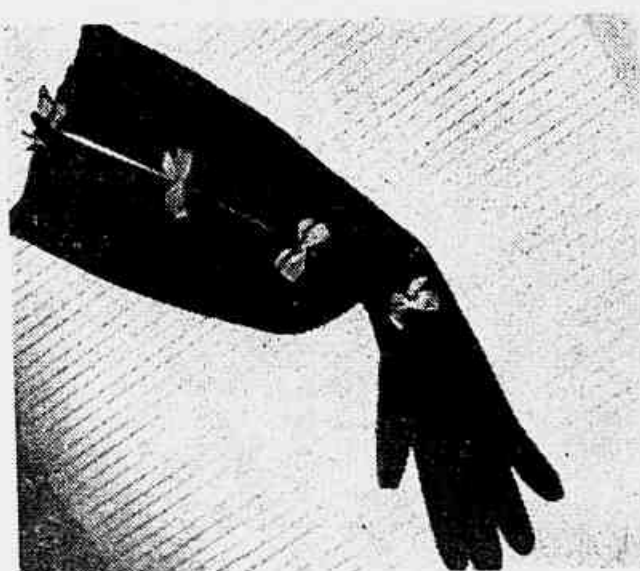
AO ALTO: Própria para os dias de sol, esta blusa tem original gola de organdi guarnecida de rendas. A DIREITA: Chapéu de Maud et Nano, em palha preta, inspirado nos chapéus usados pelos "coolies"



A DIREITA: Penteado alto, para verão; grande rôlo no alto da cabeça



Dê novo aspecto ao seu vestido preto, incrustando essa gola de tafetá listrado



AO ALTO: Uma luva para a noite onde sobressaem laços de veludo Original cabo de guarda-chuva... A ESQUERDA: Para o verão, um "maillot" listrado, uma "sweater" e um "bonet" feito em tiras



MÚSICA AMERICANA

I WANT A GIRL

(Do filme "Sonhos Dourados")

I want a girl, just like the girl that
[married dear old dad.
She was a pearl and the only girl
[that Daddy ever had.
A good ol fashioned girl with heart
[so true,
One who loves nobody else but you.
I want a girl just like the girl that
[married dear old dad

★

AMOR Y TANGO

(tango)

Letra de Carlos Bahr e música de
José Basso

Compás floreado de tango
Que al apretarme en tus brazos
Me está encendiendo en los labios
Una palabra de amor.
Otro tango sino es tarde
Para bailario los dos.
Al son de un ritmo que late
Lo mismo que un corazón.
El tiempo pasa de largo
cuando te abrazo em un tango
Y estoy muriendo de antojos
Por besarte en sos ojos
Que al mimar me están quemando
El tiempo pasa de largo
Quando te abrazo em un tango
Mientras se quiebra
La voz de la orquesta
Que dice de tango y amor.

Compás floreado de tango
Me está endulzando el acento
Para decirte — te quiero —
Con mui expresión
Por tu amor y donde cuadre
Se hace tango mi emoción
Al son de un ritmo que late
Lo mismo que un corazón.

★

A SANFONA DO MANÉ

(marcha)

Haroldo Lobo e Milton de Oliveira

Al como toca a sanfona o Mané)
E como "tá" bom) Bis
O arrasta-pé)

O Mané com a sanfona
Faz sozinho um festão
Tocou tanto um dia destes
Que acordou o São João
São João desceu e disse
Ó, Mané, você é um herói
Mas, porque você não vai
Tocar sanfona em Niterói.



BROADCASTIST



Por A. MIGUEIS



ARI BARROSO voltou a Nova York, contratado que foi para musicar uma revista a ser exibida na Broadway. Viajando em missão cultural, uma vez que ali foi para divulgar a música brasileira, o locutor esportivo da Tupi estará de regresso ao Brasil, nos primeiros dias de 1949, a fim de participar das festas carnavalescas

★

Bidú Sayão e o Rádio

NA galeria dos grandes intérpretes da música clássica, Bidú Sayão figura em primeiro plano. Artista cônica de sua arte, com preciosa fôlha de serviços prestados à causa musical, ela distinguiu-se fora de sua terra de origem, grangeando para o Brasil, a simpatia do povo norte-americano. Assim, credora de nossa admiração e de nosso respeito, Bidú Sayão figura em nossa seção, através do confronto que faz entre o "broadcasting" norte-americano e brasileiro. A consagrada cantora, conhecendo de sobre, o grau de adiantamento do rádio ianque, está à vontade para emitir sua opinião. A seu ver "o rádio americano é soberbo, graças aos recursos técnicos e financeiros de que dispõe. Mas o nosso, guardadas as proporções, caminha com a mesma vontade de acertar e crescer".

Tais palavras, para aqueles que teimam em menosprezar a radiofonia indígena, valem como verdadeira bomba atômica...

★

RADIO-FLASHES

★ Está em moda, ultimamente, a apresentação de cantoras-bailarinas. Conquanto a televisão, para nós, só exista em meras experiências da PRE-8, nossas poderosas emissoras já se acham no direito de contratar artistas que, cantando

O VALOR DA DISCOTECA

páginas musicais Não fôsse o esforço dispendido pelas emissoras oficiais e a contribuição de algumas estações particulares, talvez o rádio tivesse dificuldade em proporcionar audições a cargo de artistas de renome, como Gigli, Bidú Sayão e tantos outros. Essa evolução observada nas camadas populares deve-se, em parte, ao trabalho prestado pelas discotecas públicas. Conquanto em número reduzido, elas têm influído para a melhor compreensão da boa música. Principalmente, a Discoteca Pública, mantida pela Prefeitura. Ali no velho casarão da rua Evaristo da Veiga, onde se acha localizada, foram dados os primeiros passos para a disseminação da música de classe, através de audições coletivas, em que o verdadeiro sentido das grandes peças musicais eram explicadas.

O rádio aproveitando-se dessa contribuição, passou a dedicar melhor atenção ao assunto. Dêsse modo, começaram a surgir programas especializados, como no caso do "Colégio Musical" de Ari Barroso, que, diga-se de passagem, representa um dos maiores serviços que se pode prestar ao rádio-ouvinte. E' que por intermédio desse cartaz da PRG-3, divulgam-se coisas importantíssimas em matéria de música, da qual Ari Barroso pode ser considerado uma autoridade. Aliás, nessa audição da "emissora associada" é conduzida de maneira agradável, tornando-se um dos melhores passatempos que o "broadcasting" brasileiro nos proporciona. Além do mais, Ari Barroso procura tirar o máximo dêsse programa que José Mauro escreve, a fim de que os ensinamentos nele divulgados, alcancem sua verdadeira finalidade, o que vem acontecendo. Esta afirmativa o fazemos, baseados nos testes musicais a que o "Colégio Musical" submete seus alunos.

Hoje, com algumas discotecas distribuídas pelo território nacional e o rádio trabalhando para que a boa música chegue às mais diferentes camadas, cumpre-nos enaltecer o valor e a contribuição da discoteca no levantamento do nível musical do povo brasileiro.

também dançam. Este é o caso de Lia Ray, considerada uma das mais perfeitas executantes do bailado cubano. A famosa artista, que ora se exhibe ao microfone Tupi, já se acha contratada para uma série de audições na Rádio Bandeirantes.

★ Odir Odilon disse um até breve à terra brasileira, seguindo para os Estados Unidos, a bordo do navio "Argentina". O conhecido intérprete de nossas melodias populares, contratado por importante firma editora, excursionará pelo país ianque, em propaganda dos ritmos brasileiros. Odir Odilon, conforme é do conhecimento de grande parte de nossos leitores, há muito estava ligado às lides teatrais, participando dos espetáculos da Companhia Dercy Gonçalves.

★ Adhemar Casé continua empreendendo o circuito radiofônico, tal conforme o fazem alguns "astros". Após curtíssima temporada na onda da Rádio Globo, el-lo apresentando seu programa na PRG-3, para onde, aliás, estão indo outros elementos de projeção no "broadcasting" carioca. Com a saída de Adhemar Casé, a PRE-3 volta a anunciar "Ondas Musicais", além de completo serviço informativo sobre as atividades desportivas do Brasil e do Mundo. Assim, nada terão a perder os ouvintes da Globo.

★ Francisco Alves que, apesar de seus cinquenta janeiros, ainda é o absoluto na interpretação da música brasileira, assumiu compromisso com a Rádio Record para a realização de uma série de recitais a seu microfone. Fala-se, ainda, que o "rei da voz" está sendo cobigado pela Rádio Clube de Recife, atualmente em franca ofensiva nos meios radiofônicos de Pernambuco.

★ Chega-nos de São Paulo a notícia de que Aloísio Silva Araujo deixou a Rádio Cultura. O criador da "Cadeira de Barbeiro", ao que se informa, estaria sendo conversado por uma das estações cariocas, embora nada de positivo exista. E' que a experiência do conhecido "Papanatas" no "broadcasting" do Rio não foi das mais compensadoras, razão de seu desinteresse em voltar à Cidade Maravilhosa.

★ Novos e importantes melhoramentos serão introduzidos brevemente na Rádio Mayrink Veiga que, numa fase de transformações, acaba de adquirir uma estação de frequência modulada, de 3 kilowatts, a maior até agora vendida no Brasil. Além dessa aparelhagem, a PRA-9 adquiriu uma antena de quatro elementos irradiantes. Com isso, a estação mayrinkiana tornar-se-ão uma das mais possantes da América do Sul em frequência modulada.

★ Manézinho Araujo permanece na terra bandeirante, contratado pela Record. Ruy Rey e Dilo Melo andaram por Pernambuco, participando da pro-

gramação de estúdio de uma das emissoras locais. Voltou o "Colégio Musical", de Ari Barroso, uma das boas apresentações da Tupi. Derrival Costalima está dirigindo uma revista.

★

DILO GUARDIA

Nascido em Cachoeira do

Itapemirim, cedo radicou-se na Cidade Maravilhosa, centro de suas futuras realizações. Colega de Cristóvão de Alencar no Ginásio Vinte e Oito de Setembro, não chegou a alcançar a Faculdade de Direito, embora concluisse o vestibular. Suas vistas voltaram-se para o comércio, vindo a ser caixa de uma companhia de pneus. Por essa época, dedicava-se, ainda, a tocar piano nos clubes dançantes. Mais tarde, tornou-se tintureiro, em Vila Isabel, salvando o avô de terrível falência. Anos depois, ingressou na Rádio Cruzeiro do Sul, na qualidade de "speaker", com o ordenado de duzentos cruzeiros mensais. A seu lado, trabalharam Carlos Frias e Afonso Scola, além do pianista Galua. Na PRD-2, sem o querer, tornou-se locutor do primeiro programa de calouros do "broadcasting" brasileiro. Em 1935,



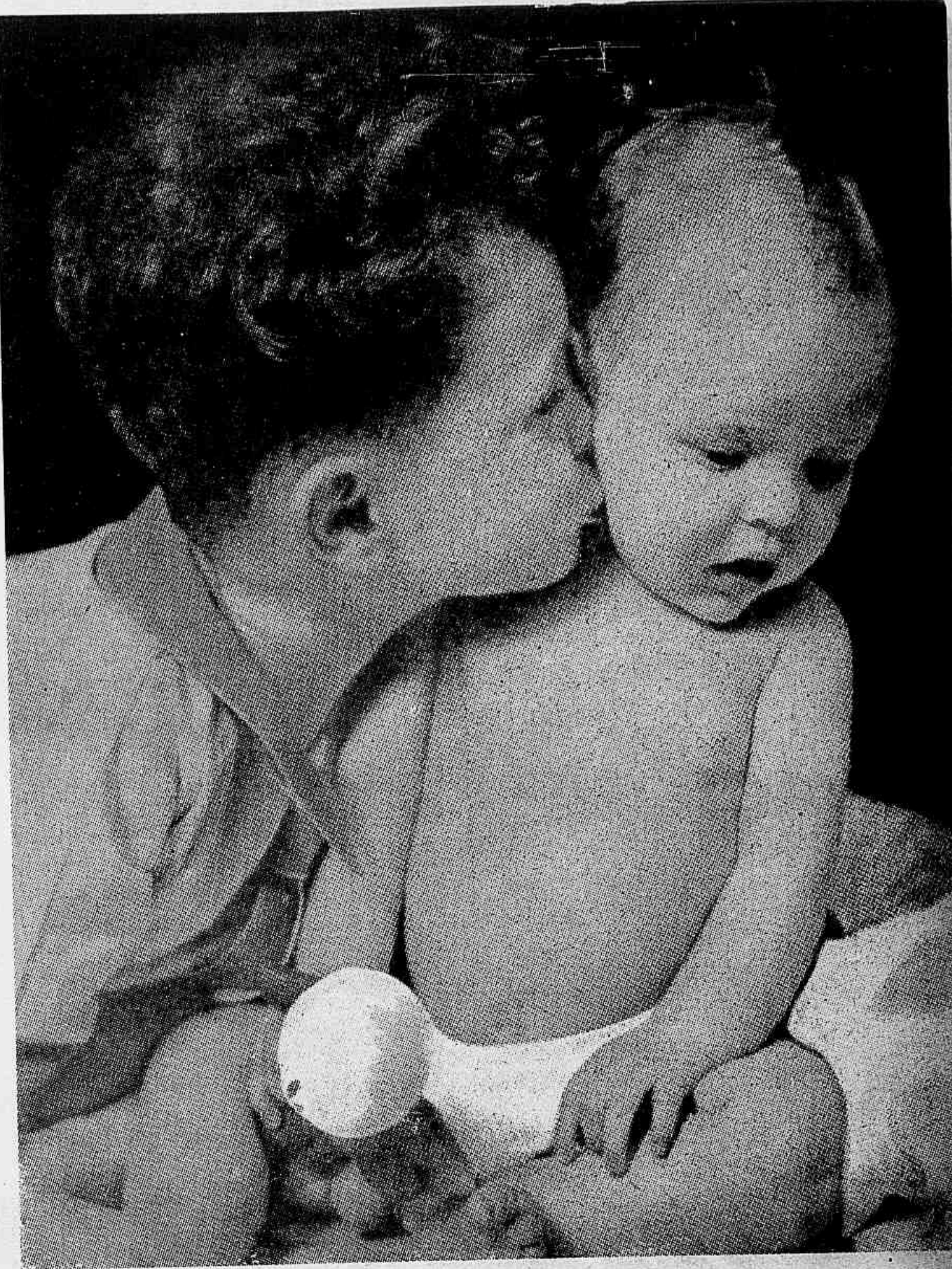
NEUSA MARIA, ante a aproximação do tríduo momesco, está selecionando os números que integrarão o seu repertório carnavalesco. A "estrelinha" paulista, exclusiva da Rádio Nacional, continua animando com sua voz bonita e sua interpretação perfeita, a programação de estúdio da PRE-8

levado por Didi Vasconcelos, transferiu-se para a Tupi. Sua permanência na PRG-3 foi curta, uma vez que trocou o microfone pelo jornal, formando na equipe de redatores da "United Press". Em 1936, porém, atraído pelo rádio, voltou a atuar na onda da Transmissora, a qual trocou pela Mayrink Veiga, onde se conserva até hoje. Dilo Guardia formou, ainda, na equipe de locutores da "Hora do Brasil", além de atuar como narrador em diversos "shorts" cinematográficos.

Por ANAMARIA CÉLIA

O CAÇULA — Muitos são os prejuízos que pode causar a predileção dos pais por um dos filhos. Prejuízo para o favorito e prejuízo para os preteridos. Verdadeiros dramas podem se desenrolar no íntimo destes últimos, e tais dramas influirão sobremaneira na sua vida perante a sociedade. É comum, muito comum mesmo, a preferência dos pais pelo "caçula". É o mais moço, o filho que muitas vezes nasce quando os outros já estão mais ou menos

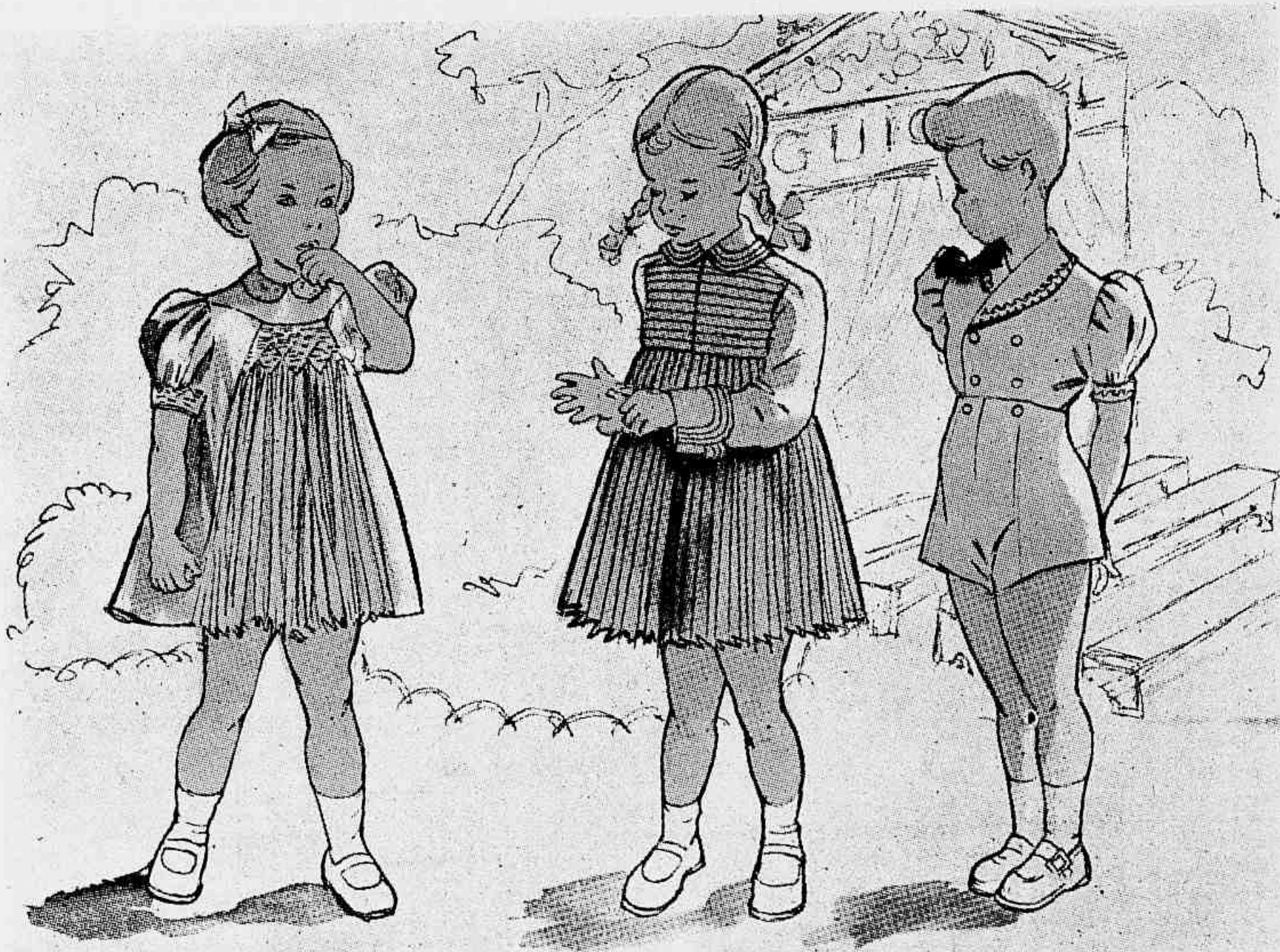
vá passando, a mãe o considera sempre o seu "bebê"; seus desejos se transformam em ordens; as melhores coisas são sempre para ele; o "pobrezinho" não tem culpa de coisa alguma, pois é tão "novinho", tão "irresponsável"... No entanto, o "pobrezinho", que é bastante espetado, percebe a situação privilegiada em que se encontra e não deixará de tirar proveito da mesma. Compreendendo que tudo gira ao seu redor, tudo fará para que permaneça nesse estado de coisas. Sabendo que domina os pais, procurará dominar também os irmãos, exigindo ainda que também eles satisfaçam os seus caprichos. O favoritismo traz ainda como consequência a má formação do caráter do "caçula". Para manter sempre vivo o interesse dos pais, ele se converterá até em delator; qualquer falta cometida pelos irmãos, será por ele relatada aos pais, o que, sem dúvida, aumentará contra si o ressentimento daqueles. O "caçula" poderá também se tornar hipócrita; será capaz de simu-



criados e que vem encher o lar de novos encantos. Naturalmente, passa a ser o centro das atenções e, não raro, absorve totalmente o tempo e o carinho dos pais. E, embora o tempo

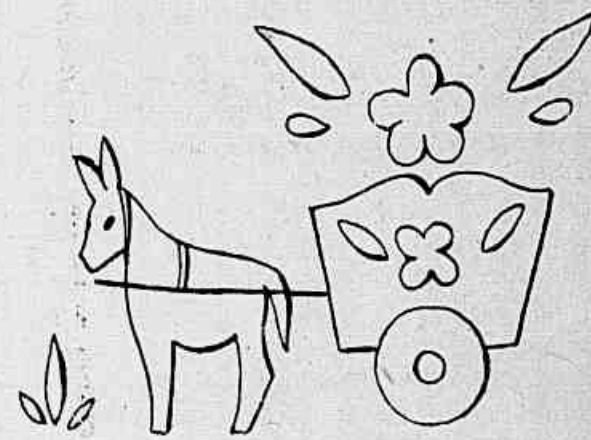
lar doenças para permanecer sempre em "cartaz". Poderá ser mentiroso, egoísta, tímido e preguiçoso. A timidez virá por conta de um sentimento de inferioridade que adquirirá ao verifi-

car que somente os pais lhe dão valor; a preguiça pelo hábito de não fazer nada, pois os pais e os irmãos fazem tudo por ele. Com tudo isso, raramente será feliz, e essa infelicidade começará dentro do lar, na luta contra os irmãos, e prosseguirá durante toda a vida, pois dificilmente encontrará pessoas dispostas a aceitar as suas exigências.



MODELINHOS

Para as crianças de três a cinco anos, estampamos aqui três encantadores modelinhos: Da esquerda para a direita, vestidinho em cambraia plissada com franzidos, outra sugestão com saia plissada e blusa com pregas horizontais; finalmente, para menino, traje para passeia em linho branco.



Conselhos úteis

Faça o possível com que a criança disponha de um quarto ou de uma área para brincar e onde possa se distrair sem que a cada momento tenha que ouvir "não mexa nisso..." ou "não faça isso..." ★ O sol e o ar livre não fazem mal a ninguém. É necessário habituar a criança, desde cedo a uma vida sadia. ★ No verão, proteja a criança, dando-lhe dois banhos diários, vestindo-lhes roupas leves e evitando que apanhe sol na cabeça.



COM certeza algo de estranho estava acontecendo em casa da família do juiz Calvin Cooke. Até Julie, que já servia ali por tanto tempo, irritara-se ao servir-lhes o almoço, cometendo imprudências, chegando mesmo a faltar com certo respeito. Ninguém sabia atinar com o que se passava naquela família, de ordinário sempre na maior paz de espírito, sem nenhuma contrariedade. Ellie chegou faltando quinze minutos para as oito, mostrando-se também esquisita e alterada de espírito, não tendo aceitado o almoço.

Seus olhos cruzaram com os de Catherine quando o juiz ajudou a esposa a pôr o casaco. Então Julie protestou: — O senhor demora tanto a servir-se do bolo ainda quente, que vai tornar-se duro como pedra. Gosto que apreciem meus quitutes.

— Nós também os apreciamos, Julie.

Catherine sorriu.

— Mas você bem sabe o que é uma manhã depois de uma festa.

Suspirou ao relembrar a noite anterior com vivo prazer. Era a data de seu vigésimo aniversário de casamento. Vinte anos felizes, ao lado daquele homem que a adorava. O juiz beijou-a na face.

— Minha querida, você parece fatigada. Por que não descansa um pouco esta manhã?

— E estragar meus hábitos? — respondeu Cathy a rir.

— Que diria o povo se o visse encaminhar-se para o Fórum sem mim?

— Diria que a esposa do juiz bebeu muito a última noite e que não deveria fazer isto — disse ele em tom pilhérico.

Era isto o que ela temia, ficassem todos sabendo. E saíram os dois, com ares de grandes venturosos, braços dados, como em lua de mel.

Cathy não estava naquela manhã muito tagarela, como era comumente. Parecia estar pensando nos acontecimentos da noite anterior.

Ellie, sua filha de dezenove anos, primeiro anista de direito, parecia ter dado certas preocupações a Cathy,

máxime por ter a moça saído com um jovem advogado logo após o jantar. Era incompreensível que David Douglas e Calvin não vissem as coisas como pareciam ser. O jovem era dotado de gênio impetuoso, cheio desse idealismo rebelde que tanto caracteriza os moços. Calvin... Bem, Calvin também fôra tudo aquilo até Cathy o encontrar. Mas seus anos de estudos o modelaram sob outros moldes de conservantismo. Também possuía seu temperamento; mas sua integridade moral e respeito à verdade fizeram que ela sempre o admirasse.

Calvin e David estiveram discutindo o caso Novak na última noite. David fôra o defensor do réu, sentenciado a vinte anos de prisão, pena máxima, por assalto com intenção de homicídio. Para ele não tinha havido justiça verdadeira e imparcial. O juiz o contraditava e fazia perguntas de tontear, com aquela sua calma olímpica, imperturbável e sereno. David se inflamava. Cathy apreciava certas respostas que o jovem advogado soube dar ao juiz, parecendo-lhe quase geniais. Certa ocasião, respondendo a uma frase empolgante do jovem, o juiz lhe disse:

— A lei não tem coração como o dos homens. Ela é o fundamento da nossa sociedade.

Mas Ellie tomou-o pelo braço e os dois jovens o ouviram. O juiz explicava:

— Todos nós podemos amar alguém ou gostar de alguma coisa. Nossa esposa, nossos filhos, nossos objetos. Mas nenhum amor pode sobrepôr-se à lei, ou às suas consequências.

O rapaz concordava com tudo isso. Cathy acompanhava a discussão e, percebendo que a filha estava caída de amores pelo rapaz, bem pôde imaginar como não iria ela sofrer, se David viesse a contrariar-se com esses episódios da vida real.

Naquela manhã Cathy estivera pensando em muitas coisas de sua vida nesses vinte anos de casada, e parecia algo preocupada com as palavras do médico, dr. Morrison, sobre seu estado de saúde, quando também viera tomar parte na comemoração.

Mais tarde, naquele dia, no gabinete do médico, em Filadélfia, ela se submeteu a várias provas de saúde,

como testes de olfato, conferência de peso, tato, tirou radiografias, etc., tudo à revelia do espôso. Nada de mais importante encontrava para diagnosticar sobre seus achaques e cefaléia constante que sentia, e somente depois de reveladas as chapas poderia dizer algo com precisão. Não devia afligir-se com coisa alguma acerca de seu estado de saúde. No dia seguinte voltasse ao consultório. As dores de cabeça e as turbacões ocasionais da vista seriam coisas passageiras. Era muito jovem e nada podia temer.

Entretanto o médico estava bastante preocupado com o estado de saúde da esposa do juiz Calvin, e, logo que ela deixou o consultório, chamou a secretária e lhe deu instruções para que fossem remetidos a três dos maiores neurologistas do país os dados sobre aquela senhora e cópias radiográficas, com a maior urgência.

Estava o juiz chegando à sua sala de trabalhos quando notou uma cliente desesperada. Sua filha Ellie ali estava com um ultimato. Desejava falar-lhe com urgência, naquele mesmo instante. O juiz percebeu no rosto da filha os sinais de grande aflição.

— Pois não! Em menos de um minuto — disse ele a olhar o relógio e concluindo: — Preciso abrir a sessão.

A filha pareceu contrariada e lhe replicou com certo azedume.

— Não gosto desse modo de falar, Ellie. Parece que não é você que está falando, e sim algum outro.

— Esse "outro" era justamente o homem de quem desejava falar-lhe.

O juiz sentiu subir às faces o calor da autoridade ofendida.

— Não pode ser agora, querida.

— E quando? — perguntou ela em tom insistente.

Ele sorriu e continuou:

— Volte às quatro horas. Falaremos então a seu contentamento.

Logo que a jovem se foi, ele abriu a sessão do tribunal. Mas logo em seguida teve que interrompê-la em face deste recado telefônico: "O dr. Morrison deseja falar-lhe de Filadélfia. É assunto importante".

Cathy havia ido àquela cidade, no dia anterior, para fazer umas compras, segundo dissera. De súbito lhe veio uma série de apreensões e ficou de tal forma perturbado que suspendeu a sessão e correu meio atordoado para atender o telefonema.

Mais tarde, em Filadélfia, quando o médico Walter Morrison lhe mostrou todas as provas acerca do delicado estado de saúde de Cathy, o juiz ficou a interrogar o facultativo tendo no olhar a maior angústia. E lamentava:

— Se ela me houvesse dito isso antes! Com certeza não estaria no estado a que chegou. Mas ela está sempre a dizer que é forte, que nada sente... Eu...

— Calvin — diz-lhe o médico. — Não se culpe por isso.

PIEDADE HOMICIDA

O caso é grave e desesperador, e nem mesmo sei se poderei operá-la. Não há nenhuma esperança.

Quando o juiz passeava pelo gabinete em grande nervosismo, o médico lhe explicou que aquela opinião não era somente dele, e sim a de mais três dos maiores especialistas existentes no país, com os quais estivera em conferência telefônica, pouco antes. Diante desse caso, ele tomara a liberdade de comunicar-lhe, pois se tratava de um caso sem jeito, podendo a morte da esposa dar-se a qualquer momento, dentro de qualquer minuto, subitamente, inesperadamente.

Calvin estava trespessado.

— Que poderá acontecer agora?

— Talvez nada dentro destes dias. Haverá certos sintomas de desenlace ou agravamento da doença. Por exemplo, quando se manifestarem certos sintomas de falta de coordenação dos membros, como seja a insensibilidade e ausência de movimento do braço direito e da perna, é claro que está se aproximando o fim.

— Com sofrimentos?

— Muitas dores. Para atenuar esse sofrimento, vou prescrever-lhe sedativos que ela deverá tomar nas crises. Pode dar-lhe dois tabletes. Mas não deve dar mais de dois num espaço de doze horas. É tóxico e em quantidade acima dessa dosagem tornar-se-á perigoso. Está ouvindo? Além disso, vou escrever ao seu médico local com instruções sobre o caso.

— Dr. Walter, que farei para dizer isso tudo à minha esposa?

— Calvin, o senhor nada deve dizer a ela.

Calvin entrou em grande luta íntima diante desse processo de simulação e mentiras de que tinha de lançar mão, ele que jamais tinha mentido à mulher. O médico percebeu esse estado de aflição moral e procurou acalmá-lo. Mas o juiz murmurava perturbado: — Não sei, não sei... — Depois, voltando-se para o médico:

— Suponha que eu nada lhe diga e que ela venha a saber depois por outras fontes? Não seria isso mil

O que sempre constituiu nossa felicidade foi a verdade entre nós.

Calvin veio a saber de tudo por outras pessoas, disse o médico com voz calma, — ter-lhe-ia mais um dia de paz. Como seu amigo e não o, peço-lhe, Calvin, dê à sua esposa o melhor: o silêncio sobre o assunto.

Com aquela entrevista dolorosa, o juiz regressou a casa. Precisava estar só. Era-lhe indispensável a quietude para enfrentar aquela dolorosa situação.

Calvin lá estava, já indignada pela demora, e Ellie. Ao vê-lo, a moça explodiu em censo, sabendo em que estado de despedaçamento de coração de pai e esposo.

A agressão da filha, ele olha o retrato de ornamentava sua secretária e não pode conter. Depois da sessão no tribunal, ele se dirigiu a casa. Caminhava lentamente como se nos seus sem amarradas toneladas de chumbo. Era a vez que ia tão vagorosamente para seu lar após a saída de sua Corte de Justiça. Parecia não desejar bater a porta.

Calvin, a porta se abriu e Cathy, com ares de sorrir, foi-lhe falando:

— Meu querido, tenho uma terrível confissão

Calvin, com muita graça lhe pediu perdão pela que lhe pregara antes, dizendo que ia a Filadélfia comprar, quando, na verdade, tinha ido para o chamado do dr. Morrison, mas que, felizmente, não resultara disso. Apenas o médico havia o umas férias para ela e o marido. Assim, ela que a levasse a um lugar que sempre desejara "Valley Inn", pitoresca hospedaria onde poderia passar uns dias. O juiz a beijou com um sentimento de como jamais a havia acariciado antes.

Logo seguinte, aquela profunda depressão moral o atingiu cruelmente. No tribunal recebeu a visita do David Douglas, que, com cerrada argumentação, pediu que o juiz permitisse novo julgamento para ele.

Calvin tratou de providenciar um juiz que o substituisse nas suas funções, e foi fazer suas arrumações para a viagem a Springs, onde justamente havia passado sua última semana de férias, notando que Cathy estava feliz e jovial como se estivesse nos seus dias.

Calvin e Ellie conspiraram juntas com o juiz para conseguir que o juiz mudasse de opinião a respeito

de David Douglas e permitisse que ele viesse a desposar a filha.

O Hotel "Willow Beach" lhes pareceu menor e mais abandonado do que aquele que haviam conhecido vinte anos passados. Parecia um estabelecimento em decadência. Essa impressão de desamparo foi amenizada quando o gerente que os recebeu fez-lhes esta pergunta deliciosa:

— Vêm passar a lua de mel?...

O juiz e sua esposa não puderam evitar uma gargalhada, embora ficassem lisonjeados com aquela interrogação.

Depois de ocuparem seu aposento, eles saíram para uma vista de olhos sobre aqueles arredores que haviam visitado em sua lua de mel fazia já vinte anos, e então recordaram os momentos felizes que passaram. Somente então o juiz pôde libertar-se das preocupações em que o haviam colocado as palavras do médico acerca do estado de saúde de Cathy. Mas de súbito sobreveio tremenda crise. Cathy parecia perder o controle, atacada pelo acesso. Era justamente como lhe havia dito o médico. Poderia morrer num instante, súbita e inesperadamente. O esposo, surpreendido, levou-a para o hotel. Ela estava a morrer de dor de cabeça. Sentia-se muito mal.

Já em seu leito, o juiz lhe disse:

— Tenho um medicamento para você, e essa dor de cabeça passará num instante. É um pouco de aspirina. Vou buscar. Isso se vai num minuto, querida.

A esposa ingeriu a droga e adormeceu.

Dormiu longas horas. Ao acordar perguntou com voz fraca ao esposo:

— Tem ainda aquela aspirina?

O juiz se recordou das recomendações do médico. Não desse, em absoluto, mais de dois tabletes num espaço de doze horas. Mas a mulher se queixava de dores e pedia mais aspirina. Que fazer?

— Sim, querida, vou ver se ainda tenho; mas... — Estacou. Não podia ir mais além.

Foi ao banheiro e ali esteve indeciso. Deveria dar mais droga à esposa? Resolveu levar-lhe mais entorpecente. Dava-lhe pena vê-la a sofrer tanto. Apanhou dois tabletes do vidro, pôs água num copo e já estava decidido a levar-lhe o medicamento, quando, de súbito, recuou. Não! Não devia ir de encontro às ordens do médico. E jogou fora tudo. Voltando sem nada, explicou à esposa que não havia mais nenhum comprimido de aspirina e que ele providenciaria mandando um empregado do hotel comprar mais, à noite.

Logo que Cathy descansara daquela grande crise, acordou e não encontrou o esposo. Este havia saído, deixando-lhe uma nota escrita. Voltaria logo. A dor de cabeça havia voltado e ela estava desesperada. Procurando por todos os lados um remédio, lembrou-se que a aspirina que o marido lhe dera estava guardada na valise. Abriu-a mas nada encontrou. Seus olhos, porém, deram com um envelope com o nome do dr. Morrison. Com a curiosidade aguçada, ela o abre e lê a receita: Demarine. Aquilo, por si só, não lhe pareceu tivesse qualquer significação. Mas ao lado estavam instruções sobre o seu uso e considerações pessoais do médico a seu respeito. Tremendo choque! Sentiu toda a extensão do perigo. Reconheceu que sua vida estava por um fio tão delicado e tênue que um ligeiro sopro poderia despedaçá-la. Então, sufocada pela agonia e idêntica da morte súbita e prematura, ela caiu desanimada sobre a cama.

Enquanto ela estava nesse torpor, o juiz fôra telefonar ao médico narrando-lhe o que acabava de acontecer, e se podia dar mais doses à esposa. Novamente o dr. Morrison lhe contrariou a comiseração. Não devia ela tomar mais que dois tabletes num espaço de doze horas. Que tivesse coragem para enfrentar a situação. "É o pobre homem voltou ao quarto ainda mais triste do que estava quando se ligou com o médico pelo telefone. Antes de chegar ao hotel ouviu ganidos de um cão que gemia como se estivesse a sofrer grandes dores. Em seguida um policial perguntou: "Quem é o dono deste cachorro?". Era de um velho homem que ali estava, ao lado do cão. A chorar a sorte do fiel animal que o acompanhava havia mais de dez anos. Agora, doente, quase à morte, o velho cão gemia. O policial, depois de declarar que muito bem podia imaginar a dor que esmagava a alma daquele homem, disse que não deviam deixar que o animal continuasse a sofrer tanto, inutilmente. O juiz já ia muito adiante, quando ouviu um tiro e o silêncio do cão.

O juiz apertou na mão o vidro de Demarine com tanta força que o arrebentou e os tabletes se espalharam pelo solo. Precipitou-se para a porta do hotel, onde entrou com a cabeça a ferver.

Ao entrar no quarto encontrou a esposa vestida. Sentando-se ao seu lado, ela lhe falou:

— Calvin, tenho estado a pensar em Ellie. Em Ellie e em Douglas. Como sabe, nós nunca a deixamos sozinha, mesmo quando em criança. E agora, já moça, tenho pensado nos perigos que isso pode proporcionar, especialmente quando ela e Douglas se amam.

— Quer voltar para casa?

Cathy ergueu-se e o abraçou com ternura.

— É isto que desejo.

Resolvidos a interromper as férias, retomaram o carro e partiram. A máquina, porém, começou a falhar e o juiz ao aproximar-se de um posto de gasolina pediu ao mecânico que examinasse o carro. Enquanto aguardavam o serviço do mecânico, ele mandou fazer um cafezinho para a esposa, arriscando uma pergunta:

— Como vai da dor de cabeça, querida? Melhor?

— Não me preocupo agora com isso, Calvin. O que desejo é chegar ao nosso lar.

(Continua na pág. 52)

(AN ACT OF MURDER)

ELENCO

Juiz Calvin Cooke	FREDRIC MARCH
David Douglas	EDMOND O'BRIEN
Catherine Cooke	FLORENCE ELDRIDGE
Ellie Cooke	GERALDINE BROOKS
Dr. Walter Morrison	STANLEY RIDGES
Juiz Ogden	JOHN McINTIRE
Charles Dayton	FREDERIC TOZERO
Juiz Jim Wilder	WILL WRIGHT
Julie	MARY SERVOS

★

Filme da UNIVERSAL-INTERNATIONAL

Produção de Jerry Bresler
Direção de Michael Gordon





Mais uma vez estampamos nestas páginas os mais recentes e originais modelos para a praia que a moda francesa nos envia diretamente de Paris, a capital da elegância feminina. São modelos todos êles graciosos e originais. Escolha, pois, o seu modelo e prepare-se com elegância para enfrentar os dias quentes e ensolarados das nossas praias

Sugestões

Na p
2) C
blus
calça
do r
juve



Na página à esquerda: 1) Robe verde, deixando aparecer o soutien verde com pois brancos. 2) Calça branca com sweater vermelha e branca. 3) Calça de shantung verde usada com uma blusa sem mangas, do mesmo tecido. 4) Um traje esportivo em shantung vermelho. 5) Com calças brancas, casaco marinho. Nesta página: 6) Com um maillot branco com pois verdes, saia de mesmo tecido. Saia de cretone estampado e blusa de shantung vermelha. 8) Modelo muito juvenil, em algodão branco, corpete bordado. Bolero do mesmo tecido. 9) Saia ampla, em dois tons, jaqueta no tom mais claro. capeline no tom mais escuro

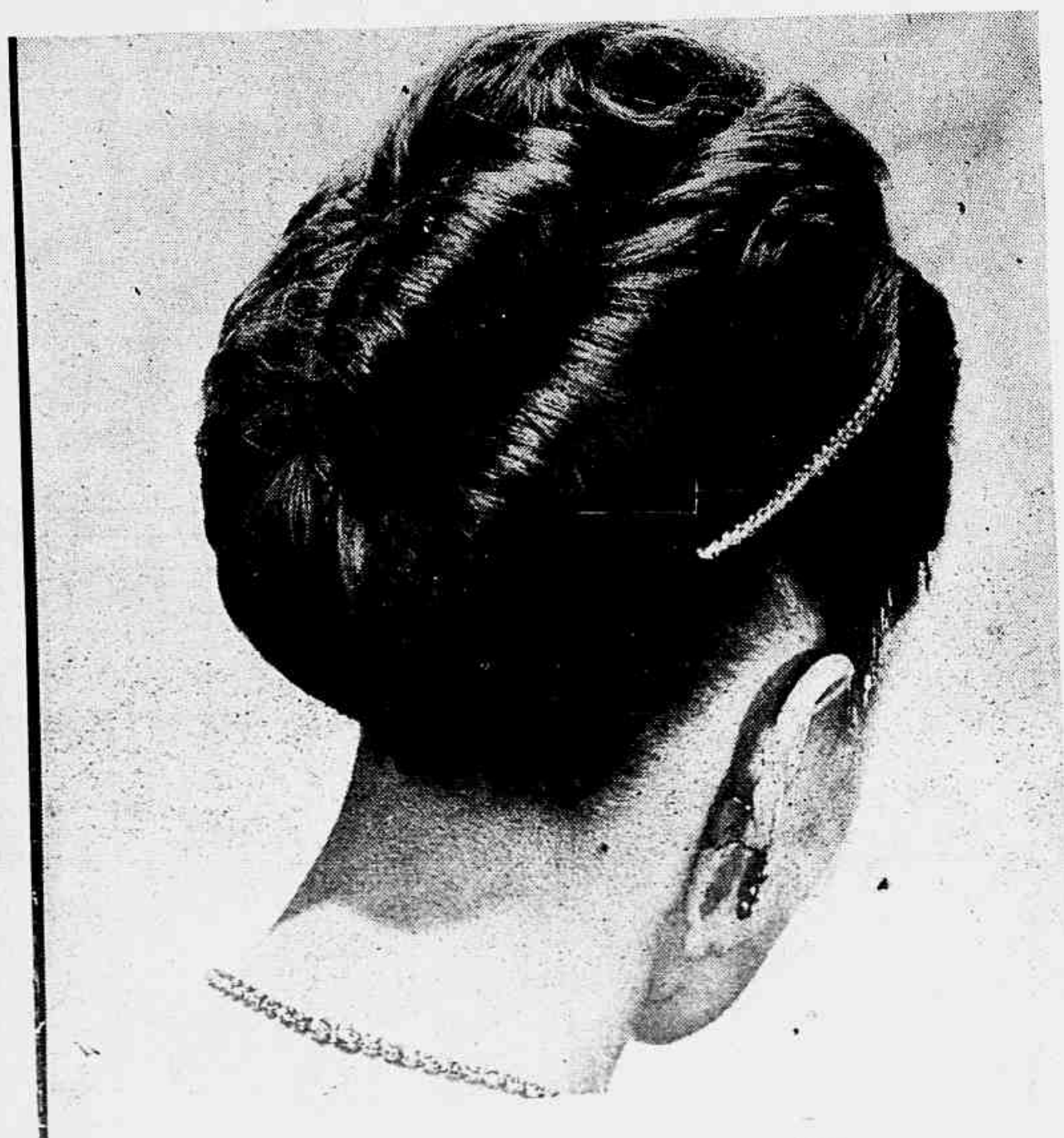
Para a praia



Penteie-se

DE ACORDO COM O SEU TIPO

Não use um penteado só porque está na moda, e não use nada que não se adapte ao seu tipo físico. E' por não pensar assim que um grande número de moças e senhoras se encontra agora arrependidíssimo por haver cortado os cabelos só porque estava em moda os cabelos curtos! O principal num penteado, não esqueça, é que êle vá bem com a sua fisionomia, com o seu tipo enfim. Também é condenável a mania de "originalidade". Existem criaturas que "inventam" penteados extravagantes, procurando, naturalmente se tornar mais lindas, mas, êsse sistema leva-as, muitas vèzes, ao ridículo.



Nestas páginas, figuras de Hollywood oferecem algumas sugestões: — Para a mulher de traços finos, ainda o penteado para o alto é o mais indicado. Frances Gifford





nos dá duas variações sobre esse penteado. E agora, Arlene Dahl, mostra-nos o que fica melhor para uma mocinha que ainda não passou dos vinte. O penteado "casual", o penteado para o baile e o "pagem"



CONSELHOS ÚTEIS —

Os pratos muito condimentados, os enlatados e as conservas deverão ser abolidos do seu menu de verão. Nessa época do ano dê preferência aos legumes e às frutas o que sem dúvida constitui benefício para a saúde. ★ Os legumes devem ser cozidos em pouca água a fim de que não percam o valor nutritivo que contêm. Alguns deverão mesmo ser cozidos com casca. ★ O limão é um excelente condutor de vitaminas. O seu uso deve ser preferido no tempero das carnes e das saladas, pois substitui com vantagem o vinagre.



O arranjo da mesa é de muita importância que num almoço íntimo ou num jantar de cerimônia

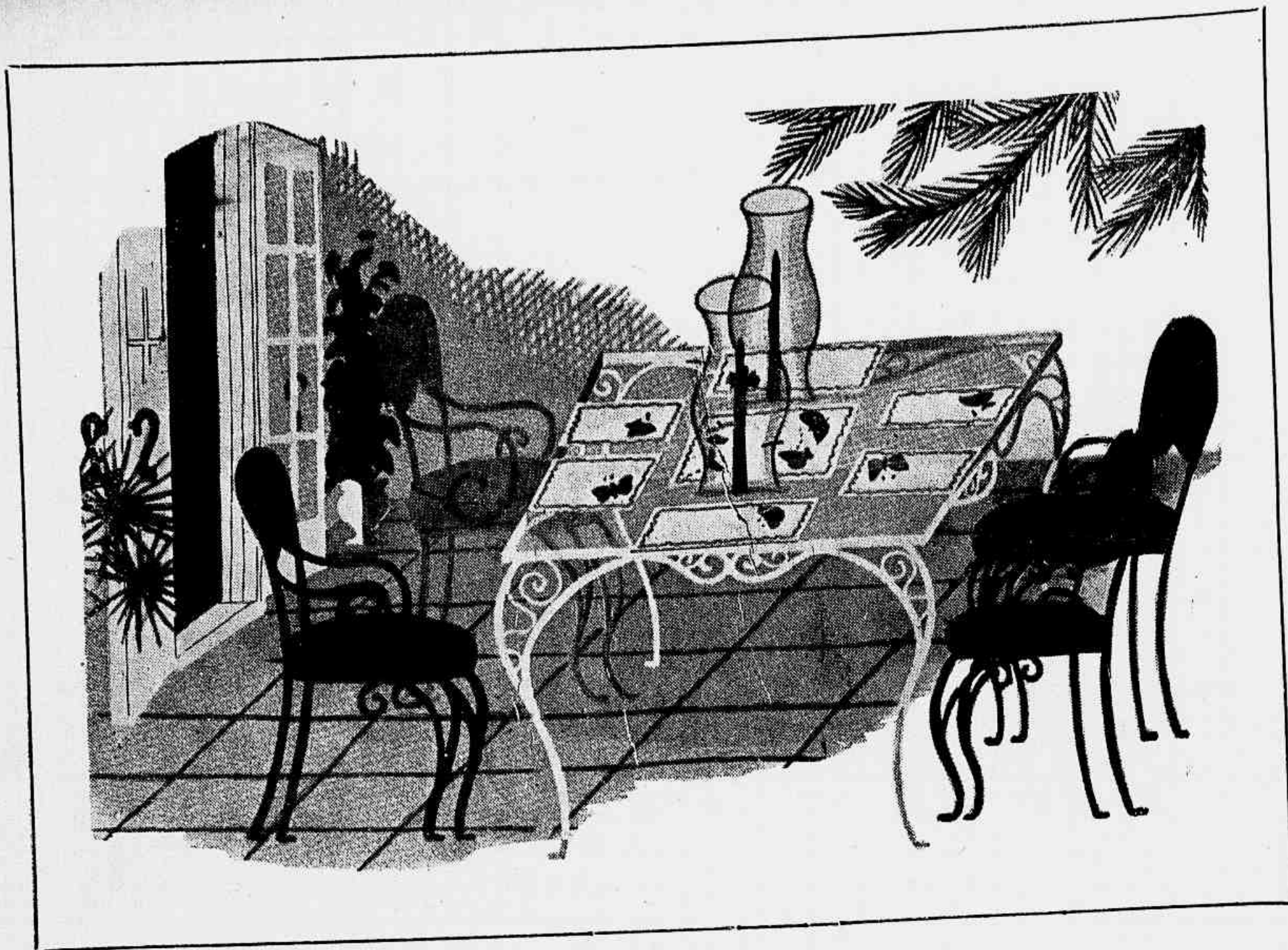


PARA O SEU "MENU"

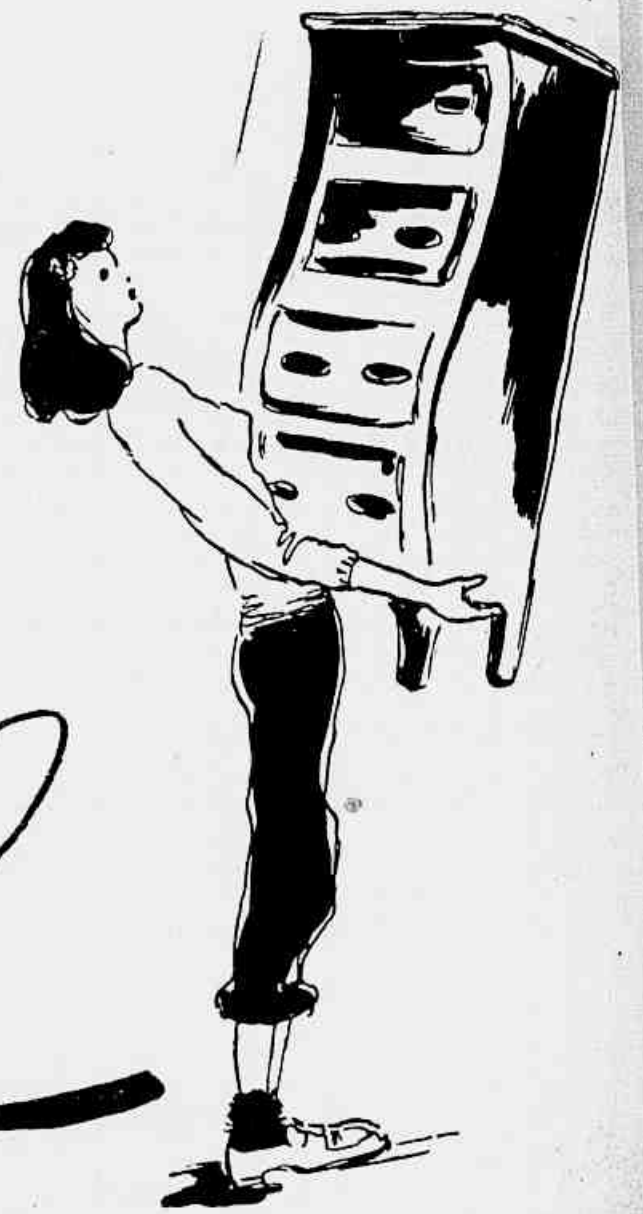
SOPA A JARDINEIRA — Ingredientes: 100 grs. de cenouras, 100 grs. de nabos, 2 pés de alface, 1 colher das de sopa, de cerefólios, meio litro de caldo, 100 grs. de manteiga, sal. **Preparação:** Cortam-se as cenouras e os nabos em pequenos pedaços e desfolham-se as alfaces e os cerefólios. Lava-se tudo muito bem e leva-se ao fogo com manteiga para refogar. Quando os legumes estiverem cozidos, junta-se o caldo, tempera-se com sal e deixa-se ferver no fogo brando durante oito a dez minutos. No momento de servir, desengordura-se e põem-se em cima fatias de pão torrado. ★ **"MOUSSE" DE PEIXE** — Ingredientes: 500 grs. de peixe assado, cozido ou frito, 100 grs. de manteiga, 1 xícara das de chá, de molho "Béchamel", 1 xícara das de chá, de nata, 1 1/2 xícara das de chá, de molho de maionese, 2 ovos, 2 tomates, sal, pimenta. **Preparação:** Retiram-se as peles e as espinhas do peixe, corta-se em pedacinhos, passa-se na máquina de carne e junta-se com a manteiga. Tempera-se com sal e pimenta e adicionam-se o molho "Béchamel", o molho de maionese e a nata. Mistura-se tudo, põe-se numa vasilha funda que possa ir à mesa e enfeita-se com alface cortada o mais fino possível, rodela de ovos cozidos e de tomates. ★ **FILE' ASSADO NO ESPETO** — Ingredientes: 3 quilos de 'ilé, molho picante, farofa de manteiga, sal. **Preparação:** Trata-se a carne, passa-se-lhe um pouco de sal, atravessa-se com um espeto de modo que fique firme e quando não houver mais carne de um lado do que do outro, leva-se ao fogo forte. Quando estiver assado de todos os lados, rega-se com o molho picante e serve-se com farofa de manteiga. ★ **SUSPIROS** — Ingredientes: 6 claras, 400 grs. de açúcar, casca de um limão verde. **Preparação:** Batem-se as claras em neve e depois juntam-se-lhes o açúcar e a casca do limão, batendo-se tudo muito bem até ficar consistente. Em seguida, retira-se a casca e pinga-se a massa em tabuleiros, ligeiramente untados com manteiga e polvilhados com farinha de trigo. Assam-se em forno brando. ★ **CREME DE OURO** — Ingredientes: 12 colheres das de sopa, de açúcar, 12 gemas, 1 garrafa de leite, 1 colher das de chá, de essência de baunilha. **Preparação:** Ferve-se o leite com a baunilha e deixa-se esfriar. A parte, batem-se muito bem as gemas com o açúcar e em seguida acrescenta-se-lhes o leite. Mistura-se tudo e põe-se numa forma barrada com caramelo. Cozinha-se em banho maria. ★ **CREME FLOR** — Ingredientes: 250 grs. de açúcar, 50 grs. de amêndoas doces descascadas, 3 grs. de amêndoas amargas, 2 ovos, 4 gemas, 1 litro de leite, 1 colher das de chá, de água de flor. **Preparação:** Torram-se as amêndoas e socam-se. Em seguida, juntam-se-lhes água de flor e o leite a ferver; desmancham-se muito bem com uma colher de pau e passam-se numa peneira.



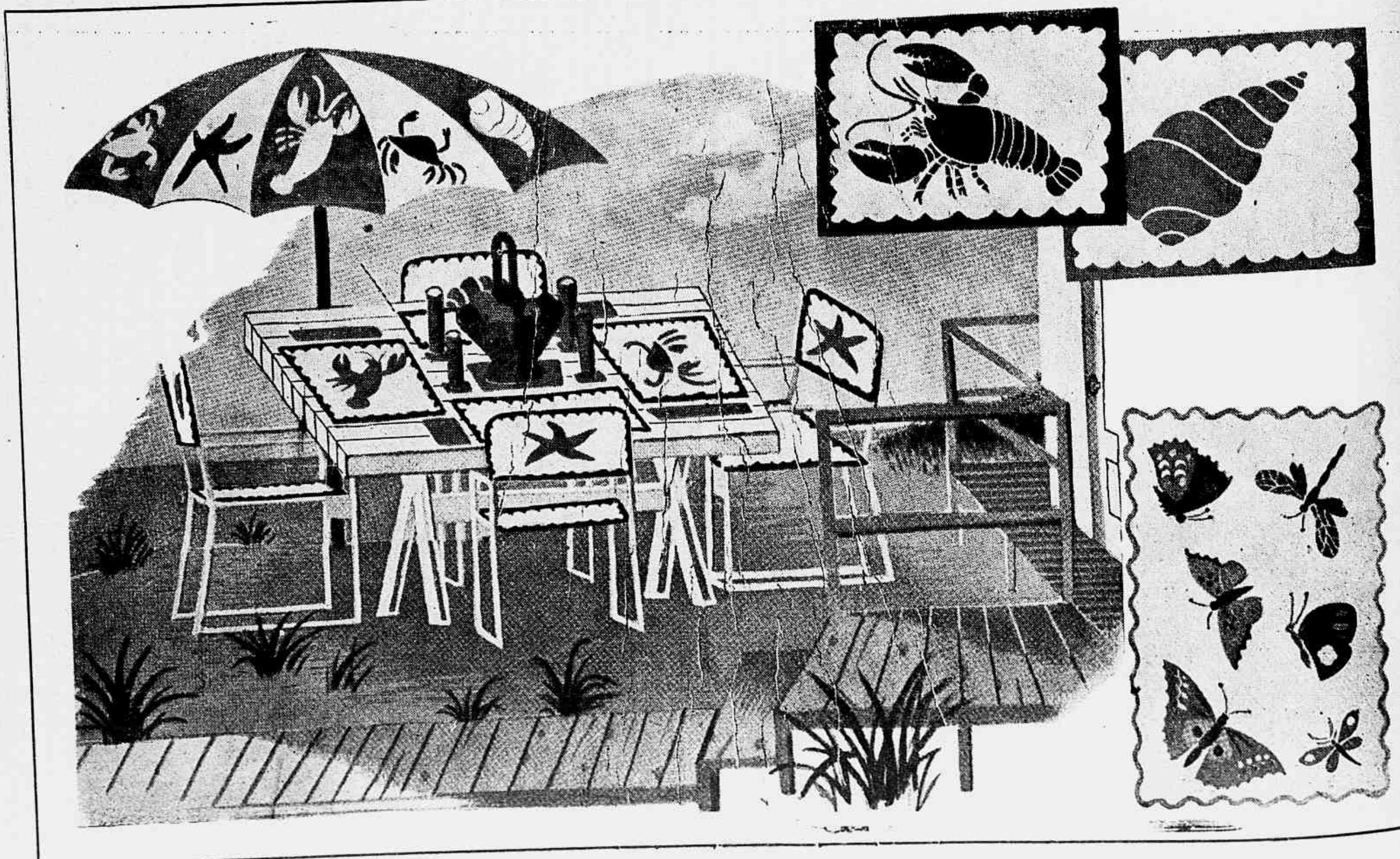
Adicionam-se-lhes depois os ovos e as gemas, mistura-se tudo e passa-se novamente numa peneira. Despeja-se em tijelinhos untadas com manteiga e leva-se a cozinhar em banho maria. ★ **BOMBAS** — Ingredientes: Massa de sonhos, creme de baunilha. **Preparação:** Com uma colher das de sopa, tiram-se porções da massa que se põem em tabuleiros untados com manteiga; pintam-se com uma gema desmanchada e assam-se em forno quente. Depois de assados, abrem-se um dos lados com uma faca, enchem-se com creme de baunilha e polvilham-se com açúcar.



Se você gosta de ambientes alegres, aí estão duas sugestões que por certo agradarão. O primeiro é inspirado em motivos aquáticos e ficará bem na sua varanda, com caramujos, siris, lagostas, etc., pintados nas cadeiras, na barraca de praia e ainda no "serviço americano" que guarnece a mesa. Se você prefere um outro motivo, aí está um inspirado em borboletas e que fornece ensejo para um colorido vivo e vibrante. Também pode ser aplicado em jarras de vidro e bordados ou pintados panos de diversas utilidades.

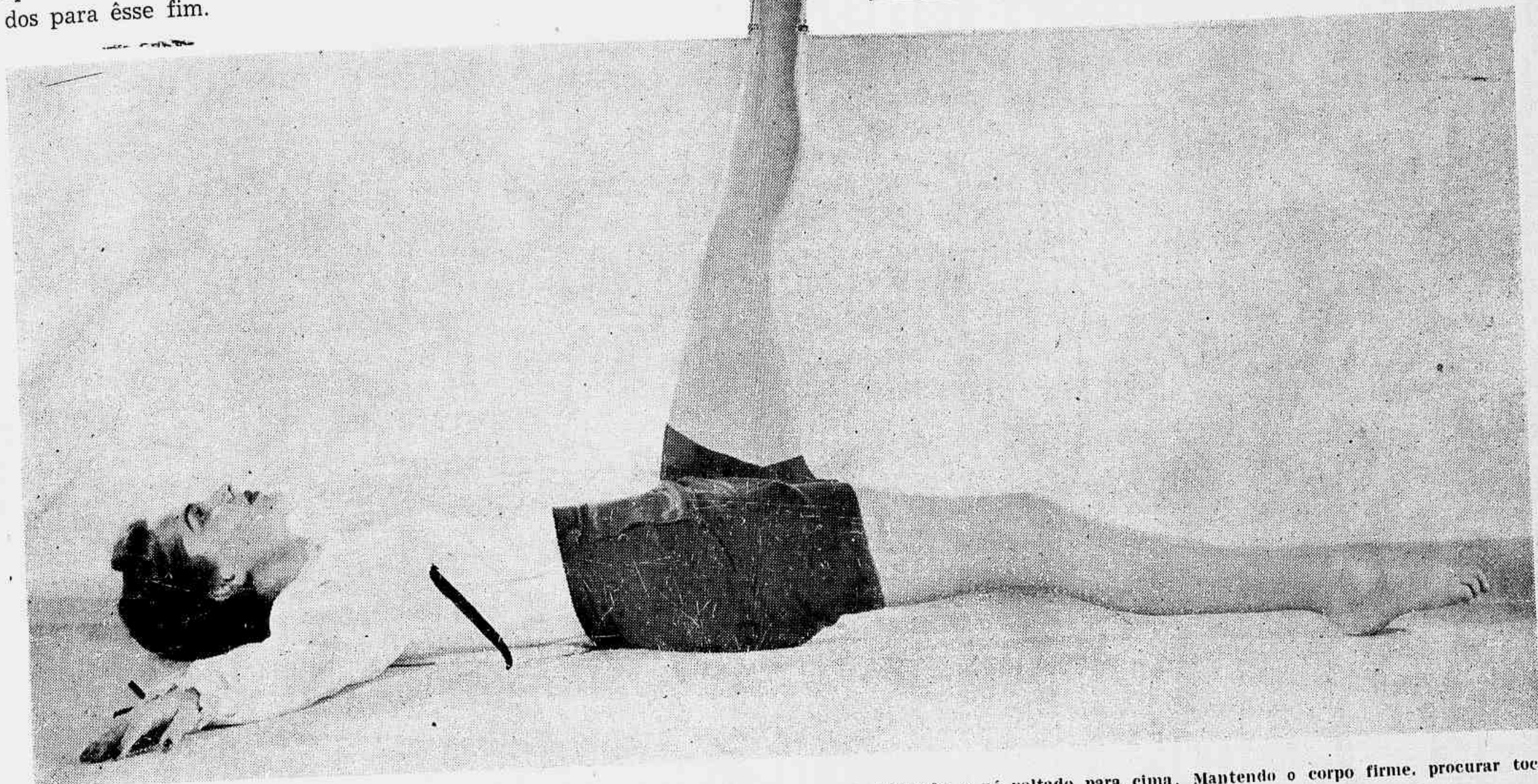


Interiores

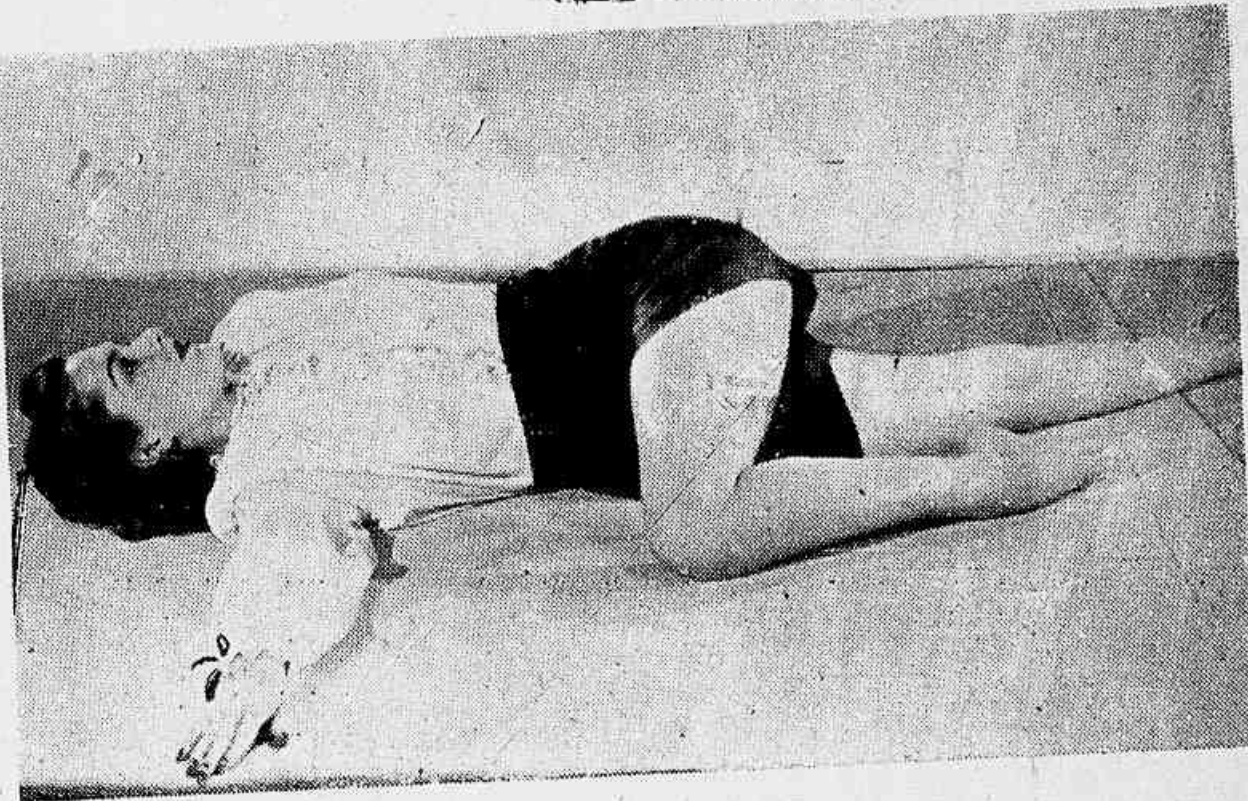
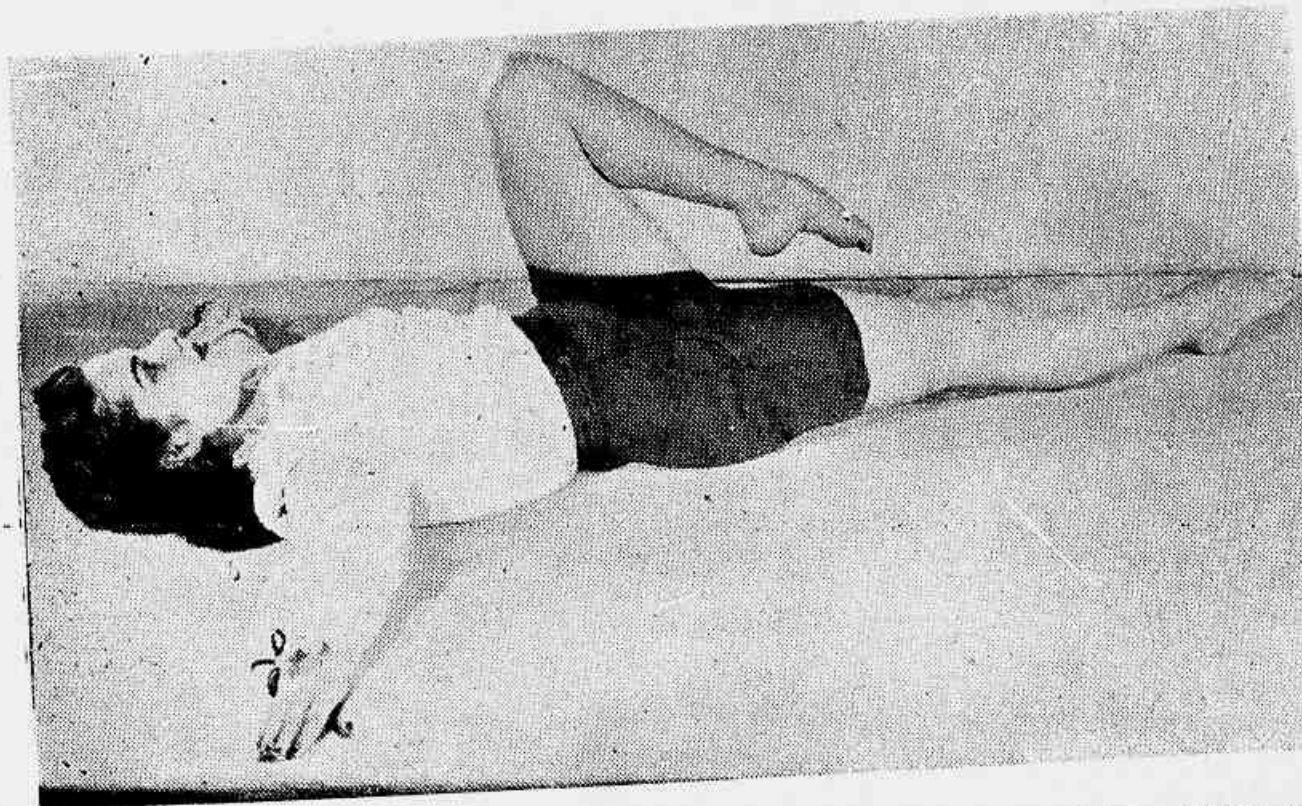


MUITAS vezes não é uma questão de peso, mas de acúmulo de gordura em certas partes do corpo, como por exemplo, o abdômem e os quadris. Esses defeitos desaparecem com a ginástica, e os exercícios apresentados aqui por Martha Hyer, da RKO, são indicados para esse fim.

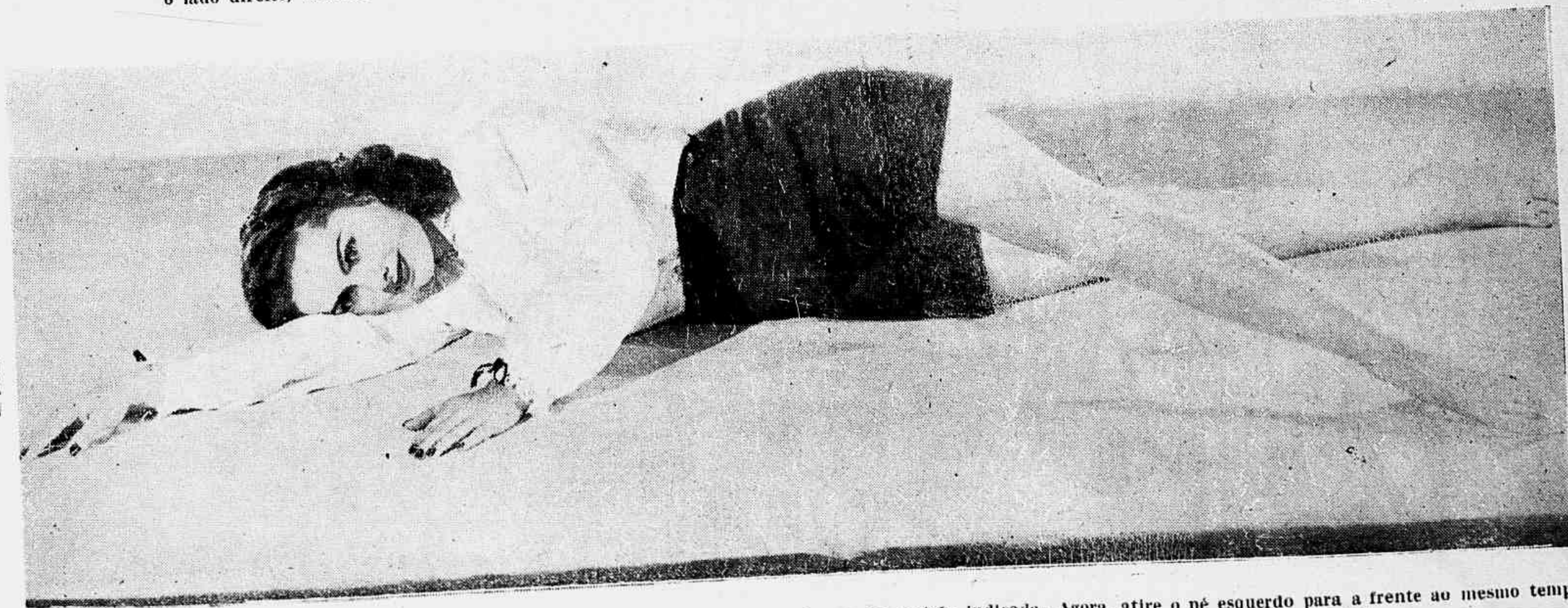
EMAGRECER



Deitar no chão, braços estendidos para os lados, palmas voltadas para baixo. Levantar a perna esquerda, o pé voltado para cima. Mantendo o corpo firme, procurar tocar com o pé esquerdo a mão direita, sem dobrar os joelhos. Fazer dez vezes e inverter



Deitar no chão, braços estendidos para os lados, palmas voltadas para baixo. Trazer o joelho esquerdo até o peito, o mais próximo possível. "Atirar" o joelho esquerdo para o lado direito, tocando no chão, mantendo o corpo, da cintura para cima, em posição correta, no chão. Fazer dez vezes e inverter

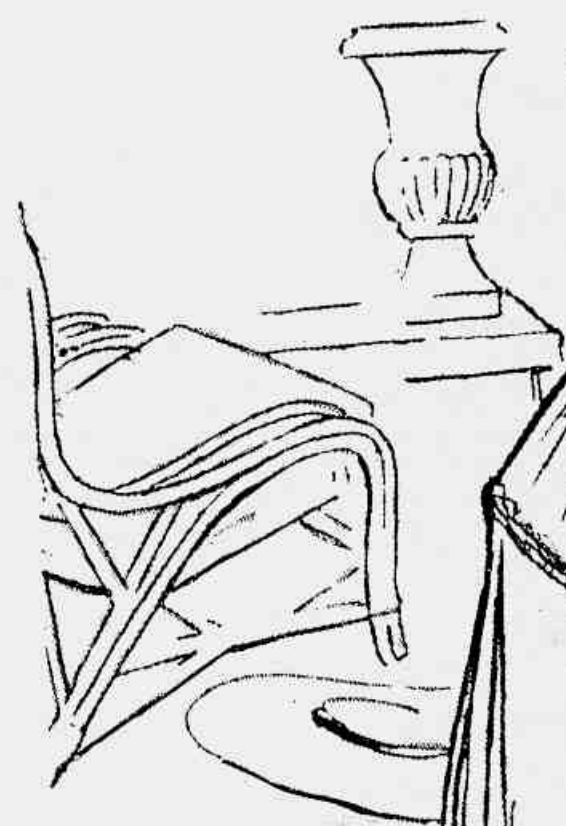


Para terminar, deite-se sobre o lado direito, o pé esquerdo justamente sobre o direito, braços na posição indicada. Agora, atire o pé esquerdo para a frente ao mesmo tempo que o pé direito recua. Mantenha os joelhos firmes. Volte à posição primitiva e reinicie, lentamente em movimento de tesoura



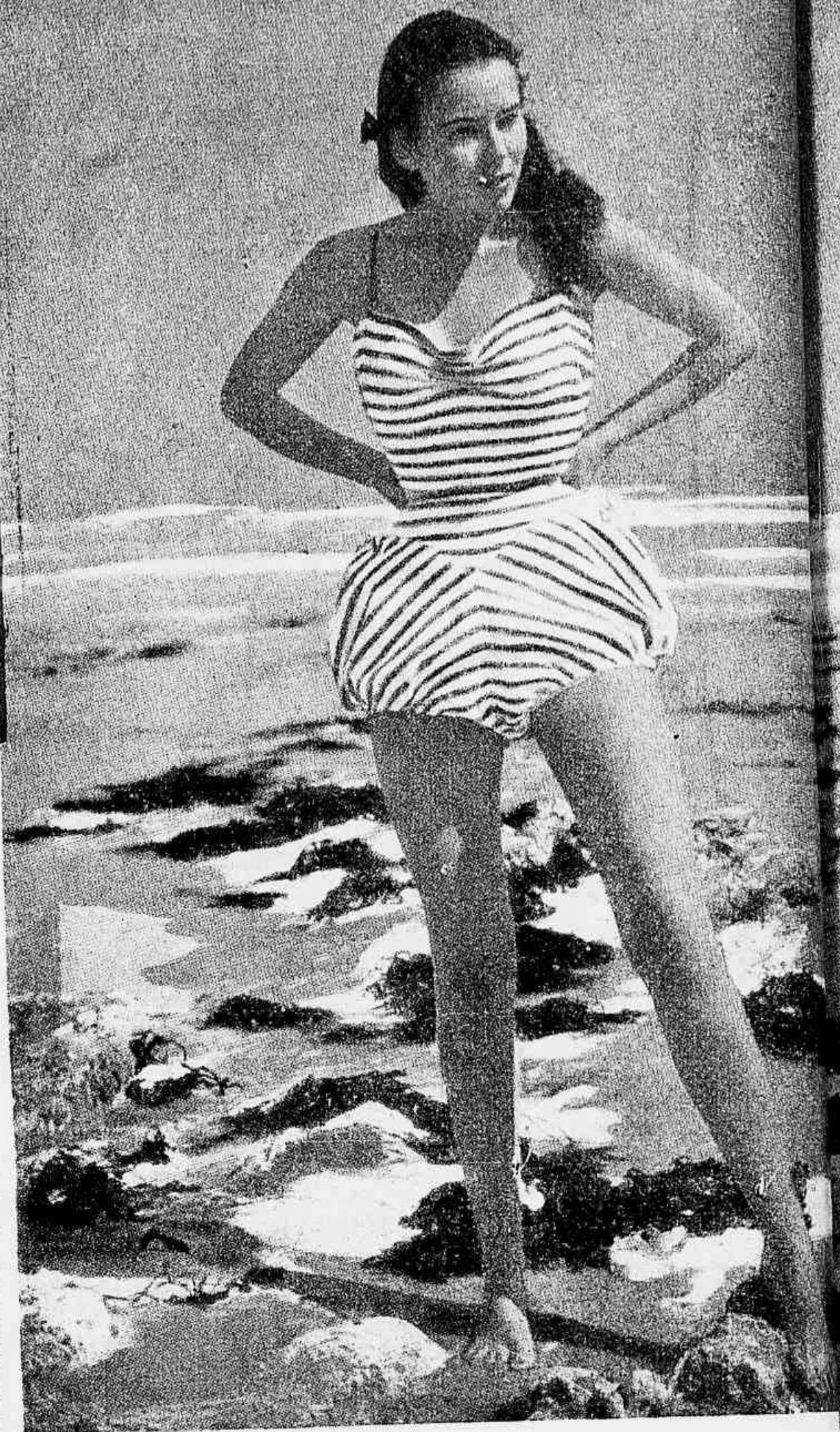
tecido terno será o algodão. Estampado ou liso mas sempre o algodão. O linho por sua vez entrará em reuniões elegantes pois os seus modelos serão mais rebuscados: com muitos bordados, grandes decotes etc. Aqui algumas criações de costureiros franceses para o verão parisiense. Nesta página: Marcelle Darnay nos oferece este gracioso modelo em algodão

estampado, de gola alta, corindo em V, mangas raglan e saia godet. Um modelo de L. Mendel, e em algodão lizado com tiras em sentido contrário. Na página ao lado: O de Carven e este modelo em tecido quadriculado, decote redondo, saia muito original, com babado armado. Este outro em lã de tons tons decote quase descoberto de ombros e de G. Lecomte



PARA O VERÃO

godet. Um
do contrá-
adriculado,
curo em
Leronte

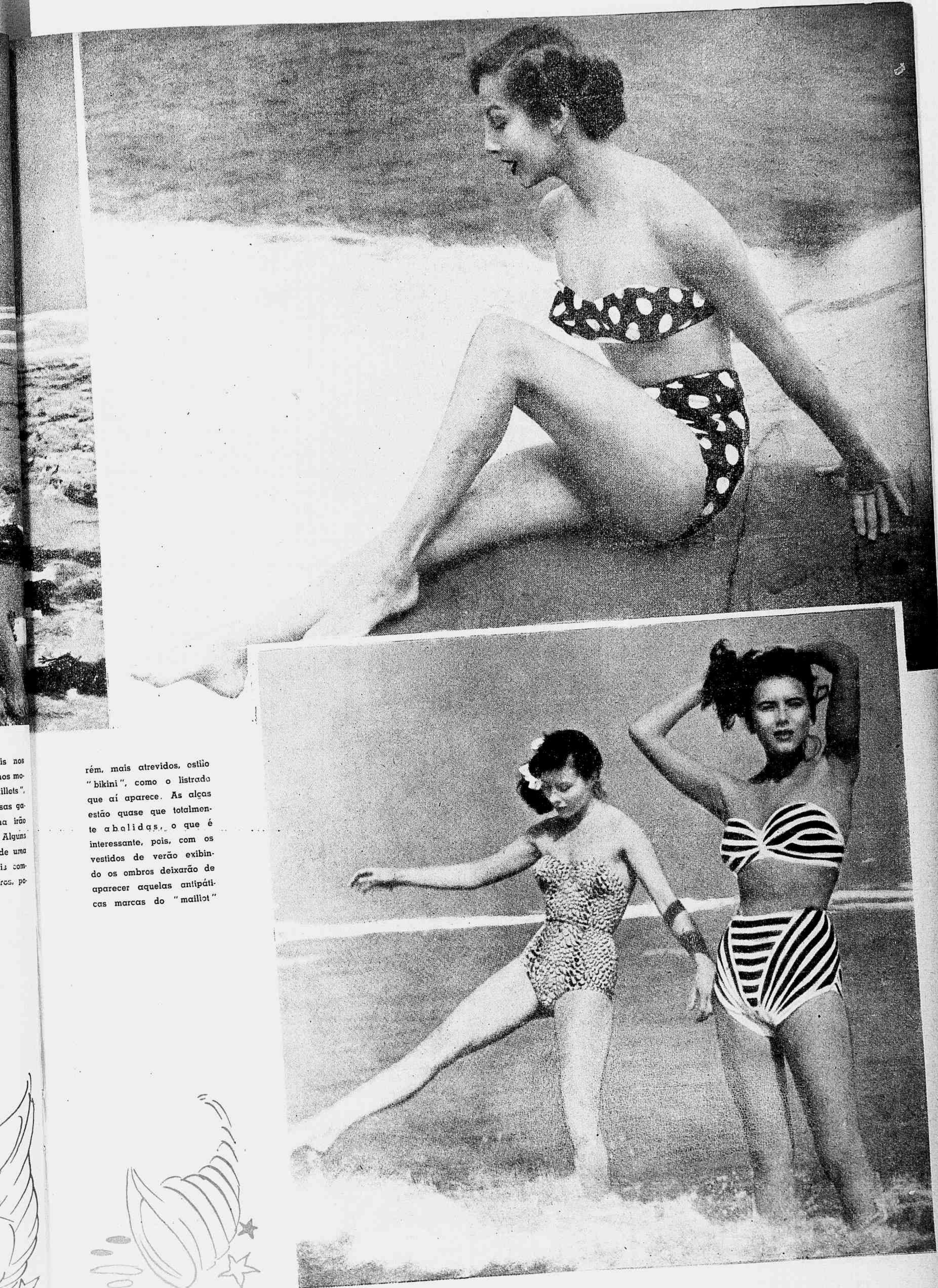


TAMBÉM de Paris nos
chegam os últimos mo-
delos de "maillots",
com os quais as nossas ga-
rotas de Copacabana irão
assombrar o mundo. Alguns
são mais discretos, de uma
só peça, calças mais com-
pridas e fôfas. Outros, po-



is nos
os mo-
illets",
sas ga-
a irão
Alguns
de uma
is com-
ros, po-

rém, mais atrevidos, estilo
"bikini", como o listrado
que aí aparece. As alças
estão quase que totalmen-
te abolidas, o que é
interessante, pois, com os
vestidos de verão exhibin-
do os ombros deixarão de
aparecer aquelas antipáti-
cas marcas do "maillot"





Conto de **C. NEGRAES** (Selecionado pela "REVISTA DA SEMANA") Ilustração de **LUÍS CANABRAVA**

O rio Jequitinhonha subiu três metros, indo lamber com suas águas pretas e barrentas as quatro forquilhas do girau do velho Porfírio, invadindo-lhe o rancho de buriti, levando em sua correnteza toda a sujeira ali acumulada durante a seca. Sempre acontecia assim. Todos os anos o rio vinha visitá-lo, lavando-lhe a casa e deixando, ao retirar-se, o chão coberto de uma areia branca e fina como a toalha do altar de Nossa Senhora do Amparo em Diamantina.

Como o escorpião ou a lagartixa que vivem nas frinchas das pedras ou no interior das lapas e fumas, colando-se às paredes lisas dos lajedos, o velho preto Porfírio era também um detalhe qualquer naquele quadro agreste. Isolado de todos, sempre só como o pico do Itambé, triste como um fogão apagado.

Nascera ali, ou melhor, ouvira dizer que sua mãe, uma escrava do coronel Janico, morara naquelas lavras onde tivera muitos filhos dentre os quais um de nome Porfírio. Seu pai, não conhecera, nem sequer sabia seu nome, mesmo porque negro nunca tem pai, não nasce, aparece, surge assim como aquele montão de folhas secas e sujeira, que o rio traz em suas águas por ocasião das cheias, que ninguém sabe donde veio, para onde vai, que fica bolando ao sabor da correnteza até ser tragado por um redemoinho mais forte, sumindo de uma vez.

Dependurada num gancho, presa à cumieira, sua "traia" de garimpo, constituída por uma bateia, uma enxada velha, duas peneiras de crivos médios, uma alavanca de aço, algumas panelas de pedra, um pedaço de tecido de lã para a lavagem e apuração do ouro.

Muitos lhe haviam aconselhado a abandonar o velho rancho, dizendo que qualquer dia o rio carregaria tudo, levando Porfírio para o fundo de suas águas. Não dava crédito ao que diziam. Conversa fiada. O Jequitinhonha não teria coragem de carregar seu rancho, deixando-o sem teto, ele que nascera ali, misturado com o cascalho daquela grupiara, como aquele pé de xique-xique, feio, retorcido, cheio de espinhos.

Sentou-se na cama de varas, afastou com a mão as folhas de buriti para olhar o tempo. Continuava chovendo. Seu rancho, formado de dois compartimentos, um maior onde dormia e outro menor onde instalara sua cozinha, estava todo alagado, com água a mais de um palmo de altura, correndo livremente por entre os paus da parede. O rio parecia um mundo de água suja.

Esticou a perna e com os dedos do pé mergulhados n'água, tateando o chão, procurou seus chinelos de couro que a areia havia coberto. Foi até a cozinha, comeu um pedaço de rapadura, um punhado de farinha, vestiu o capote rústico que seu Fausto lhe dera e saiu rumo ao garimpo dos paulistas.

Passou pela casa do André, teve vontade de parar e perguntar como ia passando Etelvina, se já tivera a criança. Achou tudo tão quieto, desistiu. Foi andando. Cumprimentou o Juquinha na cata rica, dobrou pelo corte novo e começou a subir a serra do Palmital.

Na porta da casa, Fausto conversava com Deolindo; assuntos de todo dia. Porfírio foi se aproximando.

— Bom dia.

— Como está, seu Porfírio? O senhor passou pelo rancho do André?

— Nhôr sim.

— Como vai Etelvina, já desocupou?

— Sei não... tavam drumindo quando passei lá.

— Acabe de chegar, vá tomar um café, seu Porfírio.

O negro fez a volta pelo mangueiro e entrou na cozinha. Na casa dos paulistas ele não tinha cerimônia, era como se fosse da família. Tanto seu Fausto como dona Cotinha davam-lhe toda liberdade.

— Bom dia, dona.

— Como vai, seu Porfírio? Anda sumido. Brigou com a gente ou bamburrou, está rico e não faz caso de nós?

O negro não respondeu. Calado, sentou-se à soleira da porta e com a caneca na mão ia bebendo devagar o café que recebera de Cotinha. Sempre que se via perto daquela mulher, sentia-se aturdido, a língua parece que se lhe prendia ao céu da boca. Ficava sempre ali, imóvel como um pedaço de carvão, a devorar com os olhos aquele meio palmo de coxa que a barra da saia não conseguia cobrir, admirando aquela anca rija e redonda, aqueles braços alvos queimados pelo sol.

Exercia sobre ele um poder estranho. Parecia um sapo atraído pelo olhar penetrante e frio de uma serpente.

Cotinha, ocupada em fazer o almoço, ia e vinha na cozinha, conversando com Porfírio sem lhe voltar o olhar, coisa que para o negro era um alívio, porque sempre se sentia mal quando era surpreendido naquela posição, com os olhos fixos no corpo dela.

— Pois é, seu Porfírio, ando muito aborrecida e não sei mesmo como há de ser se Deus não nos ajudar.

— Por que, dona?

— É o negócio de seu Amauri, aquele comprador de diamantes do Currallinho. Devemos a ele cinco contos que o Fausto tomou emprestado para fazer o serviço no ribeirão do meio. A cata queimou. Esperávamos tanto daquele cascalho e nem sequer pintou um grão de diamante ou uma faísca de ouro. Agora ele quer o dinheiro.

— Diga a ele que espere, dona.

— Já falamos, não quer esperar nem mais um dia. Fausto explicou que paga; é só chegar o dinheiro que mandou vir de São Paulo. O homem é mesmo duro de coração. Hoje vence a letra e já mandou recado pelo Deolindo que à noite virá receber. Ou leva o dinheiro ou então toma conta do garimpo, ficando com tudo que temos. Se isso acontecer estaremos perdidos, só nos restando arrumar as malas e voltar.

— E' o diabo, dona. Que quer dizer essa letra?

— Letra promissória, seu Porfírio, é um documento onde a gente declara que deve, quanto deve e quando terá que pagar.

— E', sendo assim, não tem mesmo jeito. Só se vanceis fizesse pé firme e não pagasse.

— Isso não pode ser, primeiro que é uma desonestidade e depois com a letra, que representa um documento, seu Amauri poderá ir à cidade e vir com a polícia tomar conta do que é nosso. Quer mais um café?

— Não; agradeida, dona; vou indo que a chuva e vem Bão, intê ôtro dia, não fique tão aborrecida, quem sabe o homem muda de jeito e resorve esperá o dinheiro.

— Deus o permitisse, Porfírio, ainda mais agora que já se tirou tanto cascalho e iamos começar a apuração. Não me conformo de perder tudo, depois de tanta luta.

— Não desanime, dona. Intê mais logo.

— Até outro dia. Apareça sempre, gosto de conversar com o senhor.

O negro passou por Fausto e Deolindo; despediu-se rapidamente e foi andando. Estava abafado com o que acabara de ouvir. Não admitia a hipótese da ida dela para longe, depois de tanto tempo de convivência. Todos gostavam de dona Cotinha, era bonita, delicada, não tinha orgulho e nunca negara um sorriso, fosse lá para quem fosse. Acabrunhado, pensando uma porção de coisas, embrenhou-se na mata pelo caminho da serra do Palmital.

De volta, Porfírio passou a refletir sobre o que lhe dissera Cotinha. Pela primeira vez ela se desabafara com ele, contando-lhe a história da dívida de seu Fausto e da

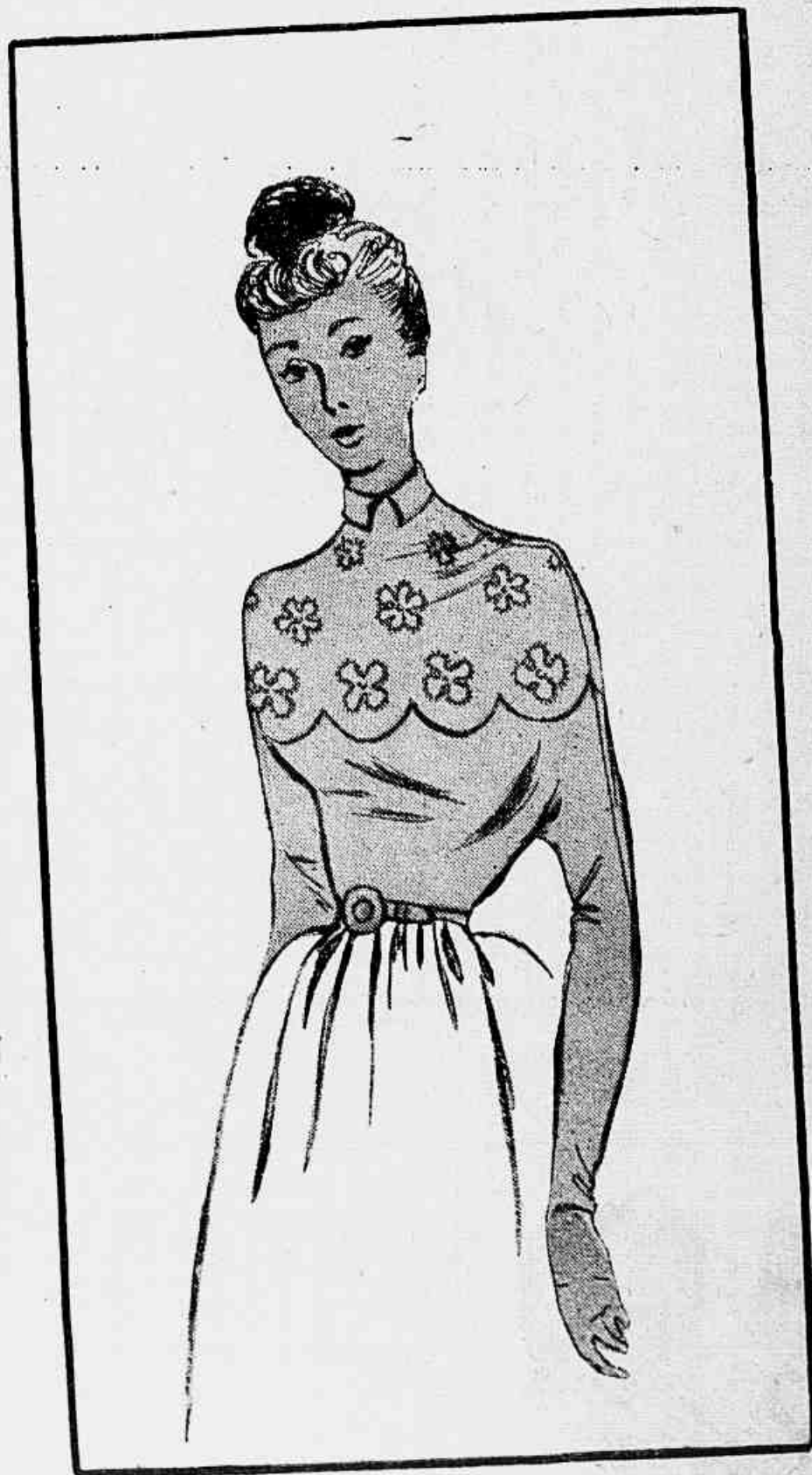
(Continua na página 49)

ACONTECEU NO GARIMPO

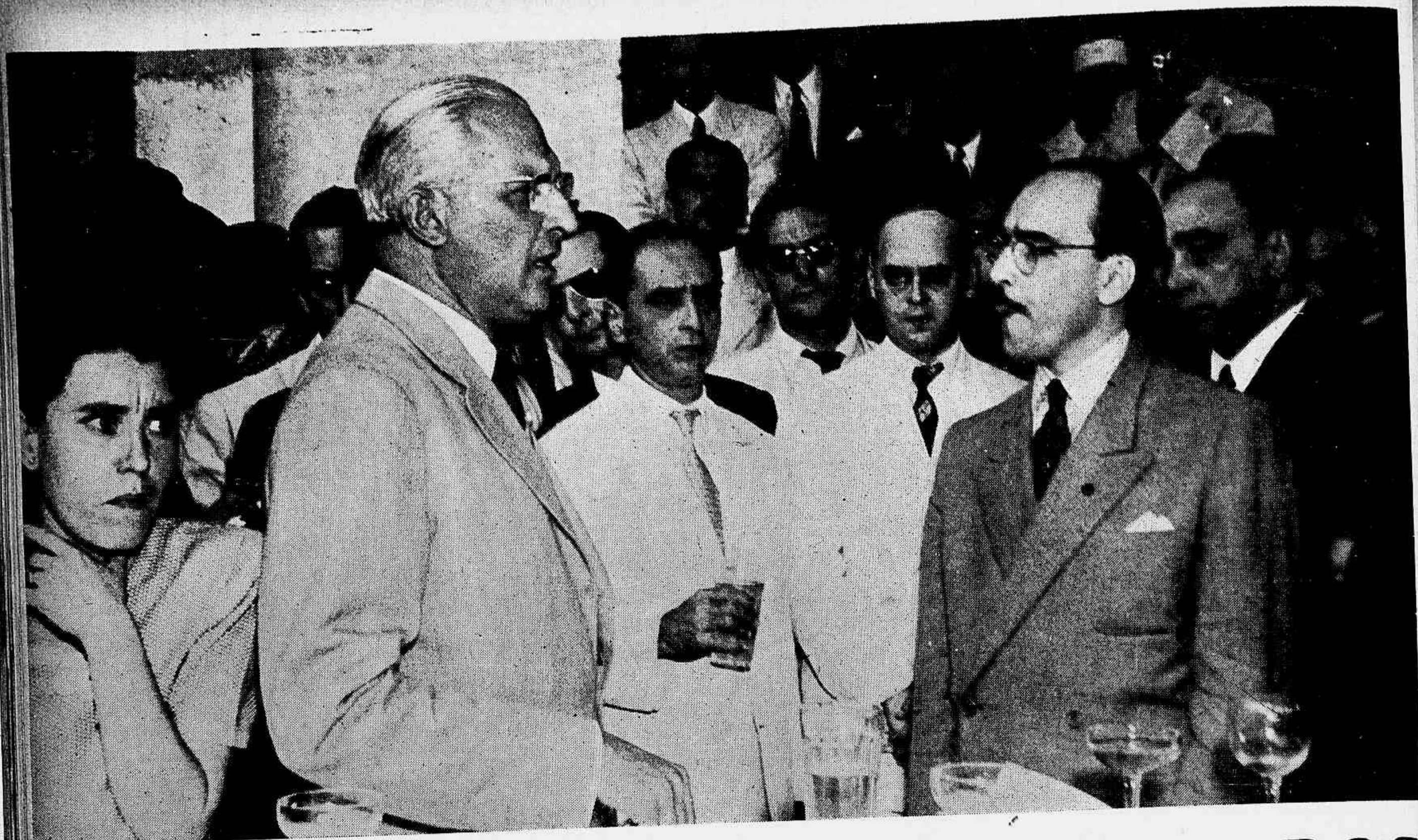


Aqui está novamente um grupo de blusas alegres e joviais, executadas em tecidos próprios para a presente estação. A cambrá de linho, o linho, o "organdi", o bordado inglês são os mais indicados para a confecção destes modelos

Blusas



A
está
a mão
aquela
Ficava
meio
ca rija
etrante
Porfirio
sentia
ser se
o. De-
ibeirão
pintou
é só
oração.
er. Ou
Se isso
e deve.
pagasse.
ra, que
tomar
ta, não
inheiro.
calho e
uta.
ndando.
ela para
ha, era
a quem
pelo ca-
primeira
to e da
49)



O "IAPETC" NA VANGUARDA DOS SERVIÇOS DE ASSISTÊNCIA SOCIAL

UMA ADMINISTRAÇÃO CUJAS REALIZAÇÕES REVELAM INVULGAR CAPACIDADE DE TRABALHO

O Hospital do IAPETC é uma obra capaz de firmar definitivamente o renome de um administrador. Modesto e cavalheiresco, competente e trabalhador, Hilton Santos, elevado em boa hora à suprema direção do Instituto dos Trabalhadores em Serviços de Transportes e Cargas, soube como ninguém corresponder à confiança que lhe foi depositada, colocando rapidamente o IAPETC na vanguarda dos





serviços de assistência no Brasil. O modesto nosocômio, dada a sua colossal capacidade, está agora, com a inauguração de novos pavilhões, em cujas instalações se destacam os Serviços do Banco de Sangue, devidamente aparelhado para executar um vasto e humano programa de assistência e amparo aos seus milhares de associados. Nas inaugurações agora realiza-



das, foram incluídas a padaria e a lavanderia do Hospital, ambas modernamente aparelhadas e dispondo de pessoal competente e muito proximamente terá a sua indústria farmacêutica. Num dos pavilhões que brevemente estarão concluídos, funcionará um laboratório farmacêutico capaz de abastecer de medicamentos não só o referido Hospital, mas todos os demais nosocômios do IAPETC no país inteiro.

O IAPETC já produz, aliás, alguns medicamentos, como sejam, vitaminas, sôros, sais, etc., dos quais foi realizada uma mostra durante a solenidade de inauguração referida.

Nestas páginas estampamos expressivos flagrantes colhidos durante as solenidades que contaram com a presença do presidente da República, do sr. Hilton Santos e exma. esposa, senador Ivo de Aquino, deputado Aluizio Alves, dr. Pereira Lyra, secretário da Presidência da República, prof. Oswaldo Corrêa de Araujo, diretor do Hospital, funcionários do IAPETC, jornalistas e pessoas de grande destaque na sociedade carioca, que viram com imenso júbilo, inaugurados os novos serviços do grande Hospital — notável realização do governo do ex.^o sr. general Eurico Gaspar Dutra — ao ensejo das festas comemorativas da Semana da Democracia.



Por ANDRÉ MAX

A conquista do homem na terra é surpreendente, mas o que já conseguiu no domínio dos ares está empolgando o mundo inteiro. Diariamente os grandes laboratórios de aeronáutica de todas as nações líderes nas invenções e nas audácias da inteligência humana, estudam novas maneiras de domínio dos espaços infinitos, com o propósito de proporcionar à humanidade conforto e rapidez em suas viagens em longas distâncias.

Já não bastam os enormes navios dos ares, esses colossais "Constellations" que ligam Nova York ao Rio em horas e atravessam de Buenos Aires a Roma num espaço de tempo que regula uma viagem de trem entre Vitória e Belo Horizonte. Os fabricantes desejam maiores triunfos e construíram o assombroso gigante dos ares, o helicóptero de dois andares Piasecki XH-16, para serviços de transportes da Força Aérea dos Estados Unidos.

O maior helicóptero do mundo possui dois centros de propulsão e de equilíbrio, cada um com três enormes hélices à proa e à popa. Sua fuselagem é comparável à de um desses grandes quadrimotores DC-4, tendo ainda um adicional desmontável, do tamanho de um grande ônibus.

A fábrica que já se especializou nesses engenhos para a guerra e para a paz, destinados ao exército e à marinha, e também ao transporte de passageiros e carga em tempo de paz, espera que suas experiências saiam a contento de modo que seja possível começar a fornecer grandes helicópteros dentro de dois anos.

Sua fabricação ainda contém dados que são um segredo; mas, apesar de tudo, já se sabe que o novo navio dos ares é todo de metal e o seu corpo se compõe de duas partes essenciais destinadas a passageiros e a carga em quantidades consideráveis.

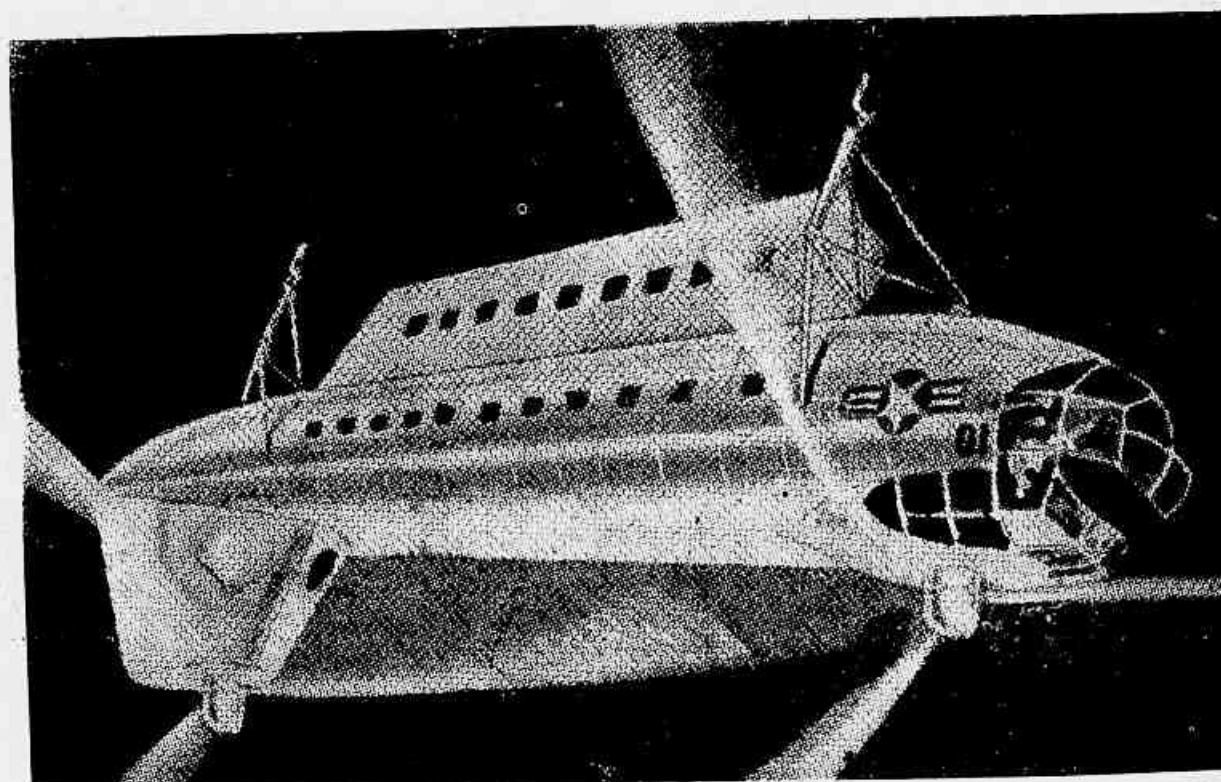
Conforme o plano de sua fabricação, esses engenhos aéreos serão empregados com muita eficiência nos casos de guerra, quando transposições de rios e de zonas montanhosas impedem o deslocamento de artilharia pesada e de outros petrechos bélicos.

Esses helicópteros, que terão capacidade superior a vinte mil quilos, facilmente suspenderão tanques e canhões, conduzindo-os até onde se torne possível o uso dessas máquinas de guerra, não constituindo nenhum embarço os mais sérios acidentes geográficos no teatro das operações.

Será ainda excelente meio de transporte para tropas. Segundo suas dimensões e alojamentos, esses gigantes helicópteros estão sendo construídos com capacidade cinco vezes maior do que os já conhecidos transportes aéreos do Exército dos Estados Unidos com todos os apetrechos militares.

Além do seu papel na ofensiva, será o gigante helicóptero indispensável auxiliar dos serviços da Cruz Vermelha, para transporte de feridos e medicamentos para os hospitais de sangue.

Nos tempos de paz, esses helicópteros servirão aos continentes no transporte de passa-



Aspecto do gigantesco helicóptero atualmente em construção para o Exército dos EE. UU. destinado a transportar pesados carregamentos de tropas e material bélico

geiros, de carga, e, quando se verificar algum acidente marítimo, ei-los no serviço de socorro e salvamento a náufragos, com uma eficiência fácil de imaginar.

Sua velocidade será de, em média, cem milhas horárias e seu raio de ação umas duzentas milhas. A parte inferior da fuselagem possui a inédita característica de ser desmontável, isto é, por meio de um engenhoso processo de justaposição, logo que o aparelho chega ao solo, esse "apêndice" se separa da fuselagem como se fosse um vagão de estrada de ferro que se desengata para carga ou descarga.

E' suposição dos técnicos e fabricantes desses gigantes helicópteros que, em futuro muito próximo, sejam esses engenhos de voo o meio preferido para transportes em grande escala. Só estão em inferioridade de condições perante os aviões comuns, pela menor velocidade; mas é fora de dúvida que em segurança e comodidade não há nada que se lhes avante.

Muitos acidentes de aviação sobrevêm em face de dificuldades que se deparam aos mais hábeis comandantes, quando as pistas não podem oferecer determinadas seguranças técnicas. O helicóptero contorna tais obstáculos, pela incrível facilidade que possui de descer verticalmente em espaços de reduzido tamanho, em áreas que não precisam estar com leitos tão bem preparados como se fossem para receber aviões.

E já se começa a utilizar o jacto para aplicação em tais aparelhos. E', inevitavelmente, enorme e surpreendente progresso na aeronáutica, proporcionando tal meio de propulsão maior rendimento tanto em velocidade como em relação a manobras.

A defesa militar dos Estados Unidos e sua preparação bélica diante de perigos internacionais que, independente da vontade humana, se vão formando nos horizontes como prenúncios de borrasca, estão acelerando, dia a dia, maiores conquistas pelas estradas do céu, e, embora tais invenções e aperfeiçoamentos tragam o signo de Marte, eles poderão ser utilizados exclusivamente para os trabalhos de paz, se entre as maiores nações do mundo sobrevier a compreensão recíproca necessária à felicidade de todos.

Se essa paz for quebrada e, mais uma vez, o mundo engolfar-se nas convulsões de lutas devastadoras, as gerações futuras irão gozar imprevisíveis melhoramentos em seus meios de transportes, pois depois de uma conflagração os engenhos de aniquilamento passam a servir à paz com todas as melhorias neles introduzidas. Daí aquele conceito aparentemente paradoxal que firmava uma verdade incontestável: a guerra é para o progresso humano um mal necessário, filosofia que os franceses resumiram neste aforisma repetido por todos os povos: *a quelque chose malheur est bon*. E não há maior desgraça para as nações ou para o mundo do que uma guerra. Mas, como os designios divinos são infinitamente sábios, depois das tempestades vem sempre a bonança e, com ela, maiores progressos para a humanidade.



James Lys Seager

Em 1805 James Lys Seager, cistilou pela primeira vez o Gin Seagers, de uma sua receita secreta, sua fragrância e qualidade, encontraram aceitação imediata. Aderindo rigidamente ao padrão de qualidade então estabelecido, Gin Seagers ganhou enorme popularidade.

Agora como então
**QUALIDADE
INCOMPARÁVEL**

Gin faz o cocktail, Seagers faz o Gin!

SEAGERS

A partir de 1805 construímos uma tradição de Qualidade — um ativo do qual temos hoje justo orgulho. Apesar das restrições e dificuldades de suprimento, estamos determinados a manter nossa reputação, pela qualidade de nossos produtos, e assegurar uma distribuição equitativa aos nossos inúmeros clientes e amigos.

SEAGERS DO BRASIL S.A.



LÂMINA Gillette AZUL

AOS ASSINANTES E DISTRIBUIDORES DESTA REVISTA

Rogamos indiquem sempre, com as suas remessas de dinheiro, nome e endereço certos a que as mesmas se destinam



CARTEIRINHAS SOCIAIS

Associações — Clubes — Colégios —
Sindicatos — Centros Espíritas, etc.
— Qualquer quantidade

MOACYR F. FREITAS

AV. PRESIDENTE VARGAS, 831
SOBRADO — TELEFONE 43-5476

Atendemos pelo Reembolso Postal

Bilhetes DO MEIO DO MUNDO

D. G. COIMBRA

CÍRCULO POLAR ÁRTICO (Ilhas Lofoten), 19/9/1948 — Resolvemos, em vez de tomar o naviozinho de 200 toneladas que nos levaria a Svölvaer onde teríamos que embarcar num outro para ir a Bergen, seguir o palpite de mr. Bjornstad e compramos passagens num vapor grande, misto, com seis cabines, que vai a Bergen. Mas, antes disto, andará saracotando pelas ilhas, canais e fjords até Tromsø, e depois seguirá diretamente ao nosso destino. Fomos informados de que a viagem durará dez dias. Mas não estamos acreditando muito porque a saída foi marcada para as 19 horas e às 15.30 estávamos rumando para o mar. Hoje em Svölvaer disseram que não partiria antes das 15 e às 13 já estávamos cruzando o fjord. Estamos vendo que a pontualidade aqui precisa ser acompanhada com cautela, senão ficaremos aí num rochedo qualquer. Na nossa última noite em Narvik resolvemos experimentar o **Warme Polser**, cachorro-quento daqui. Havia um quiosque bem limpinho, todo pintado de branco, envidraçado, com uma moça forte e assada sentada numa cadeira ao lado dum aquecedor elétrico e exaustor na parede para tirar o ar viciado. Enfim, um quiosque alinhado. Volta e meia passávamos por ali e viamos os rapazes e moças parados comprando algo que comiam na rua. À noite, depois do cinema, juntou muita gente. Criamos ânimo e resolvemos ir ao quiosque onde compramos um cachorro quente. Uma mordidela foi o bastante. O negócio é pesado, o paladar é bravíssimo. Parece um peixe, assim como tubarão. O que sei é que andei procurando um lugar discreto para jogar fora. Aqui tudo é tão limpo que se precisa procurar um cantinho apropriado, pois dá pena sujar uma rua onde ninguém joga papel, lixo ou **Warme Polser**. Foi uma das poucas comidas destas paragens impossíveis para nós. Não digo que seja intragável, mas dá a impressão de que reclama 15 horas para ser digerida.

O Hotel Royal foi muito camarada, pois pagamos por um ótimo quarto com banheiro, cerveja, refeições, gorjetas, transporte das malas, etc., menos de Cr\$ 100,00 por dia para um casal. E deve ser bom negócio, por este preço, pois estão construindo mais 150 quartos. Hotel aqui é escrito com dois LL (hotel) para não ficar como em francês. Creio que uma pessoa só deve pagar um Cr\$ 60,00 por dia.

Quando chegamos a bordo para tomar o "Sirius", já estavam as nossas malas sossegadas, descansando na cabine. Como somos os únicos passageiros, nos deram a melhor de proa. Assim, vamos admirando a paisagem sem sair do quarto. Cabine muito boa, de bom tamanho, duas camas, pia, aquecedor elétrico e luzinha para ler na cama. E como tudo a bordo é limpinho, a gente tem que acompanhar o asseio geral e não se deixa cair nem cinza fora do cinzeiro. O capitão veio nos cumprimentar e perguntou: "Como é, os senhores escolhem uma época fora da estação para fazer esta viagem?". Dissemos então que estávamos mais ou menos acostumados com inverno e que não queríamos perder a oportunidade de viajar pelo Círculo Ártico.

Já tocamos em três portos e continuamos os únicos passageiros. Parece que o "Sirius" é um nosso iate particular... A camaroteira e a bela mocinha que nos servem não têm muito trabalho conosco. Quando tardamos a descer à sala de jantar, ela vem bater à porta da cabine! Chegamos a Svölvaer (pronuncia-se Solvey) às nove horas e logo após tivemos café com leite, presuntos e um ovo estrelado, salsichas, salame, queijo Roquefort, sardinha, geléia e mais alguns pratos. Quando saímos a cidade ainda dormia porque era domingo, mas logo depois começou a acordar. Belos prédios, muitas lojas grandes e pequenas, um grupo escolar e uma bonita igreja pintada de branco, no alto de uma ladeira. Subimos até lá e numa pedra de uns 3 metros de altura estavam gravados os nomes dos homens desta cidade que perderam a vida durante a última guerra, em número de 25; nome, idade e lugar onde cada um tombou para sempre.



Esta fotografia é uma mostra da terra norueguesa: a baixada onde há sítios e granja; depois as colinas com mata baixa e, finalmente, os cerros cobertos permanentemente de gelo. No centro, o "fjord". Nessas baixadas, o homem faz milagres, arando, semeando e colhendo produtos agrícolas e flores belíssimas. O verão, aqui, dura noventa dias; o resto do ano é safra de neve.

Crianças de bicicleta começaram a passar pelas ruas estreitas, e de quando em quando aparecia um cachorro para nos fazer festa — olhava, mexia com o rabo e ia embora como todos os cachorros. Depois apareceram uns gatos peludos, a parte de cima preta e a outra branca. As casas muito bem cuidadas, pintadas, com jardins floridos ou vasos de flores nas janelas. Quase todas são de madeira. O principal negócio daqui é a pesca. Vimos os estrados onde secam o bacalhau. As ruas são estreitas e tortuosas, mas assim mesmo registramos uns vinte automóveis, ônibus e caminhões. Numa ilha de montanhas quase verticais e cheia de pedra, para que tantos veículos? Fomos ver o Correio e o Hotel Lofoten. Deixamos umas cartas com a e é bem espaçoso. Infelizmente ainda estava fechado. Deixamos umas cartas com a portaria do Hotel para o correio amanhã. Esta cidade tornou-se muito conhecida durante a guerra por causa das incursões dos nazistas. Mesmo nestas alturas se encontram grandes depósitos de óleo combustível e gasolina.

O nosso "Sirius" descarregou muitos volumes, sapatos de borracha, aparelhos de rádio, móveis e uma infinidade de caixas. Na parada antes de Svölvaer carregou umas 500 caixas de bacalhau. O serviço de estiva é feito com calma e muito cuidado, sem a menor conversa. Cada um faz sua tarefa e todos usam grossas luvas. Antes de o navio partir, o capitão encheu-se de famílias, com muitas crianças de casacos e suéter vermelhos, saias azuis, meias brancas e botinhas. Essas cores vivas ficam muito bem com a paisagem e as montanhas escuras. Algumas senhoras com bons chapéus enfeitados com plumas por certo tinham vindo da igreja ver o movimento, pois havia mais dois vapores atracados.

O comandante, depois do jantar, contou-nos que esteve no Brasil várias vezes, a última em 1936. Era então imediato de um navio que fazia a linha de Bahia a Buenos Aires. Depois nos traduziu o boletim meteorológico dado pelo rádio ali na sala de jantar. São quase 22 horas e um silêncio polar nos envolve. Somente se ouve um pequeno ruído do guincho de descarga. Uma linda lua cor-de-prata no céu azul escuro, todo estrelado. Distingue-se a silhueta das altas montanhas que nos cercam, pois estamos num fjord, acabamos de jogar umas partidas de "buraco" com o único baralho que o comandante possui. Fez falta o segundo baralho, especialmente quando a gente fica invulnerável e tem que baixar com 75 pontos. Mas assim mesmo joga-se. O diabo é que no embaralhar descascamos uma carta e no primeiro pôrto temos que comprar um baralho novo, quando então compraremos mais dois, pois a vida aqui sem "buraco" é um buraco... E prometi ensinar o jogo ao capitão. Vai ser a leite de pato. O interessante é que, além de Tromsø e Bergen, tudo é mistério. Não sabemos aonde vamos parar — mas até agora tem dado tudo certo. Os pequenos portos são interessantíssimos, apesar de o termômetro marcar 7 graus e às vezes 5. Durante o dia, com o sol, tem ido a 15 graus à sombra. A formação topográfica nos bons fjords (algumas dezenas) oferece terras úteis e aráveis, onde plantam e criam em belos sítios de casas grandes e limpas, cada qual com 6 ou 7 quartos e salas em 2 a 3 andares. Depois começa o terreno a subir e aí se encontra a orla de pequenas árvores com cerca de 200 metros de profundidade. Depois aparece uma espécie de musgo verde que acompanha as encostas das montanhas até a linha da neve. Os lugares são completamente isolados uns dos outros, sendo os botes, barcos ou vapores os únicos meios de condução. Mas onde é possível se constroem boas estradas e por elas andam os automóveis, caminhões, e se há bastante povoação vê-se um serviço de ônibus fechados e aquecidos. Estamos descrevendo o que se passa na zona do Círculo Polar Ártico da Noruega e seria interessante para o leitor procurar esses lugares num bom mapa. Estamos a mais de 2.500 quilômetros ao norte da Inglaterra e bem mais perto do Polo Norte, do Polo Magnético. Vamos pôr esta carta no correio, em Melbo, um portozinho muito simpático onde chegamos hoje, 20 de setembro, de madrugada. Lá fora, zero grau.

O capitão diz que o navio deve sair ao meio-dia; mas se resolver sair antes dará dois apitos para nos avisar.



Instantina

corta os resfriados
e alivia as dores



Instantina

É UM PRODUTO BAYER

BANCO NACIONAL DE DESCONTOS

Sociedade Anônima

Depositos -- Descontos -- Cauções

ALFANDEGA n.º 50 - Rio

"INGLÊS BÁSICO E PRÁTICO"

Vocabulário Completo de Inglês Básico. Terminologia Especializada, Científica, Comercial e Militar. Regras Gramaticais Essenciais. Frases Práticas Frequentemente Usadas.



Pedidos pelo Reembolso Postal para
VICTOR JOSÉ LIMA — Rua Caruso, 4 -- Apto. 3 --
TIJUCA -- RIO DE JANEIRO

PREÇO: Cr\$ 20,00

A VIDA DE ALEXANDRE DUMAS...

(Continuação da página 20)

NÃO
seja vítima da
PIORRÉIA...De cada 5 pessoas -
4 estão ameaçadas

Se as gengivas lhe causam incômodo... se estão sensíveis e sangram facilmente — tome cuidado! — pode ser Piorrêia, a grande praga moderna que mina as gengivas e faz perder os dentes.

Comece a proteger-se logo com o método experimentado Forhan. Escove os dentes duas vezes ao dia (fazendo, ao mesmo tempo, massagem nas gengivas) com Forhan's para as Gengivas — o único dentífrico que contém o adstringente especial do Dr. Forhan para evitar a Piorrêia. Exames clínicos recentes demonstraram que, com este tratamento simples, 95% dos casos ameaçados de Piorrêia apresentaram notável melhora no decorrer de um mês.

Procure seu dentista e siga os conselhos dele. E para conservar o encanto natural de seus dentes e a saúde e o vigor de suas gengivas — comece a usar hoje mesmo o famoso dentífrico Forhan's.

Escove os dentes com
Forhan'sPublicidade para a
Revista da Semana

em São Paulo

Tratar com
JARBAS DE FREITAS
GALVÃORua Brigadeiro Tobias, 613
2.º andar — Sala 217

e voltou-se para a literatura, onde tinha triunfado. Escreveu uma peça — Antony — dando um novo tratamento ao eterno triângulo, e toda Paris se reuniu para regalar-se com a sua "intensidade indecente e dramática". No entusiasmo da primeira noite, as senhoras arrancaram as abas da casaca de Dumas: "Mon Dieu, que dramaturgo ousado! E que moço encantador!"

E o mulato ousado e encantador, com o seu colete espalhafatado e o seu sorriso refulgente, continuou a cavaleiro do redemoinho do seu destino. O nascimento de um filho, o abandono de uma amante, um ataque de cólera, outra peça triunfal, outra revolução abortada, uma fuga para a Suíça escapando à prisão como "perigoso republicano", e, por fim, uma súbita ambição de se fazer padre. "E por que não? Eu, o criador do novo drama, serei também o criador de uma nova ordem religiosa".

Porém desistiu da idéia quase ao concebê-la. Era vulcânico de mais para suportar a quietude do claustro. Como trocar os saborosos prazeres da terra pelas promessas do céu? "Prefiro permanecer pagão embora tenha de pagar por isso".

E pagão permaneceu até o último dia. Divertia os homens, seduzia-lhes as mulheres, escrevia suas peças, cobria-se de "glória e contos de vidro", e enfrentava os sucessos e retrocessos de sua carreira com uma bem humorada indiferença. Recebia os elogios com um encolher de ombros e os insultos com um sorriso.

Uma vez ou outra, entretanto, quando o insulto era venenoso de mais, temperava o seu sorriso com uma resposta salgada. Certo dia um jovem, nobre e arrogante, fez alarde da sua genealogia diante de Dumas. E, voltando-se para o escritor, disse enérgicamente:

— Agora fale-me de seus antepassados.

Dumas respondeu-lhe:

— Meu pai foi um mulato, meu avô um negro, e meu bisavô um macaco. Ao que parece, minha família começou onde a sua termina.

Em outra ocasião, numa tertúlia literária, encontrou-se com Balzac, seu birrento rival. Querendo cortar as asas ao jovem e triunfante dramaturgo, Balzac comentou:

— Quando meu talento estiver gasto, passarei a escrever peças.

— Então é melhor começar de uma vez — respondeu prontamente Dumas.

V

No dia 6 de fevereiro de 1832, Ida Ferrier, "jovem talentosa" do Montparnasse, fez sua estréia no palco na última peça de Alexandre: Teresa. Após a ovação que se seguiu à descida do pano no final da representação, a atriz atirou-se aos braços do autor:

— Monsieur Dumas, o senhor fez o meu nome. Como poderei pagar-lhe?

— E' muito fácil... — respondeu ele, mimoseando-a com o seu sorriso irresistível.

Durante vários anos ela continuou a pagar-lhe sua bondade mas não em moeda legal. Então, com surpresa geral, casaram-se. "Dumas resignou-se à vida doméstica: o relâmpago consentiu em ser encadeado".

Mas as cadeias foram frouxas diante da sua força impetuosa. Deixava seguidamente o lar para ir atrás de aventuras. E permitia generosamente que a esposa tivesse também suas aventuras em casa. "Viver e deixar que os outros vivam" era o seu lema.

Sempre à cata de novas sensações, novos amores, novos aplausos. Os triunfos do teatro começavam a perder o interesse. No mundo inteiro as chamadas da rebelião haviam amortecido. Sua energia, irrequieta como o azougue, precisava encontrar outro canal para se expandir. Mas onde? E como?

Ah! Ele o encontrara! A ficção histórica. Agitaria o passado morto trazendo-o para o tumulto da vida. Morreria Walter Scott, o rei do romance. Viva o novo rei, Alexandre Dumas!

Pôs-se a trabalhar febrilmente em seu primeiro romance histórico, Os três mosqueteiros. Contratou os serviços de Auguste Maquet, homem douto, perito na textura de um enredo para ajudá-lo nas suas pesquisas históricas. Ele pouco se preocupava com os fatos mortos, mas dava grande atenção às verdades vivas da história.

— E' lícito violar a história — dizia ele — contanto que dessa união nasça um filho.

Trabalhava incansavelmente em seu romance — dizia ele — contanto que dessa união nasça um filho. a camisa sem mangas desabotoada ao peito e o almoço muitas vezes esfriando a seu lado, sem que lhe tocasse. Se aparecia uma visita durante as horas de trabalho, cumpria-se abanando a mão esquerda, sem parar de escrever com a direita.

Trabalhava sempre em alta tensão. Era, porém, a tensão do homem que se diverte. Vivía junto com seus personagens, conversava com eles, com eles pilheriava. Certa ocasião um inglês que o fôra visitar ouviu uma gargalhada vinda do gabinete de trabalho de Dumas.

— Esperarei até que seu amo esteja só — disse o visitante ao criado.

— Mas meu amo está só — respondeu este. — Está apenas saboreando algum dito espirituoso de um dos seus tipos.

Durante o dia vivia com estes e, durante a noite, com os amigos. Quando alguém lhe perguntava como conseguia manter-se tão alegre e bem disposto depois de um dia de trabalho árduo, respondia que sua produção diária não era nenhum trabalho árduo.

— Não crio minhas histórias. Elas se criam dentro de mim.

— Mas como?

— Não sei. Pergunte a uma ameixeira como dá ameixas.

Possuía o raro e misterioso dom de criar. E também o dom ainda mais raro e misterioso da amizade. Sua casa e seu coração estavam sempre abertos. A "hora do almoço" de Dumas ia das onze e meia da manhã às quatro e meia da tarde. Novos convidados estavam sempre chegando, e o criado passava o tempo a ir ao açougue em busca de mais costeletas. Nos dias em que podia levantar mão do trabalho, Dumas reunia-se alegremente aos seus convivas — muitos dos quais não tinham sido convidados mas que nem por isso deixavam de ser bem acolhidos.

— Poderia fazer-me o favor de me apresentar àquele senhor ali? — pediu um amigo.

— Sinto muito, mas não posso — respondeu Dumas. — Ainda não lhe fui apresentado.

Sua generosidade era um tonel sem fundo em que ele despejava continuamente tudo o que ganhava. Estava sempre endividado. O meirinho tinha-se tornado o mais familiar dos seus visitantes. Certa vez um amigo pediu-lhe uma contribuição para o enterro de um pobre. Dumas tirou 15 francos do bolso.

— E quem é o pobre defunto? — perguntou.

— Um meirinho

— Então vais enterrar um meirinho! — exclamou Dumas. — Toma outros 15 francos: enterra logo dois!

VI

Enquanto os bolsos de Dumas se esvaziavam, sua fama aumentava continuamente. Deixou de transformar a história em ficção e passou a transformar a ficção em história. Monte Cristo — livro seu em que, mais uma vez, recebeu a colaboração de Maquet — é uma textura de puro romance. Contudo, tão vivos são os personagens que até hoje os guias de Marselha mostram aos turistas as casas de Mercedes e de Morel e as celas de Edmond Dantès e do Abade Faria, no Château D'If. Com nuvens e fumaça Dumas criou habitações sólidas e homens vivos.

Todavia não tinha ele o propósito de criar. Desejava apenas divertir. A tarefa do escritor, dizia, é escrever alegremente para que seus leitores vivam alegremente. "Qual a utilidade de uma arte que não torna as pessoas alegres?". Não pretendia fazer-se passar por homem de cultura ou poeta. Seu único intuito era ser um bom contador de histórias.

— O senhor escreve sobre fatos que nunca estudou — observou-lhe um crítico. E Dumas retorquiu-lhe:

As joias roubadas

(Continuação da página 19)

DELEGADO — Queira entregá-las, quando sair, ao comissário.

GALÁ — Eu, se resolvi solicitar-lhe audiência, em vez de dar, lá fora, uma simples queixa, foi por saber como o meu caro doutor é amigo dos artistas...

DELEGADO — Oh, muito! (Pensando na audiência anterior.) Sobretudo de lá depois para cá.

GALÁ — Lembra-se do Kean? Em todos os tempos, os artistas e as autoridades se deram admiravelmente. Aquilo da Tosca... foi uma exceção!

DELEGADO — Parece-lhe então que essas rodas teatrais, me estimam, dizem bem de mim?

GALÁ — Todo o bem possível. As atitudes, principalmente! (Outro tom, despidendo-se) Escute, meu caro doutor: com franqueza, que pensa o senhor? Que as minhas jóias aparecem ou que não?

DELEGADO, radiante, sacudindo-lhe a mão — Aparecem, com certeza! Não vi como as do Fróis apareceram?

CENA TERCEIRA

O DELEGADO, só, conserta a gravata para energicamente para diante as bandeirolas do fraque, diz consigo — E agora, jantar... e teatro! (Ao prontidão, que surge à porta) Ainda mais gente? Quem?

PRONTIDÃO — Outra madama.

DELEGADO, consigo — E' o dia, hoje (Novos retoques à "toilette") Bom, que entre. Mas, espere: A cautela, previna-me de que estou com pressa.

A DAMA, irrompendo tragicamente pelo gabinete — Sr. doutor, aconteceu-me uma grande desgraça! (É um perfeito exemplar da Velha Guarda, que se rende mas não se resigna: cabelos pintados cor de melão, reboque nas engelhas mais fundas, carmim em profusão, etc.)

DELEGADO — Vá dizendo, minha senhora, vá dizendo!

DAMA — Uma destas desgraças, doutor, que mal se podem imaginar! Fazerem isto a uma pobre artista indefesa, desprotegida sozinha no mundo!

DELEGADO, consigo — Naturalmente! (Alto) Mas que foi, minha senhora? E que estou com pressa. Espere-me... o ministro da Justiça!

DAMA — Doutor, tenha compaixão de mim! (Junta as mãos, em súplica; depois, aproxima-se, vai deitar-lhas aos ombros do delegado, porém, recua a tempo) Doutor! Roubaram-me as minhas jóias!

DELEGADO, com indignação — Hei! Até a senhora! (Dominando-se) E... eram muitas?

DAMA — Todas as que eu possuía. Um solitário de quinze contos, que me deram no Pará; um chuvaire de trinta contos que me deram no Rio Grande; doze pares de bichas de várias pedras, no valor de quarenta contos; vinte e cinco anéis, entre eles um com três brilhantes enormes, que me deram, o mês passado, no meu benefício...

DELEGADO, julgando ter ouvido mal — Quando?

DAMA — O mês passado. Por que?

DELEGADO, sorrindo — Nada. Adiante. DAMA, abespinhada — Ora essa! O senhor parece que não acredita!

DELEGADO — Acredito piamente, mas...

DAMA — Era o que faltava! E que há de extraordinário nisto, de me darem jóias, no dia do meu benefício? O doutor sabe que mais? Quisesse eu, que presentes não me faltavam. Nem a ourivesaria do Oscar Machado chegava, fique sabendo!

DELEGADO — Escute, a senhora dê a lista, aí fora, ao comissário.

DAMA — E' que nunca me faltaram ao respeito! Seja autoridade, seja quem for! Não admito! Sou uma senhora! Uma senhora honesta! Ouviu, seu... seu malcriadão? (E sai, numa rabanada)

CENA QUARTA

O DELEGADO, furioso, mas sem deixar de corrigir, ainda uma vez, a "toilette" — E esta? E se a gente comete uma violência, os jornais... chamam-nos nomes feios!

UM POBRE DIABO, aparecendo à porta

— Perdão, sr. doutor...

DELEGADO, voltando-se bruscamente — Quem o deixou entrar? Que foi? Que tem?

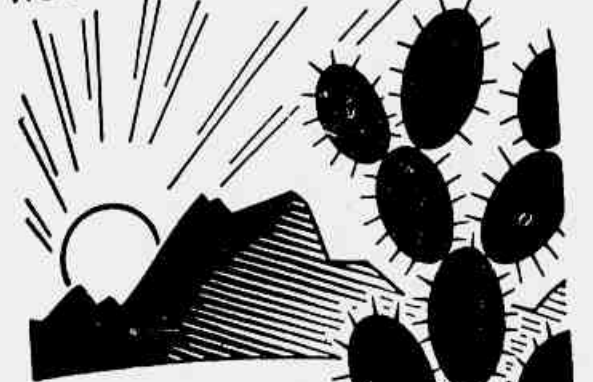
O POBRE DIABO — Perdão, sr. doutor, eu vinha... Eu sou um modesto artista...

DELEGADO — Ah, é? E roubaram-lhe as jóias, não? Pois espere aí que eu já o arranjo. Prontidão! Leve esse homem para o xadrez!

O POBRE DIABO — Mas, perdão...

DELEGADO — E se ele resistir, meta-lhe o braço!

NOS CLIMAS TROPICAIS...



...AS PELES
DELICADAS
PEDEM
A Polvilho Antisséptico
GRANADO

BROTOEJAS
ASSADURAS
FRIEIRAS
SUORES FÉTIDOS



Fume! Mantenha porém,
seus dentes livres das anti-
estéticas Manchas de
Nicotina!

O Creme Dental Nicotan (fórmula original americana) é recomendado especialmente para fumantes. Remove completamente as manchas da nicotina acumulada nos interstícios dos dentes e causadas pelo uso contínuo do cigarro. Nicotan dá aos dentes um brilho deslumbrante e às gengivas uma coloração natural e sadia. Não ataca o esmalte. Não contém pedra pómes nem substâncias ácidas ou corrosivas. Tem sabor de cerejas.

NICOTAN

CREME DENTAL ESPECIAL PARA FUMANTES

AGUA PURA
SAÚDE SEGURA

SÓ COM VELAS



ESTERILISANTE

FABRICADAS
PELO PROCESSO SENUN

— Se eu fosse estudar os fatos, quando teria arranjado tempo para escrever? Deixava a Maquet e a seus outros auxiliares (seus inimigos acusavam-no de dirigir uma "fábrica de ficção" completa) o encargo de abastecerem de fatos estereis. Tomava esses fatos e neles insuflava o fogo da imaginação e o alento da vida.

E assim viveu sentado em seu gabinete de trabalho até ao crepúsculo da sua carreira, como "o contador de histórias árabes que prolonga a vigília de sua tribo sob o céu estrelado do deserto". E, lá para o fim da vigília, a sua taça transbordante de sucesso tornou-se um tanto acre com o amargor da inveja. Contudo, nesse próprio amargor havia uma mistura de orgulho, pois o objeto da sua inveja era o próprio filho. Alexandre Dumas Filho tinha escrito uma história. A dama das camélias, cuja popularidade suplantou a de qualquer das histórias de Alexandre Dumas Pai. Pai e filho tentaram superar-se um ao outro, ridicularizaram-se mutuamente e amaram-se até a adoração.

— Criei um filho — dizia Dumas Pai jocosamente — e ele me sai uma serpe.

— E eu — dizia Dumas Filho, gracejando — criei um pai que acabou virando criança.

Uma criança irreprimível, amiga do riso e da aventura até o fim de sua vida. Embora entrado em anos e fisicamente estufado pelos bombons do triunfo, seu espírito permaneceu sempre turbulento. Onde quer que houvesse uma revolução, ele se atirava no meio sempre turbulento. Em 1848 esteve pronto a conduzir a Guarda Nacional a Paris. Mas a Guarda Nacional recusou-se a segui-lo. Em 1859 uniu-se a Garibaldi e não somente contribuiu com sua fortuna pessoal de 50.000 francos mas também se ofereceu para contribuir com a própria vida em defesa da causa da liberdade italiana. Quatro anos mais tarde foi-lhe conferida autoridade para chefiar a rebelião dos gregos contra os turcos, mas logo descobriu que o homem que tinha organizado a rebelião, o príncipe de Skandenberg, era um impostor.

Sua energia, irrequieta como azogue, estava sempre exigindo que ele a pusesse em ação. Não podia ficar parado um só momento. Certa vez, aos sessenta e três anos, voltou a Paris de uma visita "revolucionária" à Itália. Seu filho esperava-o na estação. Eram dez horas da noite quando Dumas chegou.

— O senhor deve estar bem cansado de tantos esforços, pai. Deixe que o leve para casa.

— Não — gritou Dumas Pai. — Antes de dormir quero ver Gautier. — E arrastou o filho consigo para a casa do seu velho companheiro.

Quando chegaram, a casa estava fechada. Dumas fez um barulhão e acordou Gautier.

— Quem está aí?

— Dumas pai e Dumas filho.

— Mas estamos todos deitados.

— O que? Deitados tão cedo? Vamos, seus preguiçosos, levantem-se todos!

Eram quatro da madrugada quando o pai e o filho voltaram da casa de Gautier.

— Agora, Alexandre — disse Dumas Pai. — Quero que você me arranje uma luz.

— Para que?

— Tenho trabalho a fazer.

O filho deixou o pai sentado à mesa de trabalho e foi dormir. Acordou dia alto.

Sobre a mesa estavam três artigos prontos, para três revistas. Dumas Pai estava-se barbeando e cantando diante de um espelho.

— Como se sente, pai?

— Fresco como uma margarida. — E acrescentou, piscando os olhos. — Como você sabe, nós moços não nos cansamos com tanta facilidade como os velhos como vocês.

VII

Finalmente, o jovem de sessenta e oito anos abandonou a pena e deitou-se para descansar. Não que estivesse cansado de suas antigas aventuras mas porque estava ansioso por experimentar algo novo. Tinha acabado recentemente seu último caso de amor (com um atriz americana, Ada Menken), uma tempestade curta, violenta e apaixonada que terminou em tragédia quando a atriz morreu de uma queda de cavalo. Dumas foi para a casa do filho.

— Meu filho, vim morrer perto de ti.

Depois disso, fez-se taciturno e quando seus amigos sacudiam a cabeça com tristeza e comentavam que Dumas começara a decair, seu filho redarguia:

— Um cérebro como o de meu pai nunca entra em declínio. Se ele se recusa a falar conosco na linguagem de hoje é porque está começando a compreender a linguagem da eternidade.

OBRAS IMPORTANTES DE DUMAS: — Cristina (drama), Henrique III (drama), Antony (drama). Os três mosqueteiros, O conde de Monte Cristo, Vinte anos depois, A rainha Margot, Chicot o bufão, Os quarenta e cinco, O terror prussiano, A tulipa negra.

ACONTECEU NO GARIMPO

(Continuação da página 46)

resolução tomada por Amauri de lhes tirar tudo, obrigando-os a se irem embora para São Paulo.

Dentro dele, como uma ponta de faca, arranhando-lhe o coração, começou a nascer um ódio louco pelo capangueiro. Que diabo de homem duro, sem sentimentos, ter coragem de fazer dona Cotinha chorar, não atendendo às súplicas que lhe fizera seu Fausto para que esperasse mais uns dias, até chegar o dinheiro que pedira aos seus parentes e que por certo viria logo...

Parou na descida do atalho. Olhou para a imensa paisagem que dali se descortinava. Em cima o céu carregado parecia um enorme cobertor cinzento a querer abafar toda a mata dos criolos. Como era grande e misterioso o seu sertão!

Também a sua vida estava assim escura e carregada. Porfirio estava triste. Desde a primeira vez que a vira, quando fora trabalhar para seu Fausto no cerco do ribeirão do meio, tão branca, tão bonita, passara a amar aquela mulher, com um sentimento que ele mesmo não sabia definir. Seria desejo de possuí-la ou vontade de adorá-la como se ela fosse uma imagem de altar? Não podia explicar. Todos os domingos, ou mesmo em dias de semana, por qualquer motivo, ia ao garimpo dos paulistas, lá ficando horas inteiras olhando para aquele corpo, para depois, quando de volta à tapera, possuí-la em suas compridas noites de insônia, revirando-se em sua cama de varas.

Acendeu seu grosso cigarro de palha, levou a garrafa de cachaça aos lábios e continuou andando. O ruído de alguém que atravessava o rio pelo vau da cachoeira fê-lo voltar a si. Apurou os sentidos. Não havia dúvida, uma pessoa a cavalo começava a subir a serra do Palmital.

De cima de uma pedra, avistou um cavaleiro que vinha se aproximando com cuidado, num zigue-zague louco, fazendo um esforço tremendo para não rolar despenhadeiro abaixo. Firmou bem a vista, tornou a olhar... seu coração deu um pulso. Era o capangueiro Amauri, todo envolto em um pala gaúcho, montado numa besta escura que vinha vindo em direção ao garimpo dos paulistas. Iria por certo cobrar seu Fausto.

Cumprindo o prometido, tomar-lhe-ia os animais, toda a "traia" de garimpo, a carabina, os porcos e os móveis, em pagamento de seus cinco contos, deixando os paulistas na miséria.

Não teve tempo para imaginar muita coisa. Bebeu mais um gole de cachaça, escondeu-se atrás da pedra onde estivera trepado e esperou. Descansou o cano da garrucha numa frincha, dormiu na pontaria, bebeu mais cachaça e fez o nome do padre.

Amauri não soltou um só grito, caindo da mula que, assustada com o tiro, disparou pelo meio da mata, ficando estendido de bruços, no meio das pedras, sem se mexer. Porfirio, aproximando-se do corpo, com a ponta de seu canivete cortou a bolsa de couro da guaiaca que lhe envolvia a cintura, dela retirando um punhado de papéis, algum dinheiro e um pucua com diamantes. Embrulhou tudo em seu lenço, amarrou bem o dinheiro, colocou uma pedra no meio, atirando tudo na correnteza do rio. Por certo, entre aqueles papéis estava a tal letra de que lhe falara dona Cotinha, única prova da dívida de seu Fausto.

(Continua na página 52)

PERFUMES

Exótica



Finíssimo e exótico perfume, em rico estojo de Madeira de Lei



Delicados e flagrantos perfumes, Narciso Negro e Narciso Branco, em lindo estojo forrado com finíssimo cetim, ambos constituindo lindos e valiosos presentes. Pelo Reembolso Postal sem qualquer despesa. Pedidos à

PERFUMARIA EXÓTICA

Rua Campos da Paz, 165 — Fone: 48-8137 — Rio — Enviamos catálogos

Oferta pelo Reembolso Postal

EIS a excepcional oportunidade que a ALFAIATARIA "A CIDADE" oferece a V. S.: Calças de Casemira Mescla, em todas as cores, por

Cr\$ 150,00

E também para o calor CALÇAS DE TROPICAL em todas as cores

Tecidos de cores firmes por

Cr\$ 195,00

Pelo Reembolso Postal mais Cr\$ 10,00



Não importa onde V. S. estiver, escolha já a sua calça e remeta a medida da cinta e comprimento e lhe remeteremos contra Reembolso Postal

ALFAIATARIA "A CIDADE" R. 7 DE SETEMBRO, 204 — R. DE JAN.

POMADA MINANCORA

Um verdadeiro tesouro!



**PARA FERIDAS, ECZEMAS,
INFLAMAÇÕES, COCEIRAS,
FRIEIRAS, ESPINHAS, ETC.
NUNCA EXISTIU IGUAL**

QUE OBRAS DE

Machado de Assis **PREFERE?**

Você pode adquirir avulsamente os volumes que desejar.

A fim de permitir maior divulgação das obras do nosso escritor máximo, oferecemos ao público volumes avulsos de Machado de Assis, em brochura, na famosa edição Jackson. Eis a relação dos volumes:



RESSURREIÇÃO • A MÃO E A LUVA • HELENA • YAYÁ GARCIA • MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRAZ CUBAS • QUINCAS BORBA • DOM CASMURRO • ESAU E JACOB • MEMORIAL DE AIRES • CONTOS FLUMINENSES (2 volumes) • HISTÓRIAS DA MEIA NOITE • CRÍTICA LITERÁRIA • HISTÓRIAS ROMÂNTICAS • PAPEIS AVULSOS • HISTÓRIAS SEM DATA • VÁRIAS HISTÓRIAS • PÁGINAS RECOLHIDAS • RELÍQUIAS DA CASA VELHA (2 volumes) • CRÔNICAS (4 volumes) • A SEMANA (3 volumes) • POESIAS • TEATRO • CRÍTICA TEATRAL • CORRESPONDÊNCIA

PREÇO DE CADA VOLUME EM BROCHURA — CR\$ 25,00

EDITORA MÉRITO S. A.

Rua Miguel Couto, 35 - 6.º andar
Caixa Postal 4857 - Rio de Janeiro

Rua 7 de Abril, 34 - 4.º andar
Caixa Postal 2990 - São Paulo

PREENCHA E REMETA-NOS O COUPON ABAIXO

Queiram enviar-me pelo Serviço de Reembolso Postal os seguintes livros:

(FAVOR ESCREVER EM MAIÚSCULAS)

Nome _____

Endereço _____

Cidade _____

Estado _____

Assinatura _____

Dep. A-1 34



A saúde do BEBÊ

Dr. SABÓIA RIBEIRO

NO alimento da criança não devem faltar as vitaminas, de capital importância para o seu normal desenvolvimento e para que possa estar convenientemente protegida em face da infecção. As doenças comuns na primeira infância, como o sarampo e a coqueluche em particular, se ocorrem em crianças que possuem um organismo bem provido delas, têm um curso habitualmente com inteira benignidade e, por outro lado, verifica-se uma grande tendência aos resfriados e às rinofaringites das que padecem de uma insuficiência de vitaminas por causa de uma alimentação carente delas.

De fato, as vitaminas agem favorecendo o bom estado da nutrição e funcionamento normal dos órgãos, exercendo, ao mesmo tempo, um papel eminentemente defensivo do organismo quando das moléstias infecciosas, que por isso revestem uma forma benigna em sua presença.

Na criança, essa presença deve ser-lhe assegurada ainda antes de nascer, devendo a mulher, na fase da gestação, observar um regime alimentar rico de vitaminas, com frutas, legumes, vísceras, etc., que nunca devem faltar-lhe na alimentação.

Nessas condições, a criança já ao nascer traz uma suficiente reserva de vitaminas, tão necessária ao seu ulterior desenvolvimento e condições de resistência orgânica.

O desenvolvimento precário que, às vezes, a criança apresenta, como também a anemia e certas manifestações catarrais, têm como causa, frequentemente, apenas uma deficiência congênita de vitaminas, que urge remediar o mais depressa possível. Aliás, há manifestações muito mais graves que podem ocorrer no próprio momento da natalidade, como certas hemorragias internas ou aparentes que a criança apresenta, já ao nascer, responsáveis pelas paralisias que com elas se instalam então ou depois.

As vitaminas são nomeadas por meio de letras, e na criança interessam especialmente as vitaminas A, B, C e D.

Antigamente só se atribuía à falta de vitaminas doenças muito típicas, como o catarro, a escorbuto e o raquitismo.

As manifestações da avitaminose B quase não eram, então, referidas na criança, pois acreditava-se que o béri-béri era a única manifestação por ela causada, o qual não era encontrado na criança.

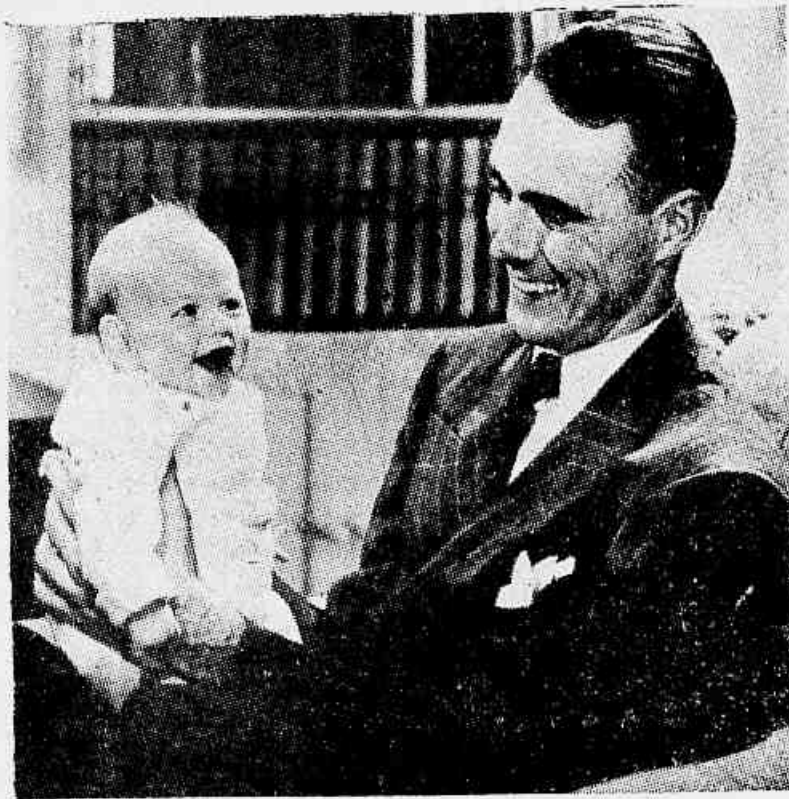
Hoje, sabe-se que as avitaminoses não se apresentam sempre com essas características, mas suas manifestações são complexas e muitas vezes umas se fundem com as outras, e novos sintomas são hoje atribuídos a elas, o que é comprovado pelo tratamento.

O leite possui as vitaminas necessárias nos primeiros meses. Já, porém, por volta do 6.º mês é sempre necessário garantir o seu abastecimento por meio de outros alimentos (frutas, legumes, féculas, cereais, seja como suco, sopas, mingaus, etc.).

A gema de ovo, a manteiga, são ótimos veículos de vitaminas e também devem entrar na alimentação da criança a seu tempo.

Em muitos casos a avitaminose já revela uma intensidade maior, e torna-se necessário lançar mão de preparados que permitam um efeito mais rápido.

Também no decurso das infecções é de regra o tratamento pela vitamina C, pois ela é particularmente consumida pelo organismo, então, como agente anti-infeccioso por excelência.



No manejo das vitaminas é preciso estar ao corrente de certas particularidades.

A fervura, a exposição gradual ao ar e à luz, as estações, contribuem sobremaneira para destruir ou diminuir o seu teor nos alimentos, que são suas fontes naturais. Não é por outro motivo que algumas vezes falha a alimentação rica de vitaminas, mas rica aparentemente.

A vitamina C, por exemplo, é destruída com a fervura do leite. Durante o inverno diminui a quantidade da vitamina A das verduras (também o leite se torna mais pobre dessa vitamina, porque, diminuindo nas pastagens do gado, isso se reflete no leite do animal).

Muito tempo exposta ao ar e à luz, a vitamina B é grandemente reduzida (as féculas e os cereais, abundantes dessa vitamina, devem ser por isso consumidos, de preferência novos).

É preciso também observar que, sendo as vitaminas B e C solúveis na água, representa um evidente erro desprezar a água de cocção dos legumes, verduras, féculas, rica das mesmas em solução, quando se preparam caldos e sopas com tais substâncias.

A vitamina C, por sua vez, é destruída em meio alcalino e oxida-se com extrema facilidade. Por este motivo, os legumes abundantes dela, como a cenoura e outros, devem ser preparados em recipiente fechado, a coberto do ar, jamais se permitindo a prática errônea de se adicionar bicarbonato de sódio a fim de conservar a cor natural dos mesmos.

Como dar as vitaminas à criança?

No lactente, dois casos há a distinguir. — Sendo o leite materno o alimento da criança, o perigo de avitaminose não existe, uma vez que a criança nasceu com reservas e a mulher não padece de falta de vitaminas na alimentação. — Sendo o leite animal o alimento, aqui é indicado dar logo uma quota de vitaminas diariamente, como suco de limão, laranja, uva, tomate (vitamina C). Mais tarde, pelo 6.º mês, virão as frutas, a gema de ovo, a manteiga, integrando a alimentação da criança.

Hoje, se atribui um grande valor às féculas, na prevenção da avitaminose B, e nesse particular a batata, o inhame e o alipim são particularmente indicados. Outras frutas: banana, mamão, abacate, peras, maçãs.

Entrado o 2.º ano, as saladas — de alface, tomate, espinafre, chuchu, etc. — e as puréas já serão preparadas com sabor variado (molho, manteiga, etc.).

Na Grande Guerra de 14, a falta de manteiga na alimentação infantil trouxe uma afecção muito séria ocular, onde se deparava um profundo ressecamento da conjuntiva e na própria estrutura da córnea. Era uma avitaminose A.

Vícios de conformação óssea, abscessos do couro cabeludo, o catarro crônico, devem levar sempre à suspeita de uma avitaminose A casada à avitaminose D.

Os danos da falta de vitamina B — a mais complexa delas — na criança de tenra idade, não constituem uma entidade muito característica. Será isso talvez devido a ser ela, de todas as vitaminas, a mais difundida entre os alimentos, admitindo mesmo alguns cientistas a sua síntese pelo próprio organismo, e além disso por ser bastante resistente à ação da secagem, da conserva e da própria cocção dos alimentos.

Mas é muito comum sua manifestação quando o alimento é só ou muito lento, prolongado demasiadamente na alimentação da criança.

Deve-se atribuir uma falta de vitamina B sempre que a criança padece de anorexia, prisão de ventre, vômitos habituais, etc. O aparelho digestivo, o sistema nervoso e o aparelho endócrino (glândulas), todos precisam dessa vitamina. É muito conhecida dos pediatras sua ação sobre o apetite da criança como também melhorando o aproveitamento das substâncias alimentares; sua indicação tem também lugar sempre que o peso está parado e a criança anêmica (o que pode ser também devido à avitaminose C).

A deficiência da vitamina C, na criança, se mostra pela perda do humor natural, anemia, choro fácil e peso escasso. Às vezes coexiste uma tumefação ao nível do joelho ou há dor à pressão; processos de gengivite às vezes acompanham tais manifestações, nas formas mais adiantadas com alguma hemorragia.

São muito conhecidas as deformidades causadas no aparelho ósseo pelo raquitismo, e pelas quais responde a vitamina D.

O recurso ao óleo de fígado de bacalhau e aos banhos de sol se torna imperioso, pois é moléstia da falta de ar e de luz, estímulos naturais à formação de vitamina D no organismo.

Em suma, quer no estado de saúde quer no de doença, quase não é possível assistir à criança sem o recurso às vitaminas, sem as quais não existe saúde perfeita nem boas resistências em face das infecções.

(Especial para a "REVISTA DA SEMANA")

Quando se falou em batuta de ouro, a respeito do regente francês Charles Münch, dava-se merecido título à arte do maestro que a Orquestra Sinfônica de Boston contratou. Mas não faltou quem visse na expressão alusões à fortuna de Charles Münch, que, além dos magníficos dotes musicais, recebeu, ainda, outro dote, ao casar-se com rica herdeira... Não foi à toa que fãs entusiasmadas o cognominaram "le beau Charles"... Münch, como Sir Thomas Beecham, figura, assim, entre os regentes que, conquanto não rejeitem os generosos "cachets", poderiam passar sem eles, pois o pão de cada dia não depende, absolutamente, da qualidade ou da quantidade dos concertos em que figuram e, por isso mesmo, podem escolher, cuidadosamente, os programas e as orquestras com que se apresentam ao público.

Esse tipo de maestro independente faz falta no Brasil. Nós, que dispomos de tão curtas e escassas verbas para amparar e manter as nossas precárias organizações musicais, ganharíamos com descobrir no sr. Guinle ou no sr. Matarazzo insuspeitadas qualidades artísticas, pois dessa forma teríamos músicos que poderiam dedicar-se à arte sem temer o fim do mês e as inevitáveis contas a pagar.

Erich Kleiber disse, certa vez, que o problema do músico brasileiro é precisamente este: ele não pode aperfeiçoar a sua técnica, desenvolver a sua cultura, dar ao instrumento que toca o tempo necessário.

— "Quando vejo bons músicos no Brasil, profissionais competentes, como tenho encontrado, tiro o chapéu para saudar um milagre", afirmou Kleiber.

CAPRICHOS, APLAUSOS E UMA VIAGEM

A imprensa americana saudou, com entusiasmo e simpatia, a Orquestra Nacional de Paris, que visitou recentemente os Estados Unidos, aparecendo em várias cidades americanas sob a regência de Charles Münch.

Os críticos "yankees" apreciaram a precisão dos metais, que não são o forte dos conjuntos americanos, admiraram a flexibilidade, a sonoridade da orquestra, a riqueza de matizes, a disciplina das cordas, impecáveis, sem aquela "demagogia musical" que Mário de Andrade observou.

O povo aplaudiu o maestro e os músicos. Exigia depois dos concertos, em repetidas manifestações de entusiasmo, a presença do regente. Acolhia com "bravos" calorosos, no fim de cada parte do programa, o desempenho dos artistas.

— “Nossos músicos não sacrificam seu temperamento” — explicou o diretor Barraud, assinalando um dos traços principais da orquestra. “Não quero dizer que a orquestra seja desarticulada, mas há diferenças de técnica”. E todos foram unânimes em reconhecer que se por isso mesmo, a orquestra apresentada não tem aquela precisão matemática e mecânica, por outro lado revela uma agilidade extraordinária.

CA E 148

A Orquestra Sinfônica Brasileira anda confiada à batuta competente de Eleazar de Carvalho. O maestro cearense tem apresentado aquele conjunto em diversos concertos, seja para o quadro social, seja em várias ocasiões para outro público.

Já dissemos da qualidade, da segurança e do brilho de Eleazar de Carvalho em outras crônicas. O que pretendemos assinalar aqui é que, por mais que nos agrade um programa, se ele é insistentemente repetido termina por aborrecer o público. Em cerimônia organizada para comemoração de uma data da O.N.U., ouvimos quase o mesmo programa de um concerto para o quadro social da O.S.B. No Clube Ginástico Português e no Botafogo F. C. surgiu, quase sem alteração, o mesmo programa.

O repertório já está cansando um pouco... Será tão difícil preparar alguma coisa nova? Por que o maestro Eleazar não nos apresenta alguma coisa de Vila-Lobos? Por exemplo, por que não repete aqui alguns de seus sucessos nos Estados Unidos com obras desse compositor brasileiro? E Camargo Guarnieri? Por que não nos dá o maestro Eleazar de Carvalho alguma obra de Guarnieri? Está de volta ao Brasil o compositor Cláudio Santoro, ouvido e aplaudido na França, na Suíça, na Inglaterra e em vários outros países da Europa. Por que o maestro Eleazar de Carvalho não lhe pede alguma produção mais recente para a O.S.B.?

E' justamente porque admiramos o regente patricio que gostaríamos de ouvi-lo com programas mais variados, empregando o seu inegável talento na divulgação da música brasileira, não somente no estrangeiro, como ele já fez, com nossos aplausos, mas aqui também. Ouve-se tão raramente os nossos compositores



Líquido, sólido e em bastões para barba

AMIGO FIEL DE
NOSSOS LARES

O "Sabão Russo" não fala, mas a tradição fala por ele. Há 118 anos é o amigo fiel de nossos lares. Seu perfume é agradável, discreto e persistente. Seu uso amacia, rejuvenesce e embeleza a cutis. Faz desaparecerem espinhas, panos, rugas, sardas, erupções, comichões, manchas, dartos, eczemas, frieiras, assaduras, suores, etc. E' cicatrizante e anti-parasitário. Incomparável no asseio da cabeça, fortifica o cabelo, torna-o vivo, abundante e saudável, restabelecendo a cor natural. A eficácia do "Sabão Russo" é uma verdade que se proclama em todo o Brasil há 118 anos!

A "SUL-AMÉRICA CAPITALIZAÇÃO S/A"

**oferece condições as mais
vantajosas nos seus novos
títulos de economia**

Para a aquisição de títulos, ou informações
sem compromisso, queira recortar este anún-
cio, e enviá-lo, com o seu nome e endereço,
à rua da Alfandega, 41, Caixa Postal 400,
Rio de Janeiro

Metrolina

antisséptico
adstringente
bactericida

O produto preferido pelas
senhoras modernas para a
sua HIGIENE INTIMA.

PIEDADE HOMICIDA

(Continuação da página 31)

Preocupado com a situação, procurou saber onde se poderia encontrar uma drogaria. Só dali a vinte milhas. Com certeza Cathy iria precisar de doses de Demarine, e o juiz lamentava a perda do vidro do sedativo. Cathy ficou com a senhora do encarregado daquele posto. Se ele a visse naquele momento aumentaria sua aflição. Mrs. Russel, que os hospedara em vista de o conserto do carro exigir muito mais tempo, estava nervosa e perguntou à esposa do juiz o que podia fazer em seu benefício.

Um pouco d'água, se faz favor, e, por obséquio, me consiga uma ligação de longa distância, número 322 Ridgeville.

Logo que foi feita a ligação, ela falou para casa. A filha atendeu e ela a acalmou sobre o que estava acontecendo. Seu pai também estava ali e com saúde. O juiz veio depois ao fone e conversou com Ellie. Mas a moça estava preocupada e indaga do pai o que, na verdade, se passava. Ele ia dar-lhe maiores explicações quando vê que a esposa está a cair em nova crise. Mal tem então tempo de dizer à filha que, possivelmente, não poderiam voltar a casa naquela noite.

Mrs. Russell a ampara e procura evitar que o café quente que ela tomava lhe queime as mãos ou o braço. O juiz também acorre pressurosamente.

Era uma daquelas recaídas. Mas, desta vez, com sintomas ainda mais alarmantes. Já se manifestavam sinais de insensibilidade no corpo de Cathy. A hospedeira, reconhecendo que algo de muito grave estava sucedendo quanto ao estado de saúde da mulher do juiz, insistiu com eles para que ficassem aquela noite ali, até que Cathy descansasse um pouco e pudesse prosseguir a viagem no dia seguinte. Mas a esposa do juiz não aceitou a sugestão e protestou:

— Não! Muito obrigada. Quera chegar à nossa casa sem demora.

Calvin, apesar de ter muita pena dela e desejar intimamente que a esposa descansasse, não pôde deixar de atendê-la. Logo que o mecânico deu por terminado o reparo, eles partiram debaixo de chuva.

Cathy, encostando a cabeça ao ombro do esposo, dentro de pouco parecia adormecida. O juiz a olhava com ternura, vendo-lhe o rosto serenamente em paz, naquele sono reparador e quase providencial. Sua vontade de chegar era muito grande e, apesar do mau tempo, procurava desenvolver velocidade. Numa curva o carro derrapou e foi de encontro a uma vala à margem da estrada. O choque foi violento e o auto, desgovernado, capotou espetacularmente na ribanceira. Seguiu-se o mais completo silêncio, ouvindo-se apenas o tamborilar das pesadas gotas de chuva sobre a ferragem do auto quebrando o silêncio daquela noite tenebrosa.

Duas semanas mais tarde o juiz deixa sua casa para sair à rua pela primeira vez depois do acidente. Sua perna em talas ainda doía muito e ele andava apoiado numa bengala. Na rua ia como que abstrato, mal correspondendo os cumprimentos que amigos e conhecidos lhe dirigiam amavelmente. Logo que chegou ao tribunal foi diretamente ao gabinete do promotor Dayton.

Ao vê-lo, o promotor o saudou com efusão:

— Juiz Calvin! Muito prazer em vê-lo de volta! Tome uma cadeira.

Calvin, deixando lado outras considerações, foi diretamente ao assunto que o levava àquele tribunal e falou pausadamente, com voz clara, ao representante da justiça pública:

— Dayton, eu desejo iniciar uma ação criminal contra um sr. Calvin Cooke, como causador de um assassinio, o assassinio de sua esposa Catherine. Preciso fazer uma confissão completa.

— O que está dizendo, juiz Calvin?... — exclamou alarmado o promotor. — O senhor deve estar doente!... Não sabe o que está dizendo!

— Se o senhor não quiser promover o processo, eu recorrerrei ao procurador do Estado.

Diante disso, não havia outra alternativa. Então foi o juiz detido de acordo com a lei. Ellie veio vê-lo com o coração despedaçado por saber agora que a morte de sua mãe não fora mero acidente, e sim provocada, deliberadamente, pelo próprio esposo e seu pai. Mas devia haver naquela tragédia uma causa íntima e profundamente piedosa. Era seu pai um marido exemplar e decidido a Cathy. Então no espírito da filha começou a crescer o maior desejo de lutar pela libertação do pai que estava sacrificando seus últimos dias de vida por uma causa que procurava ocultar. Veio vê-lo na prisão. Calvin ergueu-se e lhe passou os braços em volta, falando, com amargura:

— Ellie, Ellie, não sei como principie. Mas o dr. Morrison me declarou que nada mais se poderia fazer a respeito de Cathy...

A moça estava compungida. O pai se sacrificava inutilmente. Se confessasse a verdade seria livre e poderia

voltar para casa. Mas ele estava decidido a não aceitar nenhuma defesa, fosse de Douglas ou de outro qualquer advogado. Ela insistia, até que ele tornou:

— Ellie, minha filha, queira compreender. Eu não me reço defesa. Sou culpado pela morte de Cathy. Cometi um crime. Eu...

— Não, papai! Você não cometeu crime nenhum. Isso poderia acontecer a qualquer pessoa.

No dia da audiência, apesar de o acusado confesso prescindir de defesa, o juiz Ogden que presidia o tribunal nomeou advogados para o réu, mostrando-se Ellie muito contente e esperançosa com o fato.

O juiz leu a confissão do crime escrita pelo próprio acusado. Era uma peça incontestável. Premeditara a morte de sua esposa, não restava a menor dúvida. Houve sensação entre o povo que enchia o tribunal. Mas o advogado David Douglas rebateu todas as razões da confissão do juiz e mostrou que se houvesse crime teria sido sob a qualidade de piedade homicida. Ali estava o médico que prescrevera a receita para Cathy, e que poderia dizer se aprovava um ato culminante como esse de eliminar-se a vida de uma pessoa a quem se ama, para evitar que continuem inutilmente os seus padecimentos. Mas o médico, desenvolvendo argumentos um tanto sofisticados não deu uma resposta muito clara à pergunta do advogado. Pessoalmente, o dr. Morrison não aprovaria um recurso desse; mas... e sempre deixava algo em suspenso. Foi quando Ellie teve uma idéia genial. Aproximou-se do noivo e lhe transmitiu. Então o advogado fez esta pergunta ao médico:

— Dr. Morrison, segundo sua convicção, a esposa do juiz Calvin poderia morrer a qualquer momento. Não acha o senhor que ela já podia estar morta antes de ocorrer o desastre?

O médico responde que somente uma autópsia poderia provar ou desmentir a hipótese.

O advogado requereu ao juiz que se suspendesse a sessão até que o exame médico-legal no corpo fosse juntado como elemento de defesa do acusado. Foi concedido.

Durante dois dias reinou em todos os espíritos a maior tensão nervosa. O dr. Morrison, em visita ao preso, ouviu dele a seguinte confissão:

— Quando eu ia correndo no auto naquela noite de chuva e olhei para o rosto sereno de minha esposa, esta idéia me veio à mente: ambos iremos descansar, e eu nunca mais sofrerá tanto. Acelerei a marcha e, na curva, fui diretamente para a morte. Eu premeditei e procurei acabar com a vida de ambos. A minha e a dela. Parecia dormir com a cabeça pousada em meu ombro. Mas salu ao contrário. Eu sobrevivi, infelizmente, enquanto ela foi descansar para sempre...

Ao reunir-se o tribunal, o advogado da defesa, David Douglas, perguntou ao dr. Boyd, o técnico que havia feito o exame cadavérico no corpo da morta:

— Dr. Boyd, pode dizer-nos, por favor, qual a causa da morte de Catherine Cooke?

— Matou-a uma dose exagerada de Demarine. Quando sucedeu o acidente já ela estava morta.

A sensação que invadiu o tribunal foi tremenda, ficando o juiz presidente impossibilitado de restabelecer a ordem. Depois vieram depor algumas testemunhas, com o que ficou provado estar o juiz inocente, embora executasse o seu plano de aniquilamento para ele e própria esposa naquele paroxismo de agonia e aflição. Por unanimidade foi ele absolvido, e seguiram para o lar os três — o juiz, a filha e o noivo, entre aclamações do povo.

Provara-se que Cathy, às escondidas, lá no hotel, mandara comprar Demarine, tomando tabletes em excesso, o que provocara intoxicação seguida de um colapso. Aquela placidez ao ombro do esposo não era sono. Estava morta.

ACONTECEU NO GARIMPO

(Continuação da página 49)

O estrondo do tiro fez eco na Serra Grande perdendo-se na mata, misturando-se com o ruído das águas do Jequitinhonha. Ninguém haveria de dar importância ao estampido da garrucha de Porfírio, pois era tão comum descarregar-se arma de fogo nas lavras... Um tiro a mais, dois a menos, nada significavam para aquele povo.

Porfírio continuou seu caminho satisfeito e feliz. Tirara um peso de dentro de seu peito e no seu rude modo de pensar achou que Deus fizera justiça por suas mãos.

Entrou no rancho, esvaziou a garrafa de cachaça, tropeçou num banco e caiu. Não teve mais forças para se levantar e ir até o girau. Sua cabeça pesava, seus membros estavam paralisados, seu corpo cansado parecia ter sobre si um grande peso. Sentiu tudo rodar e perdeu a noção das coisas.

Naquela noite quente de outono, a chuva continuou mais forte, embalando o sono agitado de Cotinha, lavando o sangue que escorria da ferida aberta no peito do capangueiro Amauri, borrifando de lama o rosto sujo e suado do negro Porfírio que, completamente embriagado, dormia estendido no chão da tapera.

Lá em baixo o Jequitinhonha, enroscando-se por entre as pedras, bramava como uma fera enjaulada, atirando para o ar flocos de espuma preta, naquela noite de tempestade, sem lua.

No dia seguinte, Juquinha espalhou a notícia. O corpo do capangueiro Amauri fora encontrado caído na Serra do Palmital, já frio. Sua guaiaca rasgada atestara o motivo do crime, e a garrucha de Porfírio encontrada perto do morto identificara o assassino. Matara para roubar, diziam todos.

Naquela mesma noite, o rio se incumbira de reparar o crime do negro velho, carregando-o, com tapera e tudo, para o fundo de suas águas, fazendo-o sumir num redemoinho mais forte, assim como acontece àqueles montões de folhas secas e sujeira que aparecem boiando por ocasião das cheias.

DRAGO



DRAGO

Nº 12

Por
Hosart

Papai previu que
não desse o idolo
a ninguém e eu o
traí!

Enquanto se prepara pa-
ra a festa de Dom Ro-
drigo Darby pensa em
Drago. Ele é filho de
um inigo de seu pai,
e ela confiou-lhe o
idolo!



NESTE MOMENTO,
DARBY ENTRA NO
SALÃO DE FESTAS
DE DEL OMBÚ!



O
gas a
na ba
lafrio
Daí p



O instrutor Mr. Garth Lawson dá aos rapazes alemães e franceses lições de cerâmica num modelador mecânico de um clube inglês

AS VOLTAS QUE O MUNDO DÁ

(FOTOS DE KEYSTONE)

Os maiores legizam; as novas gerações decidem. Depois da guerra de 1870, quando as forças alemãs derrotaram os franceses na batalha de Sedan, correu um calafrio pela coluna dorsal da Europa. Daí por diante a própria Inglaterra,

defendida pelo mar da Mancha e pelos rochedos de Dover, estaria ameaçada pelo seu rival prussiano.



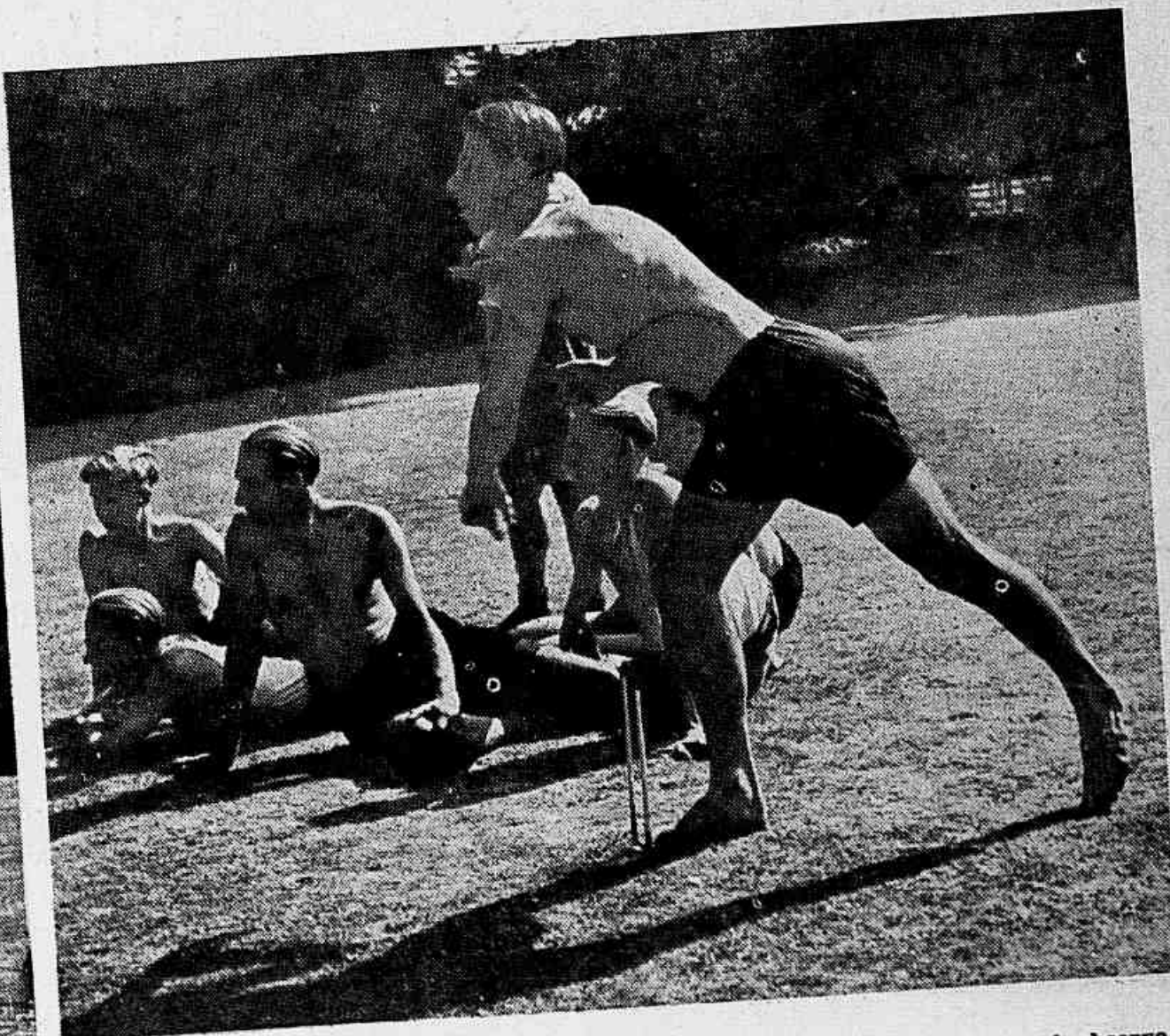
A Alsácia e a Lorena passaram a fazer parte da comunhão germânica. As fábricas de armamentos tinham

sempre seus instintos voltados para os conceitos de estadistas como Bluntschili, Bismarck e Betmann Holweg. O mundo seria dominado pelos mais fortes, e, para isso, era preciso que os povos se armassem.

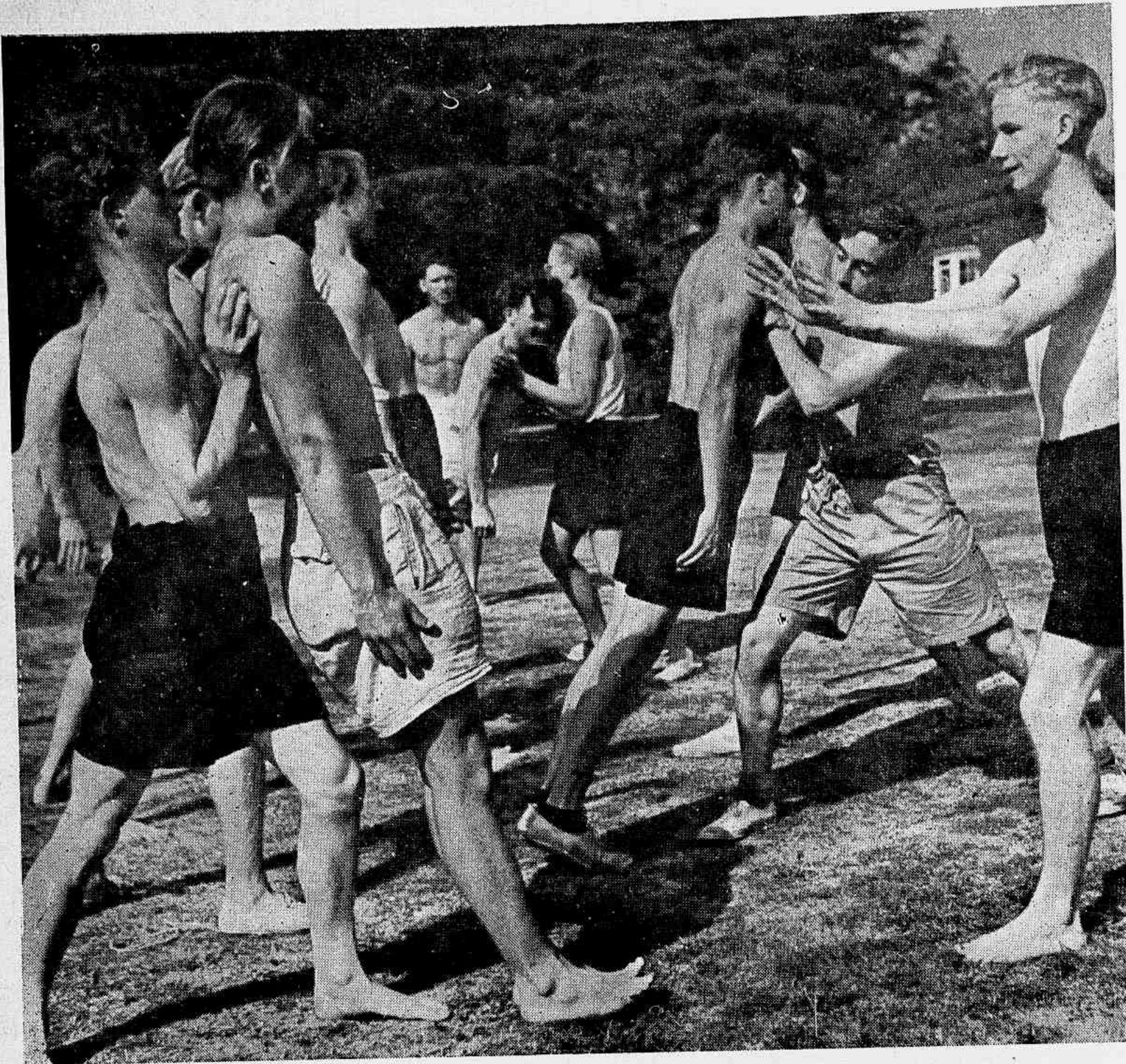
Krupp passou a empolgar a alma



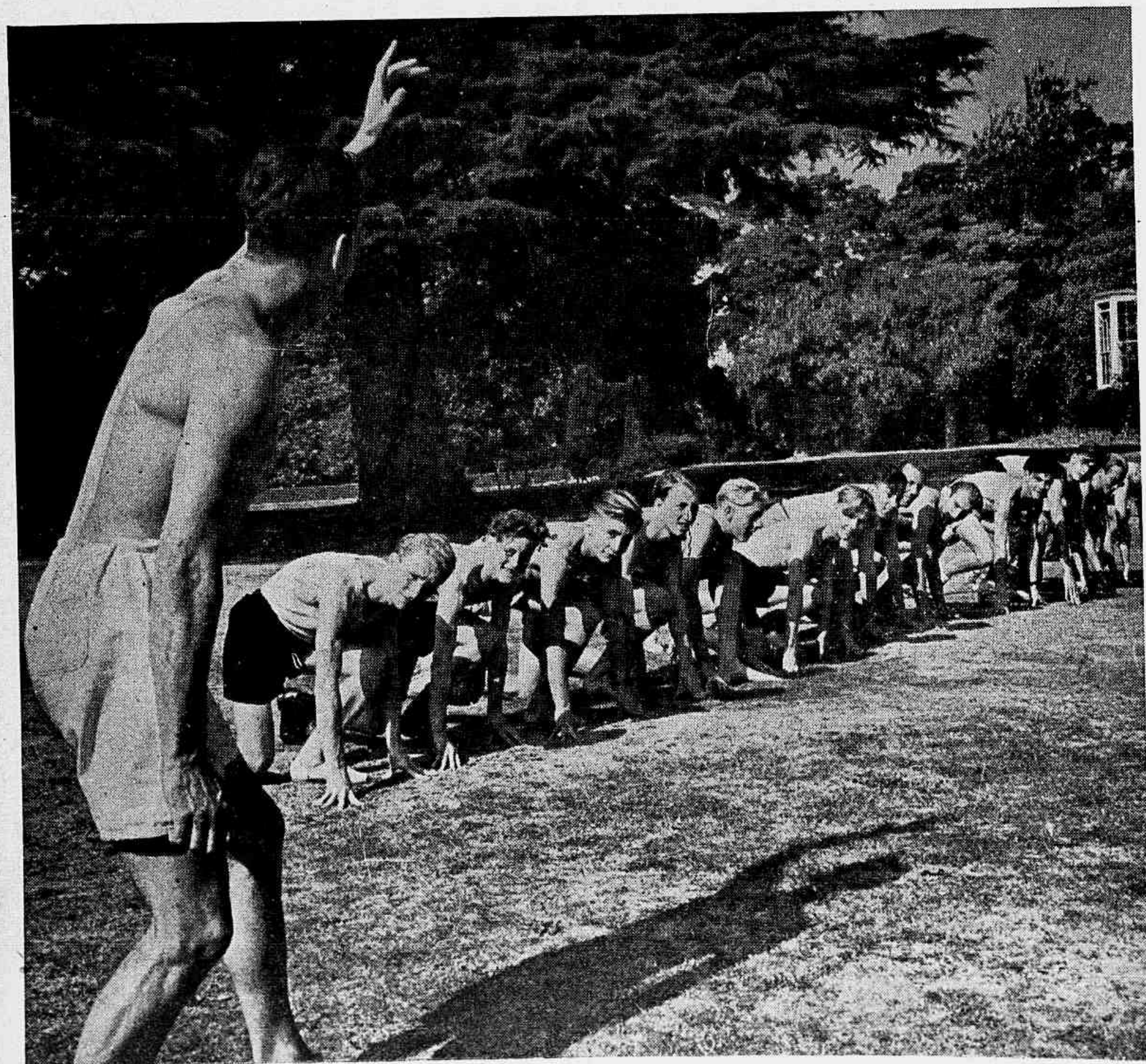
Rapazes da Alemanha, Holanda, França e da própria Inglaterra, após exercícios físicos e jogos esportivos, confraternizam-se



O jovem holandês Rudi Geusinge, de Amsterdam, ao arremessar um peso é observado por outros companheiros alemães e ingleses



Moços de Dusseldorf e de outras localidades da Alemanha Ocidental numa manhã de sol executam exercícios no campo de esportes



Alemães, franceses, holandeses e Ingêles numa prova de corrida no instante da ordem de partida pelo instrutor, cap. A. W. Cole

Na página à direita: O jovem alemão Gunter Triesch, que veio de Colônia na caravana de seus conterrâneos, faz exercícios físicos com um Inglês



dos moços. Nas festas de Natal, as crianças recebiam com muito mais alegria o presente de um canhãozinho de mola do que um livro de histórias de Grimm.

O mundo marchou. Veio a conflagração de 1914. Com sua imensa ofensiva em território francês, sem um só soldado inimigo em seu território, a Alemanha baqueou estrondosamente, cobrindo-se de luto todos os seus habitantes. Seguiram-se revoluções, golpes, "putschs", convulsões por todos os lados. Hitler, dominando a nação, ditou o programa de vingança. Toda a mocidade alemã passou a ser educada militarmente. A guerra estalou quando os maiores ordenassem. A juventude alemã aprendeu a marchar esmagando o solo como se estivesse a pisar os corpos vencidos em batalha mental.

E quando a Polônia foi invadida a primeiro de setembro de 1939, um dia depois os seus aliados correram em seu auxílio. A Inglaterra mobilizou esquadras e tropas. A guerra foi devastadora. Na alma de alemães e de ingleses fervia o ódio da exterminação total. Londres, Coventry, foram arrasadas. Incêndios, sangue, desespero. Por sua vez, bombas às centenas destruíam Berlim. Era a réplica de dois tigres enraivecidos. Jornais, revistas, rádios, livros, tribunas, aguçavam ódios. Nunca jamais haveria fraternidade entre esses povos que se esfaçalhavam tão violentamente.

Porém, sobrevindo a paz, outras auroras começaram a surgir. Falhara o vaticínio de ódio eterno entre alemães e ingleses. A misericordiosa educação cristã que coloca acima de todos os direitos e de todas as vidas, a grandeza espiritual de uma crença na felicidade humana, venceu o paganismo.

Com a ocupação da Alemanha pelas potências triunfantes, à Inglaterra coube grande extensão de territórios germânicos, na parte ocidental.

Como era de prever, os seus habitantes, ainda chocados pela derrota, não poderiam receber com boas intenções os soldados das terras britânicas. Mas, por maiores que fossem os seus direitos de ter patriotismo, os ingleses procuraram reeducar os jovens no sentido do bem comum e da fraternidade universal.

O programa era muito amplo e dispendioso. Mas para o espírito inglês nada é impossível. Reuniram-se jovens "leaders" de clubes esportivos e culturais e lançaram as bases dessa grande e memorável obra: trazer a Londres os jovens alemães.

Durante períodos de quinze dias, a juventude britânica proporcionaria hospedagem a rapazes teutos para

alemã
ônla n
az eye
es

atal, as
o mai
ãozinha
histórias
confi-
imensa
és, sem
u terri-
strondo-
todos os
revolu-
ções por
nando a
inganga-
ou a se-
erra es-
ordena-
rendeu a
como se
vencidos

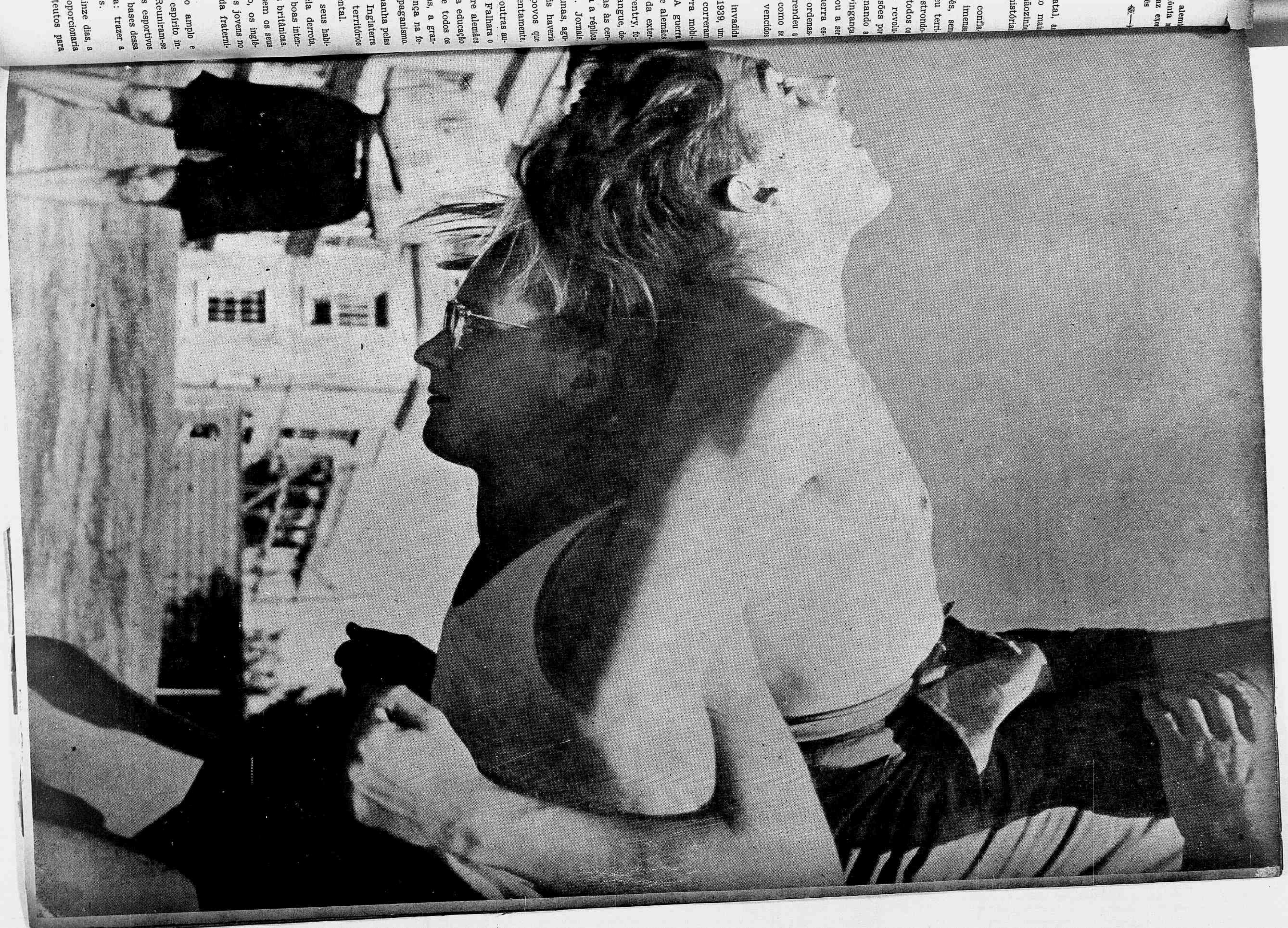
invasão
1939, um
correram
ra mobi-
A guerra
e alemães
da exter-
entry, fo-
angue, de-
as às cen-
a a réplic
Jornal.
mas, agu-
is havia
ovos que
entamente
outras al-

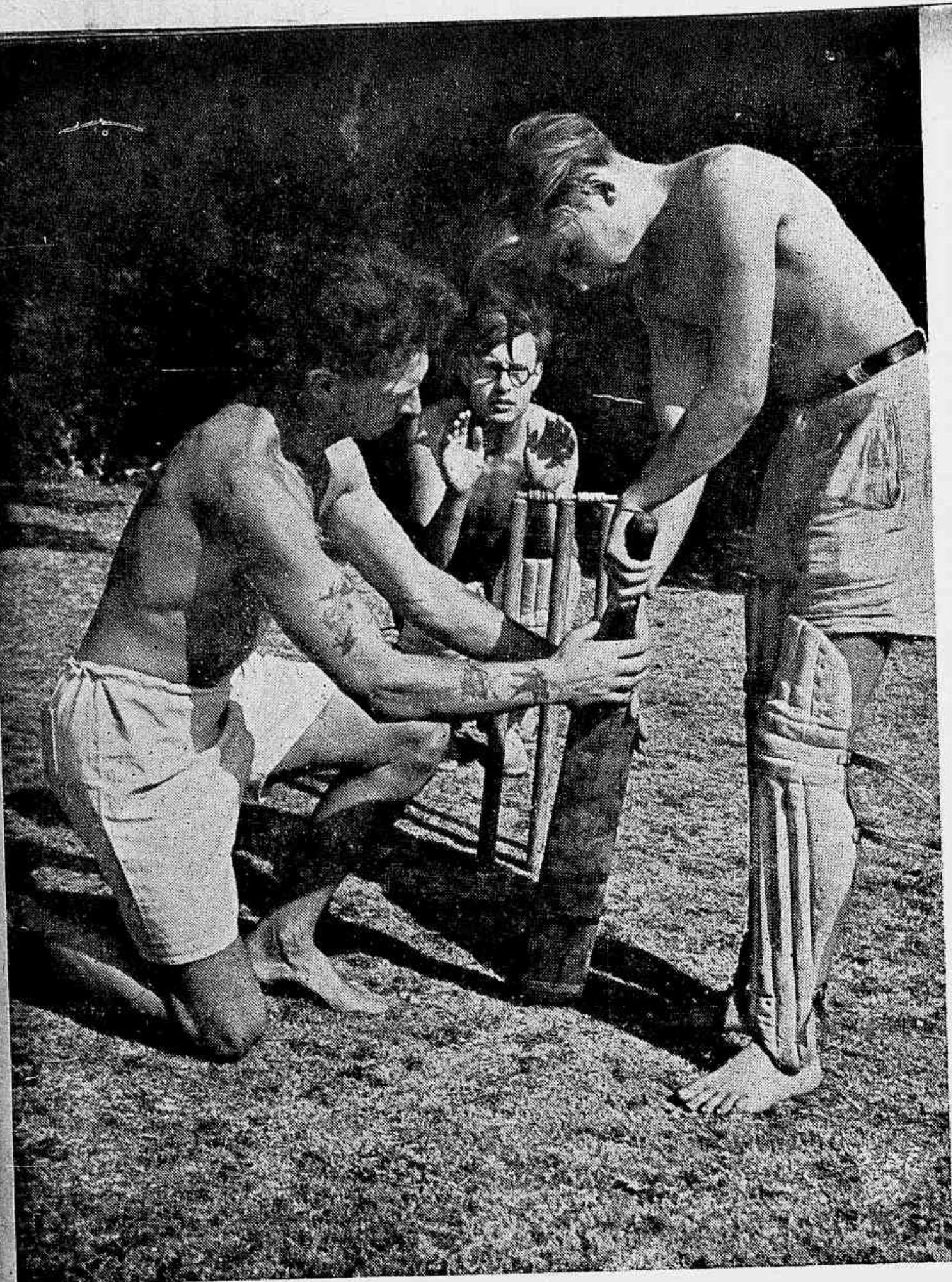
Falhara o
a educação
e todos os
s, a gran-
na fe-
paganism
Inglaterra
amha pelas
territórios
ntal.

seus habi-
ela derrota,
boas inten-
britânicas.
em os seus
o, os ingê-
s jovens no
da fraterni-

o amplo e
espírito in-
Reuniram-se
s esportivos
bases dessa
a: trazer a
s.

inze dias, a
oporcionaria
leitos para





O "cricket" que é um mistério para jovens alemães, constitui passatempo aprazível para londrinos. Jovem alemão numa aula

uma vida em comum sob o patrocínio do "Clube da Amizade", no histórico Woodrow High House, antiga residência da mulher de Cromwell, o que, por si só, representaria irresistível atração para a curiosidade da mocidade alemã.

Quem os hospeda são milhares de jovens londrinos. Para formar os fundos necessários a tão bela prova de amizade, cada moço em seu clube subscrive de meio a um penny em suas diversões, como jogo de bilhar, etc., ou aceita majoração nas refeições dos clubes, de maneira que todas essas contribuições juntas formam grandes somas que dão para custear a vinda de moços alemães à cidade de Londres.

Do programa constam cursos de aperfeiçoamento em artes manuais, como a cerâmica; passeios, programas que apresentam aos inimigos de ontem como vivem os rapazes num clube inglês, esportes, etc. Com estes paralelos entre os clubes germânicos sob o totalitarismo nazista, e os ingleses dentro da mais ampla e construtiva democracia, terão os moços ingleses conseguido instilar na alma dos outrora educados para a morte o ver-

dadeiro caminho da fraternidade humana?

Não são apenas os alemães que são convidados para esse curso em convivência educativa. Também cortam as águas do canal os franceses, holandeses e outros jovens, para o trabalho de comunhão universal.

O mundo evolve rapidamente por novas etapas. A Alemanha de Hitler tornou-se inimiga do Império Britânico. Mas, pela trajetória dos acontecimentos, ingleses e alemães aproximam-se cada dia mais intimamente, e esse estreitamento de relações já não se justifica apenas através dos interesses materiais do comércio. Ele é também de natureza espiritual, pela segurança da própria Europa, dos alicerces de sua civilização.

O exemplo que esses rapazes ingleses, os alegres "cockney boys", dão ao mundo, construindo uma nova tática para evitar guerras entre povos irmãos pelo sangue e pelos destinos humanos, deve frutificar como obra meritória e digna de todos os louvores. É a força da juventude agindo na direção do bem geral, cooperando decisivamente com as voltas que o mundo dá.



Um grupo de alemães, franceses e holandeses recebe lições de modelagem artística e fazem bonecos sob a direção de Mr. G. Lawson

Forração em passadeira de lã, cor cinza,
com 3 metros de largura. Os estôfos e
as cortinas são de SANDERLIN, o maravi-
lhoso tecido inglês de brilho e beleza
inigualáveis, resistente à água e à luz



Mobiliários e Decorações

orçamentos e sugestões por decoradores especializados

UM MUNDO DE TAPETES

persas, indianos, franceses, ingleses portugueses e nacionais... a preços do outro mundo!



FUNDADA EM 1912

65, RUA DA CARIOCA, 67 — RIO



Satisfação para
quem fuma



-orgulho para
quem oferece

É um cigarro para homens... e um
cigarro que as senhoras aceitam sem-
pre com satisfação. Mistura das mais
felizes, HOLLYWOOD é um distintivo
de bom gosto e paladar apurado.

CIGARROS

Hollywood

CADA CIGARRO SOUZA CRUZ É SEMPRE O MELHOR EM SUA CLASSE

COMPANHIA DE CIGARROS Souza Cruz